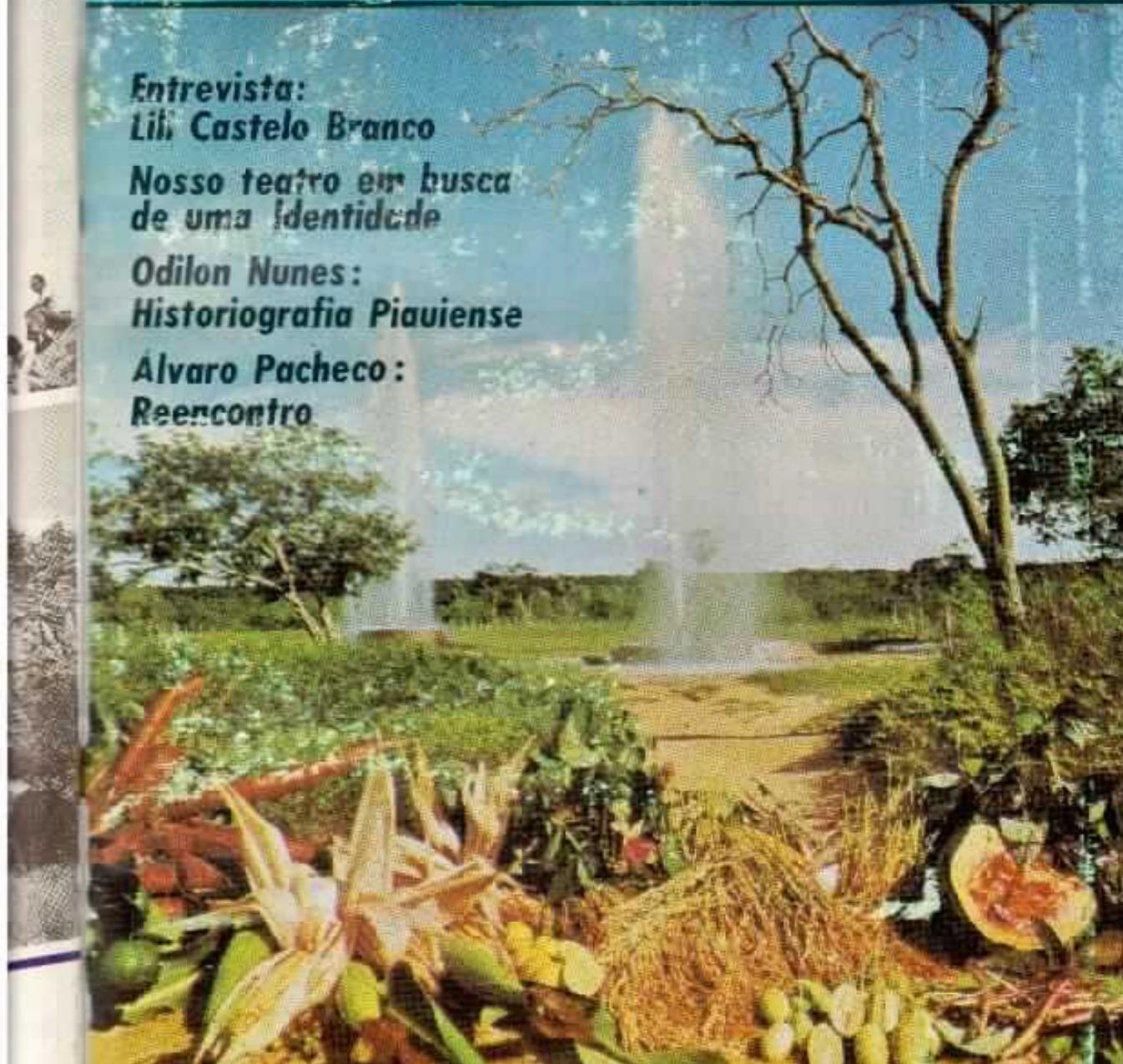


ÓRGÃO DA SECRETARIA DE CULTURA, DESPORTOS E TURISMO DO PIAUÍ
ANO IV - N.º 9 OUTUBRO/DEZEMBRO 1983

RESENA

Entrevista:
Lili Castelo Branco
Nosso teatro em busca
de uma identidade
Odilon Nunes:
Historiografia Piauiense
Álvaro Pacheco:
Reencontro



16.989 hectares

distribuídos com 750 pequenos produtores, beneficiando 3.750 pessoas da comunidade macambira, em Batálha.

cada - conta com toda a
infra-estrutura básica. São escolas,
postos de saúde, sistemas
simplificados de abastecimento
d'água e 28,3 km. de estradas
vicinais.
São 3.750 pessoas fazendo a terra
comprir a sua função social. Elas
existem para isso. Para fornecer
produtos e serviços para a
população. E, para garantir uma
vida melhor para quem trabalha e
acredita.

ocupação com o intuito de
propriedade, o acesso ao crédito e a
melhores técnicas de cultivo,
possibilitando ao homem do campo
tirar da terra o sustento de sua
família e contribuir para o nosso
desenvolvimento. Elas, nem só de
terras precisa o pequeno agricultor
para melhorar sua condição de vida
e de produção.

Por isso, a área distribuída em 150
lotes - com média de 25 hectares

ligados ao meio rural - educação,
saúde, saneamento e assistência
técnica - se faz necessária uma
reorganização na estrutura
fundamental do nosso Estado.
A Secretaria de Planejamento
através do Projeto Vale do
Pará, tem como elemento
central dessa estratégia um
programa de aquisição e
distribuição de terras aos pequenos
agricultores. É a segurança da
vida com ênfase para a solução de
problemas econômicos e sociais
crônicos, a maioria dos quais

O Governo Hugo Napoleão iniciou

um novo modelo político,

administrativo, que é caracterizado

por ações qualitativas diretam-

ente canalizada para o estímulo à

produção interna, lutando à

participação de todas as forças da

sociedade.

Nesta fase, em que o Governo se

vista com ênfase para a solução de

problemas econômicos e sociais

crônicos, a maioria dos quais

Secretaria de Planejamento
Projeto Vale do Pará

GOVERNO

HUGO NAPOLEÃO

Interpi
Polimórfico

EDITORIAL

O Piauí tem se caracterizado há muito tempo como receptor de bens culturais porque, na impossibilidade de divulgar suas produções, apenas recebe as que vêm de fora, tornando a cultura local por vezes isolada, inibida e nada ressonante.

Bons músicos, bons teatrólogos, bons artistas plásticos, bons escritores vêm sua produção circulando quase sempre a nível de Piauí e muitas vezes até engavetada, arquivada, por falta de meios para exibi-la.

Vista sempre como animadora cultural, a Secretaria de Cultura tem cumprido o papel de estimular a produção artística. Estimular, no entanto, implica em fornecer meios para a criação e não somente espaços para apresentação. A criação, fato primeiro, sem suporte para a execução, morre ao nascer.

Propiciando ao escritor a edição de seus livros; ao teatrólogo, a encenação de suas peças; ao artista plástico, matéria-prima para suas obras; ao músico, gravação de suas composições, fatores imprescindíveis para que o público conheça e participe do crescimento do artista, a Cultura estaria cumprindo sua missão.

Visto o problema sob esse ângulo, até que ponto a Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, através da Fundação Cultural, estimulou a vida cultural do Estado?

Nove meses se passaram, uma gestação. Pesquisas, encontros, diávidas, discussões, nortearam este tempo, rico também em atividades animadoras. E a resposta começa a surgir neste final de dezembro. O Projeto Petrônio Portella, que possibilitará a edição de autores piauienses; o concurso de teatro Jônatas Batista, que, seletivo, possibilitará a encenação do texto premiado e ao roteirista de cinema o financiamento e divulgação de seu trabalho, através do Concurso de Roteiros de Cinema.

A Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo não vai parar aí. O Fundo Rotativo do Artista Popular acena com a possibilidade concreta de sua realização; os músicos verão seus trabalhos gravados, conjuntamente, muito em breve.

Então, não mais estaremos isolados e sim participando de um contexto cultural brasileiro, divulgando o que podemos chamar de "coisas piauienses", feitas por piauienses.

Lena Monteiro de Carvalho

ANO IV - Nº 9 - OUT/DEZ/1983

PRESENÇA

Órgão Oficial da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo

Governador do Estado do Piauí
HUGO NAPOLEÃO

Secretário de Cultura, Desportos e Turismo
JESUALDO CAVALCANTI BARROS

Presidente do Conselho Estadual de Cultura
BENJAMIN DO RÉGO MONTEIRO NETO

Editor
LENA MONTEIRO DE CARVALHO

Conselho Editorial

Carlos Evandro Eulálio
Francisco Miguel de Moura
Amaury Trixiera Nunes

Diretor Comercial

José Elias Martins Arca Leão

Secretaria

Sônia Maria Setábal Cunha e Silva

Colaboradores:

Eduardo Marques Carocas, Lili Castelo Branco, Odilon Nunes, Carlos Evandro Martins Eulálio, José Reginni Pires Melo, Aci Campelo, Sarah Maria Mourão Benício, Sônia Leal Freitas, Hardi Filho, Wilton Santos, Alcide Wagoer da Rocha Senna, Padre Matosilém Souza, Magalhães da

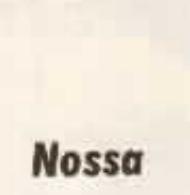
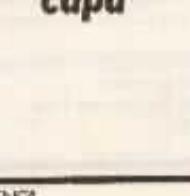
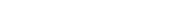
Costa, Dagoberto Carvalho Júnior, Maria Gomes Figueiredo dos Reis, Alvaro Pachern, Edison Gayoso, Castelo Branco Barroso, Paulo Machado, Kenard Kruel e Tito Filho.

Endereço da redação
Av. Miguel Rosa, 3.300 - sul
Fone: 223-4656 - 223-4657

As conceitos e opiniões aqui emitidos são de responsabilidade exclusiva dos autores das textos.

Planejamento gráfico, compilação, fotolito e impressão
Companhia Editora do Piauí
— COMEPI.

SUMÁRIO

	ENTREVISTA A. Tito Filho entrevista Lili C. Branco	8
	Casos e Cousas da Historiografia Piauiense	12
	A realidade do poeta inocente e a inocência do poeta real	21
	Música popular piauiense	22
	Nosso teatro em busca de uma identidade	24
	Pedro II, um outro Piauí	26
	Escultura Popular	35
	A ESCOLA DO RECIFE — Reflexos no Piauí	42
	DEPOIMENTO — REENCONTRO Álvaro Pacheco	51
	A luta pelo porto marítimo do Piauí	56

Nossa
capa

IMENSINA



No vale do rio Gurgueia, o segundo maior rio piauiense em importância, inúmeros poços jorraram em média mais de 200.000 litros por hora. O poço Violeta, localizado no município de Cristino Castro - Piauí, destaca-se com uma vazão equivalente a 735.000 litros por hora, evidenciando o elevado potencial hidrico do subsolo piauiense.

CARTAS

Agradeço a remessa da revista Presença, em que li, com agrado, interessantes colaborações, dentre as quais destaco as que tratam de identidade cultural, de Piracuruca, de Teresina e de Abelbeiras.

Claudio Pacheco

Brasília, 18 de novembro de 1983

xxx

Dou em meu poder o último número da Revista Presença, de boa feição gráfica, contendo fartas matérias noticiosas, ilustrativa e permanente e cuja leitura, sem dúvida, nos deu agradável prazer, pelo que somos gratos, ao tempo em que cumprimentamos a Secretaria de Cultura pelo lançamento.

Magalhães da Costa
Teresina, 30 de novembro de 1983

xxx

Registrarmos, com imenso prazer, o recebimento do 8º número da revista PRESENÇA, ór-

gão da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo do Piauí. Ao fazê-lo deixamos de apontar destaques especiais, para não praticarmos omissões, porque no contexto da revista há um elenco de fulgurantes inteligências: escritores, poetas e artistas, uma pleia de intelectuais que enobrece a cultura piauiense. Destacar seria particularizar e isso não nos convém fazê-lo num simples gesto de agradecimento.

Apenas um destaque imenso: a fotografia que ilustra a Capa, porque ela descreve as grandezas infinitas da nossa querida terra, reflete o colorido exuberante da paisagem e demonstra as inesgotáveis possibilidades turísticas do nosso Estado, dono absoluto de uma natureza prodigiosa cheia de beleza e encantos.

José Saldanha Fontenelle Filho
Secretário Extraordinário

Brasília, 18 de novembro de 1983

É-me ainda grato dizer que muito apreciei a publicação da revista PRESENÇA. A matéria, envolvendo o turismo e, portanto, o lado intelectual, e ainda o serviço gráfico, realçam o padrão de cultura do nosso Piauí.

Envio os meus parabéns e agradeço cordialmente a gentileza da remessa da dita publicação.

Do criado atencioso e cortês obrigado —

Bugoya Britto.

Rio, 29 de novembro de 1983

xxx

A Lena Monteiro de Carvalho agradeço a remessa do nº 08 da "Presença" e cumprimento pela qualidade do trabalho; boa apresentação gráfica com rico conteúdo de História e Cultura piauiense.

Renato Castelo Branco

Rio, 22 de novembro de 1983

HUMOR



QUADRINHOS

Marcos Carocas

A EVOLUÇÃO DA VIOLENCIA



FATOS & NOTÍCIAS

Cultura Estimula o Civismo

Em solenidade na Biblioteca "Cromwell de Carvalho", no dia 2/12/83 o Secretário de Cultura, Desportos e Turismo fez entrega dos prêmios aos classificados no Concurso de Redação: "A Proclamação da República".

Foram premiados os trabalhos de Osvaldo Pereira da Silva Souza, Agamenon Guimarães Coelho, Paulo Henrique N. Santos, Reinaldo Barros Torres e Raimundo Sampaio de Araújo. Cada um, pela ordem de classificação, recebeu 30, 25, 20, 15 e 10 mil cruzeiros. O concurso tem o objetivo de estimular o civismo entre os jovens.

Concurso de Teatro

O teatrólogo piauiense Jônatas Baptista foi escolhido pelo Secretário de Cultura, Desportos e Turismo, Jesualdo Cavalcanti Barros para nome do Concurso de Textos para Teatro. O concurso está aberto aos piauienses ou residentes no Estado há mais de trés anos. As inscrições serão aceitas até o dia 30 de abril/84, na Fundação Cultural do Piauí (Diretoria de Assuntos Culturais), à Av. Miguel Rosa, nº 3.300/S. O mais importante do Concurso é que o prêmio será o subsídio para a montagem do texto, concedido em duas parcelas, a 1ª de 70% para a montagem e encenação e a segunda parcela de 30%, após a primeira apresentação da peça.

Argumentos e Roteiros para Super-8

A Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, com a colaboração da Secretaria de Educação e a Prefeitura de Teresina, institui o I Concurso Piauiense de Argumentos e Roteiros para Super-8. A iniciativa tem por objetivo incentivar a produção cinematográfica, apoiar o movimento pró-cinema que surge no Estado e divulgar as potencialidades piauienses.

através do tema do concurso — "Piauí", os participantes podem abordar aspectos que vão desde a cultura piauiense até sua história, incluindo também, o folclore, o turismo e a economia. O período para as inscrições, que deverão ser feitas na Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, se estende até o dia 29 de fevereiro, no horário de 8 às 12 horas. Maiores informações na Diretoria de Assuntos Culturais, à Avenida Miguel Rosa, 3300-S - Teresina.



Escritório Regional:
Rua Coelho Rodrigues, 2033
Teresina - PI. Fone: 223-4060

Parnaíba — Ponceon Rodrigues & Cia. Ltda.
Av. Dr. João Goulart, 315
Fone: 322-2184

Campos Maior/Piçarras — Mabel — Mafrense Bebidas Ltda.
Av. Heróis do Jenipapo, 709
Campos Maior
Floriano — Distrib. Bebidas Vale do Parnaíba
Fone: 522-1626

Oeiras/Picos — Barbosa & Cia.
Av. Duque de Caxias, 133
Fone: 462-1261/1342
DISTRIBUIDORES NO PIAUÍ
Teresina — Ponceon Rodrigues & Cia. Ltda.
Av. Maranhão, 71 - 81-Sul
Fones: 222-6862 - 222-2673
Distribuidora Chagas Barreto do Piauí Ltda.
Alameda Parnaíba, 839
Fone: 223-4766 / 4767.

ENTREVISTA



**Lili Castelo
Branco**



A TITO FILHO — A senhora nasceu em Portugal. Suas origens portuguesas sofreram alguma vez choques com hábitos e costumes brasileiros?

L.C.B. — Não. Esses desacordos não existiram entre minha família e os brasileiros. Meu pai integrava-se de tal forma ao Brasil que terminou se naturalizando brasileiro. Criei-me em Belém do Pará onde existe uma das maiores colônias portuguesas do Brasil. Ao contrário, sempre notei um certo prestígio pessoal quando me identificava como portuguesa.

A. TITO FILHO — Seus pais fixaram-se na Amazônia. Como a senhora considera a Amazônia da época em que chegou com seus pais ao Brasil?

L.C.B. — Atrasadíssima. Semeadas de índios que não raro atacavam povoados, vilas, a própria cidade. Morávamos no sertão, rodeados de matos e sobrevivemos de todos esses perigos por graça de Deus. Minha mãe, coitada, acostumada à sua terra, filha de fazendeiro e professor, inúmeras vezes erguia as mãos para o céu, desanimada e clama-

va: — Se for, Jesus, para ficar neste degredo com minhas filhas, protegei-me as forças, por vezes, desanimo...

Apesar disso habituei-me ao lugar onde fiquei dos três meses de idade aos oito. E, o que me ficou verdadeiramente gravada no cérebro para sempre foi a exuberância daquelas árvores, a quantidade e variedade de suas frutas silvestres, as caças a correrem à nossa frente, os peixes pegados à mão. Não há, pô, isso assegurar sem contestação, natureza mais forte, mais exuberante, mais rica que a da Amazônia.

A. TITO FILHO — Casou a senhora morou no Rio, no Piauí. A vida do seu... nas diversas camadas... era melhor ou pior do que hoje? De qualquer maneira, tifique o seu pensamento.

L.C.B. — Vivi a melhoria da minha vida jovem, a cidade, já aquela época até civilizada. Tinha o espírito me adorava e me continha anseios progressistas, ev me, quem sabe, decepcionante. Já aquele tempo malava contra a proibição da mulher em atividades públicas. Por que tolher os anseios da mulher, seu poder administrativo, sua ocupação de empregos se a sua capacidade de trabalho e inteligência se revelasse homem? Tive à mão um de iniciativas, avancei na e fui tolhida pelas conservadoras da mulher. Quase grimas me custou a falta da emancipação. Hoje comecei integralmente ao homem que assume carreiras, comerciais e legais. E nelas que desejo ir renascendo, me comp-

**capacidade de trabalho
e inteligência da
mulher se revela
à do homem.**

ENTREVISTA



Lili Castelo Branco

A. TITO FILHO — A senhora nasceu em Portugal. Suas origens portuguesas sofreram alguma vez choques com hábitos e costumes brasileiros?

L.C.B. — Não. Esses desacordos não existiram entre minha família e os brasileiros. Meu pai integrhou-se de tal forma ao Brasil que terminou se naturalizando brasileiro. Criei-me em Belém do Pará onde existe uma das maiores colônias portuguesas do Brasil. Ao contrário, sempre notei um certo prestígio pessoal quando me identificava como português.

A. TITO FILHO — Seus pais fixaram-se na Amazônia. Como a senhora considera a Amazônia da época em que chegou com seus pais ao Brasil?

L.C.B. — Atrasadíssima. Se meada de índios que não raro atacavam povoados, vilas, a própria cidade. Morávamos no sertão, rodeados de matos e sobrevivemos de todos esses perigos por graça de Deus. Minha mãe, coitada, acostumada à sua terra, filha de fazendeiros e professor, inúmeras vezes erguia as mãos para o céu, desanimada e clama-

va: — Se for, Jesus, para ficar neste degredo com minhas filhas, protege-me as forças, por vezes, desanimado...

Apesar disso habituei-me ao lugar onde fiquei dos três meses de idade aos oito. E, o que me ficou verdadeiramente gravada no cérebro para sempre foi a exuberância daquelas árvore, a quantidade e variedade de suas frutas silvestres, as caças a correrem à nossa frente, os peixes pegados à mão. Não há, posso assegurar sem contestação, natureza mais forte, mais exuberante, mais rica que a da Amazônia.

capacidade de trabalho
e inteligência da
mulher se revela
à do homem.

A. TITO FILHO — Casando-a a senhora morou no Rio, no Piauí e no Piauí. A vida do seu tempo nas diversas camadas sociais era melhor ou pior do que o hoje? De qualquer maneira, justifique o seu pensamento.

L.C.B. — Vivi a melhor éca da minha vida jovem, no Rio, já aquela época altamente civilizada. Tinha o esposo e me adorava e me continha. Os anseios progressistas, evitava-me, quem sabe, decepções e amores. Já aquele tempo me relava contra a proibição social mulher em atividades públicas. Por que relher os anseios da mulher, seu poder administrativo na ocupação de empregos públicos se a sua capacidade de trabalho e inteligência se revela à homem? Tive à mão um modo de iniciativas, avancei para e fui tolhida pelas convenções sociais da mulher. Quantas grimas me custou a falta da sua emancipação. Hoje, o co-me integralmente ao lado mulher que assume cargos públicos, comerciais e legislativos. E nelas que desejo ir brotan renascendo, me completar.

como se estivesse a reviver nelas o que deseja e me foi negado. No Piauí pouco vivi, casei moçinha. Mas é um povo bem educado, atencioso e culto. Ainda conservo lá alguns parentes e amigos, me alegra quando virgem e guardarei da infância lá vivida uma doce recordação. Do Piauí onde nascem meus três filhos, terra de meu adorado esposo, não posso dar boas informações quanto ao que era à época em que cai dentro dele, de paracidas. Seu movimento cultural já se fazia ressaltar em seus homens, o piauiense é um dos homens mais inteligentes que conheci e conheço. Falo em cultura e inteligência ao tempo em que vim morar aqui. Quantos a educação social, o trato com senhoras, fui o povo mais atrasado que conheci. E, cuidado, ainda hoje há necessidade de um curso eletivo para alguns teresenses. Daquela época recordo a seguinte cena: encontramos na rua dos importantes desembargadores e meu esposo apresentou-me: — Olhem, aqui é Lili, minha esposa, está gostando muito da terra. Elas, chapéu enterrado na cabeça, mal me tocaram as mãos que tinham geladas. A seguir deram-me as costas e confidenciaram com meu marido. Assim foi a Teresina daquele tempo...

A. TITO FILHO — *Como a senhora viu o processo cultural do Piauí? Que já se fez no Piauí em matéria de cultura? Qual a verdadeira orientação para o Piauí?*

L.C.B. — O processo cultural do Piauí vai em pleno êxito. Progressimos tanto, nos impomos de maneira tão eficiente com nossa literatura, que, julgo, não nos humilhamos perante os maiores. Não são todas as cidades do Brasil que possuem a pléiade de escritores que possuímos. Nós nos impomos no conto, no verso, no romance, de ficção, nas pesquisas biográficas, nas lendas, nos romances verídicos, etc. A questão é que o povo piauiense ainda não criou o hábito da leitura. Aquele amor cultural que leva a pessoa a colocar acima de outros prazeres o da leitura. Daí o fracasso das livrarias que, se recebem livros, os vêem encalhados, sem fregueses. Não faz muito um amigo meu escrever do Rio: — D. Lili, qual a livraria aí que vende o seu livro de memórias?

— Nenhuma. Creio que nenhum escritor piauiense se utiliza desse meio comercial como ajuda à venda de suas produções. Não há maior desestímulo para um escritor que ver seu livro encalhado. Necessitamos já, urgentemente, de propaganda, impulso

L.C.B. — De fato o mundo piora dia a dia. Os setes se tornam mais desumanos, frios, propensos ao roubo e ao crime. Digo pioram, porque luto, sim, é crime sempre existiram no mundo. Parece que veremos ao fim dele observando essa tal qu-



O processo cultural do Piauí vai em pleno êxito.

ao que produzimos literariamente. Não sei a quem compete a medida mas há a necessidade de enviar para outras cidades as nossas produções literárias para que possamos aparecer tão brilhantes quanto as melhores. Nem sempre a obra literária que ganha prêmio de "o melhor" é de fato esse portento. A propaganda que o lança é, raro, que o impõe.

A. TITO FILHO — *Existe hoje um mundo violento e desumano. Milhões de criaturas passam fome. Desarranja-se a família. Quais as causas mais sérias que perturbam e infelicitam a vida do homem?*

sa infelicidade. Quanto ao desgagemento familiar ou que está provocando, inviso que cerca a sociedade do exagero de liberdade social, sua licenciosidade nos trajes, nas bebidas; que todos vão aceitando como naturais. A nudez em piscinas particulares ou públicas já é rotina, não vem de boa gente quem não despe, desta ou daquela maneira, para frequentá-las. Aquelas calcinhas justas e quase sem pano que são usadas comumente, prejudicam os costumes criam agressões sexuais. Sexo é sexo, não há progresso nem liberdade de costumes que o modifique, o conteineria. Não se faz sentir na hora, mas medra, cira raízes, tira o

respeito, abate a moral, degenera, e, não raro leva ao crime. Eu não sou, nunca fui puritana, mas não aceito que por qualquer amontinho, os namorados se beijem na boca. Nem há dúvida que o mundo se agravou depois que pais e filhos se igualaram no mesmo desrespeito às coisas de rotina.

A. TITO FILHO — O seu último livro, aquele em que narra as suas memórias, retrata uma Teresina deseducada e maledicente. Tal situação permanece ou houve modificações?

L.C.B. — A Teresina de hoje apaga completamente aquela Teresina que conheci. Agora se vive, ela se iguala em progresso e civilização às melhores do Brasil.

A. TITO FILHO — O feminismo representa um movimento afrimativo e necessário ou pródico à família e à sociedade humana? De qualquer forma justifique a resposta.

L.C.B. — Aceito o feminismo, mais que isso, eu o julgava necessário. No entanto, aconselho a todas as mulheres a cuidado de não perderem sua submissão amorosa, ao homem, aquela meiguice que a enaltece no lar, lhe da a realza mais linda e mais valiosa do mundo.

A. TITO FILHO — A senhora acredita na existência de uma literatura piauiense? Justifique sua resposta.

L.C.B. — Claro, eu a tenho em consideração, ela me pertence em parte, eu vivo do orgulho que ela me transmite. Não só acredito como espero que a sua existência jamais se apague neste Piauí que adoro.

A. TITO FILHO — Dos piauienses mortos qual o que mais representa a cultura literária do Piauí? E dos brasileiros mortos, qual o que mais penetrou literariamente a alma nacional?

L.C.B. — São tantos os nobres do Piauí, já mortos, que escolher o melhor me parece ingratis. Eu os julgo, inclusive a minha Lízinha que lá se encontra, uns verdadeiros heróis pelo que produziram no seu desempenho terrestre. Quanto aos brasileiros mortos, sua penetração literária na alma nacional, é muito relativa. Cada um, neste mundo de Brasil pensa de um jeito e eu, bem, eu opino por todos, nã-

vou me incomodar com gente morta.

A. TITO FILHO — Dos governos do Piauí, qual o que mais protegeu e incentivou as letras?

L.C.B. — Não vejo um que se realçasse ao ponto de se tornar o herói protetor da nossa literatura. Todos os que conheci, ajudaram a elevá-la, no entanto não houve ainda aquele que realmente se batesse por projetar-nos conforme nosso esforço em prol da valor cultural piauiense.



Nossos jornais,
alias tão bem
feitos quantos
os melhores do sul,
não se ocupam com
assuntos literários.

A. TITO FILHO — Dos jornais do Piauí qual o que mais protege e incentiva as letras?

L.C.B. — Nossos jornais, alias tão bem feitos quanto os melhores do Sul não se ocupam com assuntos literários. Todos eles preferem divulgar os desastres, desavenças policiais, roubos. Eu como exemplo, esperei que o jornal O Dia, meu jornal familiar, estampasse o meu retrato em suas colunas quando publiquei o meu livro de memórias. Afinal o livro fez sucesso. Nada, esperei em vão. Jornal do Piauí não vai muito com gente de letras.

A. TITO FILHO — De que forma analisa a vida intelectual do Piauí? Quais as suas definições? Quais os seus pontos positivos?

L.C.B. — A vida cultural do Piauí pode ser definida como uma vida amena em que todos se congregam no sentido do progresso e prestígio das suas produções literárias, respeitando a integridade do saber de cada um, procurando elevá-lo já que formam uma comunidade. Juizo que nesta resposta já inclui os pontos positivos da nossa cultura.

A. TITO FILHO — Quais as figuras mais representativas da vida intelectual do Piauí hoje?

L.C.B. — Temos os componentes da A.P.L que, certamente se integram a uma capacidade intelectual de destaque. Considero-os de um por um, intelectuais respeitáveis a elevar a entidade a que pertencem.

A. TITO FILHO — A senhora pertence à Academia Piauiense de Letras. Que tem feito essa entidade em favor da cultura literária e histórica do Piauí?

L.C.B. — Nossa Academia de Letras é uma das Academias Culturais que mais capricha no interesse de impor-se como uma entidade cultural de destaque nos melhores. Seu presidente, Arimatéa Tito Filho, é sem contestação um ser talhado para dirigir-lá. Criterioso, atento aos interesses da "casa" e dos seus componentes, eleva o cargo porque suas qualidades de devotamento, preparo intelectual, vasto, internacional, dificilmente seriam superadas por outros. Tan eficiente que estimamos, porque todos recebemos as gentilezas que nos proporciona. Certamente nenhum acadêmico se disporia a substitui-lo nessa chefia. Sua cooperação em nosso favor, o impulso que tem conseguido em prol de nosso destaque intelectual são inigualáveis. Progridimos sim, quem se dirá superar a nós, quem levará ao alto literário melhores produções do que as nossas? A Academia Piauiense de Letras está no topo das demais que orgulham a cultura brasileira.

Membro da Academia Piauiense de Letras e autora dos seguintes livros:

Ermelinda, Os Amores de Tomaz, A vida romântica de Simplicio de Sousa Mendes, Os mistérios do Castelo, Qual será afinal o nosso fim, e o último publicado em 1983 — Fases do meu passado.

Uma cadeia para a sua liberdade



O Piauí, confiante no desenvolvimento do turismo interno, está implantando uma cadeia de hotéis para você desfrutar em liberdade, roteiros que você mesmo descobrirá.

A construção do Hotel RIMO, na cidade de CORRENTE, no sul do Estado, já foi iniciada e estão aprovados os projetos para Luiz Correia, Pedro II, Esperantina, Canto do Buriti, S. Raimundo Nonato e Oeiras.

A cadeia RIMO espera recebê-lo em futuro próximo em uma de suas unidades turísticas.

Até breve.

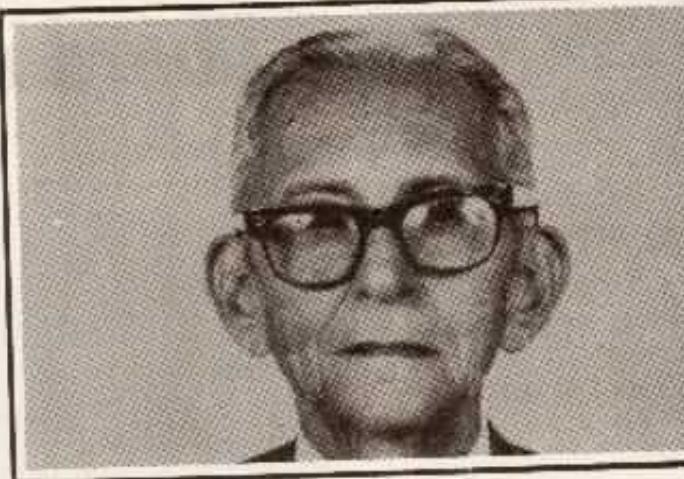


Rede Integrada
de Hotéis e Motéis
do Piauí S.A. — RIMO
Fone: 223-3100
Teresina - Piauí

Vinculada à Secretaria de Cultura,
Desportos e Turismo



Casos e Cousas da Historiografia Piauiense



Wilson de Andrade Brandão, professor titular da Universidade Federal do Piauí, tem credenciais para se dedicar ao estudo da história. Iniciou esse gênero de literatura publicando *História da Independência do Piauí*, robusto volume de mais de trezentas páginas, apresentado pelo governador Alberto Tavares Silva. Antecendendo ao frontispício interno do livro, vemos, na página fronteira, a relação das principais obras que o ilustre professor já publicou sobre Direito, Filosofia, e Sociologia. Sob sua orientação faria ser reeditada em seguida *Memória Cronológica, Histórica e Geográfica da Província do Piauí*, de José Martins Pereira de Alencastre, que seria apresentada pelo governador Lucídio Portella Nunes.

Nesse novo volume Wilson fez longa *Introdução* com uma pesquisa sobre *Historiografia Piauiense* que seria sua segunda contribuição nesse novo plano de estudos. Esse estudo veio preencher uma lacuna na história do Piauí desde muito sentida, e seu preenchimento reclamado pelos que se dedicam à pesquisa histórica. Seu trabalho é substancial. O autor discorre plenamente, com brilhantismo sobre o tema apresentado. Sua contribuição é fundamental para o conhecimento da historiografia.

Era, então, Wilson, deputado estadual e figura de destaque na política piauiense. É lamentável, entretanto, que o acúmulo de trabalhos haja forçado o ilustre escritor a elaborar apressadamente seu estudo sob pressão de múltiplas preocupações. Como resultado escaparam algumas falhas que exigem reparos, especialmente com referência a omissões. Isso, entretanto é coisa inevitável em história.

Em sua *Historiografia Piauiense* não aparece Antônio Freire que foi o primeiro pesquisador piauiense que buscou no arquivo do Estado elementos para a elaboração de seus trabalhos. Publicou *Límites entre os Estados do Piauí e do Maranhão*, em 1907 e *Límites do Piauí* em 1921, esse último volume, no Rio de Janeiro. Não pesquisou apenas no arquivo de nosso Estado. Cita dezenas de documentos comprovando suas conclusões e obede-

cendo uma técnica impecável. Registra longos tópicos de fontes primárias e faz conhecer os arquivos e o documento, sua data, página e número dos livros em que se encontra.

Antônio talvez seja ainda o autor de *Três Tiras*, série de artigos publicados em *A Notícia* de 1914 e que teve continuidade em *A Imprensa* de 1928, ambos os jornais editados em Teresina. É o que se encontra de mais importante para que se conheça a his-

tória e o desenvolvimento sul nos últimos anos do e primeiros dias do período republicano. Embora não tenha assinado o conjunto dos artigos, é lícito que seja sua autoria. Que se veja também a *A Notícia*, nº 3 de fevereiro de 1914.

João Pinheiro também é cadastrado como his. Seu nome aparece num nota com referência a Cláudia, entre tanto, i-

nologia dos primeiros dias da República, iniciativa que abandonou para ingressar na imprensa e na literatura. Posteriormente prosseguiu no propósito de Lucídio Freitas e nos deixou uma preciosa obra, *Escorço Histórico da Literatura Piauiense*. Mais tarde publicou um ensaio sobre os primórdios do Piauí, trabalho que mereceu elogios na imprensa canoca.

Higino Cunha também não deveria ser omitido da *Historiografia Piauiense*, pois tem *História das Religiões no Piauí*, com pouco menos de trezentas páginas, publicada em 1924. É também de sua autoria *Os Revolucionários do Sul através dos serviços nordestinos do Brasil*, editado em 1926. Em suas Memórias anunciou a conclusão da *História da Revolução de 1930*. Higino Cunha deixou-nos muitas informações históricas, especialmente traços biográficos, sendo o mais importante o estudo referente a Anísio de Abreu.

E lamentável que a *Historiografia Piauiense* tenha mantido no esquecimento o nome de Joel de Oliveira que muitas informações nos deixou na imprensa de Teresina e de Parnaíba, especialmente sobre a fase republicana. No esquecimento ficou também Hermínio Conde.

Não são poucos os que se fizeram historiadores após os decênios de 50 e 60. Na Academia Piauiense de Letras há vários confrades de Wilson que tem estudado a história do Piauí em publicações dignas de respeito pela originalidade dos temas ainda não explorados. Houve omissões lamentáveis. Noutras áreas como na ciência, na política, na diplomacia surgem historiadores cujas obras são lidas com prazer, pois divulgam nossas tradições em estilo sóbrio e elegante. Muitos deles não aparecem em sua *Historiografia*.

Nossa historiografia é efectivamente pobre, e Wilson quis cadastrar o máximo possível de contribuintes. Tanto assim que aconselha sejam citados sempre que possível o nome de autores piauienses. Obediente a sua orientação citou a *Pequena História do Piauí*, a cujo autor elogiou de "paciente e lucido, polígrafo notável servido de sólida cultura humanística". Provavelmente não leu a *Pequena História do Piauí*, da qual ainda diz que "é muito consagrada, primordial-



mente por suas qualidades didáticas".

A *Pequena História do Piauí* é um volume de 56 páginas, das quais o autor escreveu apenas 50 páginas, pois as restantes foram destinadas ao frontispício e dedicatórias. Se Wilson houvesse lido esse pequeno volume, provavelmente teria visto nas oito primeiras páginas escritas pelo autor oito erros de história.

Wilson deveria ter aproveitado a reedição da obra de Alencastre, para fazer a revisão histórica e cartográfica, ou confiado a outrem essa incumbência, em virtude de erros revelados com o aparecimento de documentos que só posteriormente foram encontrados. Diz ele em sua *Historiografia* que "a autoridade de Alencastre dá prestígio à corrente que defende a prioridade de Domingos Afonso Sertão ao desvassamento e conquista do Piauí". E ainda acrescenta: "Expressamente a adota o escrupuloso Varnhagen, na *História Geral do Brasil*, ficando sem repercussão a observação que fez Rondon Garcia à 3ª edição dessa obra, 111 Vol. 296". A causa não é assim.

Para provar a prioridade dos paulistas na conquista do Piauí não precisamos senão da carta de Domingos Jorge Velho, bem como da confirmação da sesmaria concedida logo após o Contrato para a submissão de Palmares. Em *Um desafio da historiografia do Brasil*, de minha autoria e publicado em 1979, há um apêndice de dez páginas em que se encontram os documentos que elucidam a controvérsia. Mas ler documentos por vezes escritos em estilo medieval, analisar e criticá-los, estudo causas e efeitos, harmonizá-los entre si em busca da verdade, é efectivamente doloroso. Só mesmo para bicharéis, para causíd-

cos treinados nos feitos processuais, habituados aos contatos com os cartórios, com os fóruns, com os tribunais. Que Wilson leia esses documentos, para poder formular melhor julgamento sobre o assunto. Leia também o contrato para a destruição de Palmares.

Wilson diz também que Alencastre, estuda os fatos "os classifica, narra, questiona e elucida". E ainda: "o historiador é austero" e "está sempre na incessante procura da verdade", pois crê que a verdade "na história só pode assentar em documentos escrupulosamente estudados".

O historiador assim prelecionava, mas nem sempre seguia a ética indicada. Chegou no Piauí quando havia saído há pouco da adolescência. Protegido de Saraiva que o trouxera quando nomeado presidente da província, distinguiu-se pela inteligência e capacidade de trabalho. Transfida a capital de Oeiras para Teresina, continuou como burocrata e dedicou-se também ao magistério e à imprensa, fundando a *A Ordem*.

O Visconde da Parahiba que fora tão distinguido pelos ministérios, quer liberais ou conservadores, em face dos relevantes serviços prestados à nação, calhou no ostracismo, no governo de Saraiva. Foi quando Alencastre deu inicio à coleta de informações e escreveu sua obra pioneira sobre o Piauí. Certamente viu a documentação existente, o suficiente para se conhecer a verdadeira personalidade do velho Visconde da Parahiba. Vejamos como o apresenta: "... um homem sem princípios, diz ele, sem educação, que deu todo o seu merecimento a uma dessas aberrações da fortuna, a um desses caprichos monstruosos da sorte. Ele governou a Província por quase vinte anos! Sem lei porque essa eram os arrebatamentos fúteis de seus maus instintos! Sem justiça, porque ele foi o alvo da honra e da vida de seus concidadãos! Seu governo foi sempre sua vontade e seu arbitrio. Esse homem ainda existe, e o historiador que para o futuro quiser falar, de seu governo, escreverá-nada-sobre uma página negra".

Al está o arrebentamento dum adolescente apaixonado, mais folclórico, demagogo que histo-

riador austero que busca sempre a verdade.

Nesse volume de Alencastre mais valor testemunhamos nas informações cartográficas, especialmente fisionográficas.

A História, quando matulada, oferece por vezes punição àqueles que ferem sua legítima e pura finalidade, como instrumento da verdade, da justiça, de ensinamentos e de aprendizagem.

Alencastre já em plena maturidade foi nomeado presidente de Alagoas. Vejamos agora como o historiador nosso contemporâneo, Craveiro Costa, descreve sua administração nessa província: "um período de opressão inominável... Alencastre perturbou a tranquilidade alagoana e levantara contra suas atitudes violentos clamores imensos. A sua saída do palácio com destino ao porto de embarque os sinos nas igrejas repicavam festivamente e em todos os ângulos da cidade estrugiram os foguetes. A população solenizava com a sua ruidosa alegria a partida do despota". (Craveiro Costa. *História de Alagoas*, 123. Edição Comp. Melhoramentos de São Paulo).

O excesso de fontes documentais Wilson julga uma obsessão que "limita a visão e o descortina do historiador e lhe impõe o raciocínio". E passa a dar conselhos. Em partes ele tem razão.

Mas, em se tratando do estudo da história do Brasil, especialmente do período colonial, o documento, por vezes torna-se imprescindível, pois é nele que se erige o conhecimento histórico. E isso ainda especialmente em Estudo como o Piauí, cuja história, como a da Antiguidade e a Medieval, foi escrita com base em poucos cronistas e quase nenhum documento, com indicação das fontes primárias.

Desde começo do século passado, a História ingressou numa fase de revisão, e sempre que possível sua pesquisa foi transferida para os arquivos onde se encontra sua fonte primária, ficando em segundo plano os cronistas dos fatos que lhes são contemporâneos. São esses cronistas que merecem fé, mas sempre que possível subordinados a outras fontes documentais, especialmente ao documento emanado contemporaneamente com as ocorrências narradas.



O verdadeiro historiador sabe quando e como deve citar o documento e sabe também que a história expressa em documentos bem analisados e criticados, é a fonte mais positiva.

No século passado surgem os primeiros grandes pesquisadores e historiadores da história Antiga e da Medieval: Renan e Alzog, Cailanges, Pirenne, Max Weber e George Friederici, este já estudando a Idade Moderna, e muitas outras cujas obras já traduzidas para o português podem ser consultadas pelos estudiosos de nossos dias. Numa mesma página dos livros desses pesquisadores e historiadores há 6, 8, 10 chamadas para o rodapé, e por vezes numa única chamada há anotações indicando 6, 8, 10 fontes documentais referentes ao assunto. É rara é a página em que não haja anotações das narrações feitas dos mesmos episódios.

Em *Pesquisas* não me dediquei à revisão propriamente, mas deixei elementos para isso. Ao historiador analista pedi, então, clemência, mas que criticasse meus estudos, pois ainda não me sinto com os predicados de escritor, nem tão pouco dum historiador. Ocorre também que trabalhei sem a cooperação dum time ou dum colaborador, num arquivo cujos documentos não estão catalogados ou mesmo explorados em bases científicas.

Wilson diz com referência a *Pesquisas* que é o maior esforço pessoal realizado na literatura histórica piauiense. Felizmente também diz, embora ironicamente, que valem um arquivo. Efetivamente quis apenas relacionar as fontes primárias e bibliográficas para que os futuros historiadores com base em novas fontes pudessem fazer a revisão de nossa história. Absteve-me de apontar erros de meus antec-

sores. E assim, meus estudos parecem um catálogo de documentos referentes ao Piauí. Quis colaborar com meus contemporâneos que se dedicaram ao estudo de nossa História. Tinha sido esse meu principal objetivo que nem sempre é preendido.

Lamenta Wilson, entretanto, que não me tenha utilizado elementos acumulados para crever a história geral do Piauí. Afirma que *Pesquisas* foram elaboradas sem espírito científico sem um método que pressuponha sua elaboração, motivo por sua consulta não é fácil, considerando que a fonte é a importânciam.

Fu presunção que houvesse escrito a história elementar do Piauí, ao publicar em 1931 *O Piauí na História*, e, talvez, a tória superior ao publicar outros volumes de *Pesquisas* no final de 60. Relutei em dar as denominações nos cinco volumes, talvez por timidez e mesmo modéstia. Não aparecer como historiador me sentia com os predicados de escritor, quanto mais de historiador. Minhas publicações eram simples relatórios relativos a minhas pesquisas pelas quivias e bibliotecas. Era meu objetivo.

Queria que meus trabalhos fossem recebidos como filhos de sapa, mas desejava que fossem recebidos com respeito como testemunhos de minha idade e capacidade de criação e do meu amor ao Piauí.

Vejamos como nasceu, em 1929, *O Piauí na História*. Foi o mestre-escola diretor Gondio Amarantino, fundado na cidade de Amaro, estabelecimento de cursos mísicos, e lutava com dificuldade para satisfazer o programa do Estado que exigia o da história do Piauí. Escritor, esse pequeno professor que tinha a vaidade de ter adotado nas escolas práticas de minha terra. Já é de mais de meio século, e a vaidade decepcionou-me. *O Piauí na História*, publicado em 1931, ainda não tem acesso em nossos estabelecimentos de ensino.

O *O Piauí na História* a história do Piauí em 42 los dispostos em ordem cronológica, desde a pré-história, quando de Dirceu quando

Edição, em 1975, e quando já sofreram alterações, especialmente para atualizá-lo e facilitar a pesquisa, guiando o aluno na biblioteca e mesmo na busca do arquivo.

São capítulos curtos em linguagem clara e sucinta. No fim de cada capítulo, desde muito, há uma anotação que indica as páginas dos livros de minha autoria em que se estuda o assunto da lição. O leitor ou estudante encontrará, então, as fontes em disposições mais amplas e também a indicação de novas fontes bibliográficas e de arquivos, essas, em sua maioria até então ignoradas.

O objetivo do autor foi satisfazer a exigência da lei referente ao ensino, estimular os que aspiram a maiores conhecimentos sobre o nosso passado a prosseguir em seus propósitos, e a fazer pesquisas, bem como tornar conhecido o Arquivo na Casa Anísio Brito.

As *Pesquisas* foram escritas obedecendo a mesma orientação. Há também pequenos opúsculos de estudos mais especializados. Quase todos os opúsculos figuram no rodapé das páginas do *O Piauí na História*. Hoje essas pequenas brochuras, anexas, estão sendo editadas em volumes maiores. Quem ler o *O Piauí na História*, mesmo que seja pessoa de mediana cultura, chega logo à conclusão de que é ele a história elementar do Piauí. O pequeno Almir, figura principal de cada lição, logo nas primeiras páginas diz ao velho Aguiar que deseja conhecer a história do Piauí, e o avô afirma que vai ensinar ao querido neto a história do Piauí.

No governo Rocha Furtado já estava concluída e datilografada a *Balizada* que foi lida por pessoas amigas a quem pedia me aconselhassem como melhorar os meus trabalhos. O governador fez minha adição, pelo espaço de seis meses, como funcionário do Estado na Casa Anísio Brito, onde prossegui de modo mais assíduo minhas pesquisas. Uma das minhas aspirações era dirigir a Casa Anísio Brito.

No decênio de cinquenta engajei-me a um grupo de pesquisadores que se dedicavam ao estudo do Piauí, especialmente na história e na economia. Padre Chaves publica seus primeiros estudos. Logo após surge *Economia Piauiense* dirigida por Mon-



teiro de Santana, e pude dar início nessa revista à publicação de meus trabalhos já então em grande parte elaborados. No governo de Petrônio Portela Nunes, sob o amparo do governador, publiquei os três primeiros volumes de *Pesquisas*.

Já então havia lido autores como Henri Beer, Basselaar, Wilhem Bauer, Langlois, CH Seignoboor. Mas, o meu autor predileto sempre foi, desde o decênio de cinquenta, José Honório Rodrigues, cuja obra muito me orientou em minhas pesquisas e publicações. Os trabalhos de José Honório Rodrigues, especialmente *Tópico*, devem ser lidos pelos que desejam aprofundar seus estudos.

Meus objetivos estavam sendo alcançados pouco a pouco.

O quarto volume de *Pesquisas* seria publicado no governo de Helvídio se não fosse a intromissão dum amigo que se tornaria desleal. Mas seria no governo de Alberto Tavares Silva que muito me auxiliaria na redação de minhas publicações da *Economia Piauiense* e da segunda edição de *Pesquisas*.

Pela primeira e última vez iria receber, por conta do Estado, graças a interferência de R. Wall Ferraz, então Secretário do Ensino, novecentos cruzados mensais, para prosseguir em minhas pesquisas que abrangiam então o período republicano. Essa comissão perdurou por mais dum ano. Fiz farta coleta de informações que estavam anotadas em mais de dez cadernos de cem a trezentas páginas, pois após o término da comissão, continuei as pesquisas.

Foi quando, então surgiu-me vãs tropeços na vida. Adoei, bem como minha esposa que tanto me auxiliaria como datilógrafa. Ingressei, então, na decadência física e suas consequências.

Contudo, anotaram-me forças para escrever essa ligeira digressão sobre a História no Piauí. Não desejava escrevê-la, pois esforço-me para dar continuidade a meu último volume que estuda assunto de interesse geral, ainda sobre história. São simples relatórios sem pretensões literárias, mas que julgo indispensáveis para o conhecimento de nossas tradições.

Muito devo a Lucídio Portela Nunes que tanto se interessou pelos meus estudos e pretendia reeditá-los toda a minha produção de história, especialmente *Pesquisas*, já completamente esgotadas. Chegou mesmo a autorizar em fins de seu governo que fossem manridos entendimentos com editora do Sul. Os entendimentos foram feitos, mas não houve continuidade.

Hoje são poucos os que se dedicam ao estudo da história do Piauí. São numerosos os historiadores piauienses contemporâneos. A Casa Anísio Brito já é um centro cultural que é visitado não apenas pelos piauienses, mas também pelos pesquisadores e historiadores de outros Estados e até mesmo estrangeiros, todos com o desejo de conhecer o nosso arquivo, quase sempre para efetuar pesquisas.

Luis Mott e Luis Lisanti, historiadores paulistas, têm visitado nosso arquivo por mais duma vez, trabalhando dias consecutivos na coleção de documentos. Ambos já fizeram pesquisas na Europa para ampliar seus estudos, e se referem a riqueza documental existente em Portugal sobre o Piauí. Ambos citam em suas obras autores piauienses contemporâneos os quais já são também citados por historiadores de vários Estados.

Mário Martins Meireles, um dos mais notáveis historiadores maranhenses, também já esteve na Casa Anísio Brito para fazer pesquisas. Clovis Moura, domiciliado em São Paulo, ilustre amarantino cujas obras tanto têm enriquecido a cultura brasileira, também já visitou a Casa Anísio Brito.

Por dias consecutivos, dois americanos tiraram fotocópias de dezenas de documentos de nosso arquivo, e mais tarde outro historiador de origem estrangeira matou elementos de sua equipe, recomendado a historiador do Piauí, com a mesma finalidade.

Essa busca de documentos na Casa Anísio Britto é o resultado do movimento que teve sua origem nos decênios de cinquenta e sessenta. Eu me engajei nesse movimento, cuja iniciativa coube a dois campomaiorenenses, Padre Chaves e Santana. Padre Chaves continua a trabalhar, abrindo portas para a história, publicando obras de real mérito. Ele não precisa de conselhos de quem quer que seja, pois sabe se considerar guiado por longo itinerário em grande parte dedicado a estudos e pesquisas históricas. Santana ausentou-se, indo para o Sul e demonstra no momento maior interesse pela



Economia. E eu continuo escrevendo meus relatórios, sem pretensões literárias ou científicas. Esses relatórios, pedem revisão, revisão sob o ponto de vista factual, especialmente em fatos que revelam a experiência social e política de nossos avôs. Outros, que façam a divulgação da nossa história em bases ideológicas, conforme suas tendências.

Eu me empenho com meus trabalhos de sapo. Eles têm sido úteis a muita gente.

Antes, a existência de nossos Arquivos, onde reponham as memórias de nossos antepassados era quase ignorada.

FATOS & NOTÍCIAS

Biblioteca homenageia Cromwell de Carvalho

No dia 28 de dezembro decorreu o 1º centenário de nascimento de Cromwell Barbosa de Carvalho que foi homenageado na Biblioteca Pública que leva o seu nome. Ao Des. Cromwell de Carvalho, o Piauí deve serviços inestimáveis nas letras, na esfera educacional, na magistratura, na administração, Jornalista, poeta e jurista. Desembargador Chefe de Polícia. Dele partiu a idéia de ser criada a Faculdade de Direito do Piauí, por ele dirigida muitos anos e na qual lecionou Direito Penal. Conseguiu a federalização do educandário em 1950.



Biblioteca "Desembargador Cromwell de Carvalho".

Cultura se recicla

O professor de História da Arte e artista plástico Ronaldo Reis, que desenvolve trabalhos no Rio de Janeiro, esteve em Teresina, atendendo convite da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, para ministrar um curso sobre História da Arte para os funcionários do órgão.

Piauiense em concerto

Numa promoção da Fundação Cultural do Piauí, foi realizado dia 4 de novembro, no Teatro 4 de Setembro, o recital de piano e flauta a cargo dos músicos Henrique Rebuá de Matos e o piauiense Wellington Veras Cardoso, com renda destinada à Fundação Yolanda Raulino, para instalação e funcionamento de sua sede em Teresina.

Festival de Teatro Amador

Foi realizado no período 11 a 18 de dezembro, em Parnaíba, o 1º Festival de Teatro Amador Parnaibano, sob a coordenação do teatrólogo José Nazareno. O 1º, como assim ficou chamado, contou com a participação um grande número de grupos atuais de Parnaíba e de outras cidades piauienses. A Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo colaborou para sua realização.

FATOS & NOTÍCIAS

O Museu e seu novo Diretor



Secretário Jesualdo empossa Nonato Oliveira.

O artista plástico Nonato Oliveira, piauiense de São Miguel do Tapuio, foi empossado dia 3 de outubro, pelo Secretário de Cultura, Desportos e Turismo, Jesualdo Cavalcanti Barros, diretor do Museu do Piauí, em substituição à professora Walda Maria Neiva de Moura Santos.

Ao empossar Nonato Oliveira, o Secretário, Jesualdo Cavalcanti Barros, salientou que a sua escolha tinha três justificativas básicas: valorizar o artista piauiense, escolhendo um dos seus mais ativos representantes, dar

ao Museu do Piauí o processo de continuidade que vinha tendo nas administrações anteriores, colocando ali um bom administrador e, principalmente, tornar aquela casa mais animante, para ocupar realmente os espaços possíveis dentro da comunidade.

Estiveram presentes à posse de Nonato Oliveira, além de funcionários da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, vários artistas, escritores, jornalistas, professores, estudantes e amigos e admiradores do artista piauiense.

Museu aniversaria

O terceiro aniversário do Museu do Piauí foi comemorado em solenidade que contou com a presença do Secretário de Cultura, Desportos e Turismo, Jesualdo Cavalcanti, ocasião em que foram entregues certificados para os alunos do curso "Museu no Processo de Desenvolvimento de um Povo", ministrado pela museóloga Maria de Lourdes Novais, lançamento do livro "Balanço de Dois", de Rosa Maria dos Santos e abertura da exposição Bumba-meu-boi. Na oportunidade, o Secretário Jesualdo Cavalcanti manifestou sua satisfação pela atmosfera dinâmica e dedicada que o Diretor do Museu do Piauí, artista plástico Nonato Oliveira, vem tendo à frente da instituição.



Professora Maria de Lourdes Novais, escritora Rosa Maria dos Santos e Secretário Jesualdo Cavalcanti.

Governador abre Semana da Cultura

O Governador Hugo Napoleão, acompanhado do Secretário de Cultura, Desportos e Turismo, Jesualdo Cavalcanti Barros, presidiu na noite do dia 4 de novembro, as homenagens relativas à Semana da Cultura do Estado, no Museu do Piauí, em solenidade que contou com a presença de autoridades, professores, jornalistas, estudantes e

convidados outros em geral.

No mesmo período o Museu do Piauí realizou a Gincana Cultural como parte de sua programação, contando com a participação de 10 Unidades Escolares, da qual saíram vencedoras as Unidades Escolares Sinopse, Diocesano, Cipreve e Lourenval Parente.

A fotografia como suporte da criação

Na Galeria de Arte do Museu do Piauí foi realizada de 7 a 18/12/83 a exposição de fotografias do artista Antônio Quaresma. Nessa exposição ele explorou temas ligados à cultura popular, em fotografias "feitas com a sensibilidade e a inquietude do artista", na concepção do folclorista Noé Mendes.

GERAIS

Paulo Machado e Kenard Knob

Torquato Neto OU A Carne Seca é Servida



Torquato Neto.

Torquato (Pereira de Araújo) Neto nasceu a 9 de novembro de 1944, em Teresina e faleceu a 10 de novembro de 1972, no Rio de Janeiro. Poeta, letrista, jornalista e cineasta, foi um dos organizadores, com Wally Sailormoon, da revista *Naufrágio*, pioneira vanguarda do movimento poético nacional e a mais importante publicação do conjunto do pós-tropicalismo.

É tido e respeitado como um dos teóricos do tropicalismo, movimento cultural iniciado na década de 60, que atingiu, posteriormente, outros setores artísticos.

Alguns de seus textos, em prosa e em verso, foram reunidos e publicados, em 1973, no volume *Os Últimos Dias de Paupéria*, graças aos esforços de Ana Maria (mulher do poeta) e Wally Sailormoon. O livro, revisão e aumentado, foi reeditado no décimo ano de sua morte.

Eis uma auto-apresentação:

CÓGITO

eu sou ruiva eu sou
próxima
pessoal intrasferível
do homem que inicia
na medida da imparável

eu sou ruiva eu sou
agora
sem grandes segredos dasins
sem novos segredos dentes
nessa hora

eu sou como eu sou
presente
desfervilizado indeciso
feito um pedaço de mola

eu sou como eu sou
ridículo
e sou tranquillamente
todas as horas do dia

DESAFINANDO O CORO DOS CONTENTES

Atualmente, o autor de *Louvação* está sendo, cada vez mais, transformado em mito por um grupo de felizes acomodados que, matreiramente, aparecem fazer um trabalho honesto, quando, na realidade, estão rouhando o brilho de quem "deu as costas ao lugar e ao sol", segundo Augusto de Campos, teórico e poeta concretista dos mais atuantes. Isso porque, em vida, Torquato Neto, sempre, desafinou o círculo dos contentes.

Louvando o que bem merecia e deixando o ruim de lado, o po-

ta tinha absoluta certeza de de tudo, de cada coisa. E suas palavras uma explícita necessária: "Eu não sei plantar bananeira em amento, e quando comprei a mae Coragem não foi movido nenhum sentimento edipiano que me preocupava era definir um valor estabelecido plenamente porque era esticado. No caso foi a mãe, az dia ter sido o mito do Diplan de Douror, sei lá os tropicalistas, não interessava robar o Príncipe e deixar o breviva o Princípio".

Torquato Neto, antes minificado, merece ser es-

e sua obra compreendida e preservada. Somos, assim, de opinião de que o autor de *Geléia Geral* não precisa de elogios grossos e gratuitos. Precisa ser lido, estudado e pesquisado. Depois, o mínimo que poderíamos fazer seria respeitar a árdua tarefa daquele que procurou construir-se numa época de tantas desestruturas.

A ALEGRIA É A PROVA DOS NOVE?

Quando reúnem-se dois brasileiros, há logo a criação de um motivo que sustique uma orgia e o diabo se faz presente para formar um trio, com a ajuda de todos os babaianos habitantes da santa terra católica-apostólica-romana. Daí, não há seriedade que resista à *criatividade impinguada*.

Talvez, por essa razão, seja estranha que um cidadão brasileiro tenha exigido dos seus concidadãos uma postura séria diante de uma situação caótica, como a vivenciada pelo povo brasileiro, na década de 60.

A síntese deste pensamento está expressa no poema transcritto a seguir:

POEMA DO ANO DE 1964

é preciso que haja alguma coisa
que esteja de pé:
uma cultura
uma religião
uma política

é preciso que alguma coisa avise
a todos os acaules:
o mundo será posso de luta
e se posso em rito
e morte em rebento
e óbito em mil

é preciso que haja alguma coisa
que memore os efeitos:
na dignidade humana se erram
e machucadas

POR UMA QUESTÃO DE ORDEM?

Torquato Neto é um poeta personalíssimo. A característica que o personaliza dentro do cenário da literatura brasileira pós-64 é a participação ativa na conturbada reformulação histórica e cultural do Brasil. O país tinha saído de um período pré-industrial, compreendido entre as décadas de 40 e 50, e encontrava-se diante da impasse: estabelecer uma nova estrutura social ou desestruturar-se socialmente. E justamente neste período que tem início a participação do autor de *Deus Vos Salve Esta Casa Santa*, como pensador preocupado com as transformações políticas em evidência, questionando a cultura vigente com a concisa proposição: "A sara, tropicalista, não interessa derrubar o Príncipe e deixar que sobreviva o Princípito".

O poeta, antevendo o estabelecimento da desestruturação social, conseguiram uma *marcada regredição* para a situação que se estabelecia na década de 60 e iria se prolongar até os dias desse nosso caótico presente: *O Brasil*, segundo ele, havia se transformado numa *Geléia Geral*.

GELEIA GERAL NO TROPICALISMO

Gilberto Vasconcelos e Cláudio Mattoso, entre outros críticos, baseados em criteriosa análise, afirmam que o *manifesto do movimento tropicalista* é a canção intitulada *Geléia Geral*, um poema de Torquato Neto, musicalizado por Gilberto Gil, com arranjos de Rogério Duprat.

Em *Música Popular: de olho na fresta*, Graal, 1977, Gilberto Vasconcelos analisa, com bastante segurança, a letra do poema, dando, sobretudo, realce ao elemento textual, através da juxtaposição de dois termos, "os quais, à falta de algo melhor", denominados universo *tropical* e universo *urbano-industrial*. O primeiro, segundo o crítico, possui o seguinte âmbito semântico: "exuberância da natureza, pitoresco nacional, incorporação do rústico (arcaico) e do folclore. O segundo faz referência aos aspectos do contexto industrial, principalmente aos costumes e meios de comunicação de massa.

Eis o poema, abaixo:

GELEIA GERAL

é preciso desfolhar a bananeira
e a semente tropical se levar
e seguramente cedeverá fazendo
num calor que assolava o céu
uma geléia geral tremenda
que a ferida da humanidade

é bananada só é dor
o que tem não que faz
é bananada só é dor
é a mesma dor que nos faz

é negra é a praia das noz
e a tristeza é tua gente arqueada
mudada de cor amarela e vermelha
e a marquinhos é amar o combate é mais forte
com batalha na serra destrugir
o mundo é mais do fato

Detalhe

é a mesma bananeira que
é a cocaína que
é aquela bananada
que é no mundo que
se encontra de fato,
deve mudar a realidade
em clima de amar
a marquinhos é de fato
mudar bananeira bananeira
experiências de amar
jazzman é só de amar
é de destruir a realidade
com uma marquinhos
algum que é marquinhos
ser exímio de ordem
impulsionar um grande
sentimento no mundo

Detalhe

plorar a realidade humana
mais ainda Brasil da lona da
e cada morte também encena
do mundo e romântica a polis
(não é deixa posada da sua vida
e a cada um o seu mundo)

Detalhe

O poeta desfolha e fazendo
e que me sente melhor colado
pegar um jato num avião
tudo o dia ou da serra serrada
ou do topo apalha de comunicação
a humanidade humana ao resto



DECIFRA-ME OU DEVORO-TE

Identificar as características peculiares da linguagem de quem assumiu a árdua tarefa de trabalhar com a palavra é missão difícil de ser finda. Assumir a postura de conhecedor da obra de um artista do verbo é ingenuidade ou grotesca presunção de conhecimento.

Há uma legião de poetas que pertencem ao clã dos lutadores, dos que acreditam na palavra co-



mo arma capaz de modificar e transformar realidades aparentemente irreforáveis.

Torquato Neto, leitor assíduo dos seus irmãos lutadores, sempre buscou, na elaboração de seus poemas, arquitetar uma forma de domar as palavras. E terminou, após imensos combates, por confessar: "Há palavras que estão no dicionário e outras que não estão e outras que eu posso inventar, inverter. Todas juntas e à minha disposição, aparentemente limpas, estão imundas e transformaram-se, tanto tempo, num amontoado de cícladas".

Dentre as várias características que podem ser listadas, quando se faz uma análise da obra poética de Torquato Neto, ressaltam as seguintes: fragmentação do discurso; elaboração de metáforas; uso reiterado

de antiteses; uso de gradação cendente e descendente; humor; subjetivismo; pessimismo; ilógico pré-estabelecido; neologismo e telurismo.

Sendo impossível esgotar fonte, ainda inexplorada, que apresenta a obra torquatiiana, este roteiro sirva para o iniciar uma exploração, que com com o esforço do leitor com o do poeta, para a compreensão da formação cultural brasileira.



GERAIS

Heloisa Cristina Lopes Brito

Artes Plásticas hoje

A situação das Artes Plásticas no nosso caso, não está muito diferente da situação geral no Brasil, considerando que Teresina é uma cidade em vias de desenvolvimento assim como o Brasil não é um país totalmente independente. O que acontece no campo da Arte é uma busca do "novo" individual ou coletivo que foi fragmentado pela sociedade capitalista, coisa que ocorre em todo o setor cultural. A procura de uma "saída" está generalizada e todos os caminhos percorridos chegam a um mesmo ponto sem uma solução política e econômica satisfatória. Como se fosse um novo embargado do qual se perderam as pontas.

Alguns artistas conservam-se isolados, outros procuram juntar-se em grupos de interesses comuns que lutam por cooperativas, sindicatos e associações, situando a Arte dentro do contexto político e social. Há

também aquele que opta pela Arte alternativa buscando desenvolver, ou resolver, o seu trabalho com um objetivo definido ou não; e este artista dito marginalizado, isto é, aquele que não se junta em grupos mas também não se isola do contexto, acaba quase que, obrigatoriamente caindo na solução sócio-politicada por ser talvez a mais viável, mais visível, ou o caminho mais fácil.

A História da Arte durante muito tempo obedeceu a escolas que mantinham padrões e regras a cumprir: A Escola Clássica, O Barroco, O Gótico, A Arte Egípcia, etc. Depois, com o Expressionismo, veio um começo de individualização que descambou num grande número de "ismos" que até hoje se repetem apesar do individualismo por parte de alguns artistas. Daí pode-se afirmar que o que está fazendo na Arte é alguma coisa de novo (talvez esta palavra "novo" até já seja velho) que modifique a Arte

em si, bem no âmago, pois o tem acontecido de "novo" está na Arte mas apenas nas técnicas utilizadas. Como exerçemos podemos citar a última Bienal São Paulo na qual, segundo formações podemos perceber que apresenta novidades apesar no campo da Tecnologia e video-texto e uma volta à puro com o exagero nas dimensões. Porém uma revolução de cunho artístico já se pode prever "ar" e pesquisadores do ato confirmam essa suspeita vés de análises sociológicas encaram a História como espiral: "a História se repete proporções geométricas", da vez que o homem se individualiza ao extremo (que é de estilos pessoais) ocorrendo danças drásticas.

Já ficou muito longe a Sétima Bienal de Arte Moderna de 1967, que correram 61 anos e não aconteceu mais nada.

GERAIS

Carlos Brandão Martins Eulálio

A realidade do poeta inocente e a inocência do poeta real



Mário Faustino

"As grandes épocas da história da literatura são, ao mesmo tempo, épocas técnicas." Partindo dessa afirmação de Victor Chklovski e considerando as peculiaridades que caracterizam a natureza de cada movimento em particular, relativamente, podemos dizer que Fernando Pessoa e Mário Faustino apresentam, quanto a suas atitudes artísticas, algo em comum não apenas pelo fato de terem produzido um trabalho de crítica literária, imbuídos de consciência crítica de poeta, mas também por terem manifestado suas teorias, quando a literatura em seus respectivos países de origem passava por uma fase de acentuadas transformações de cunho estético-literário.

O breve exame que empreendemos sobre a poética de Mário Faustino, na edição anterior desta revista, leva-nos a inferir que a proposta do poeta, além de exprimir acurada reflexão acerca do fenômeno poético, revela, por outro lado, a intenção de promover em nosso meio a reaceleração do processo de criação literária, no final dos anos 50.

Idêntica postura adotou Fernando Pessoa, pois a teorização do "Paulismo" constitui, sem dúvida, num dos primeiros indicadores da vanguarda portuguesa do início do século. En passant, não se deve ignorar a influência que

Fernando Pessoa tem exercido na moderna poesia ocidental, no que diz respeito sobretudo ao tratamento da linguagem enquanto "jogo artístico", através do qual procura-se descartar o processo mimético da criação e privilegiar a realização poética como prática verbal de invenção, despojando, por conseguinte, a obra de arte — no caso específico o poema — de sua "aura" contemplativa, para conferir-lhe autovisão estrutural interna, de modo a construir-se interiormente voltado para si. É dentro desta perspectiva que divulgamos as propostas de Pessoa e de Mário Faustino. Se a obra poética de Faustino supõe uma fonte das mais fecundas e elucidativas para a pesquisa poética, o universo heterônimo de Pessoa, produto de uma feliz e genial invenção literária, representa para todos nós uma singular e plural modalidade de concepção do signo poético em sua relação com a realidade.

Contudo, portanto, estabelecer relações entre o projeto de Mário Faustino e o texto Pessoa/Caeiro, visto ambos expressarem uma poesia com análoga identidade de propósitos, pode postular desvelar os mistérios da criação poética, através da elaboração do poema que intenta registrar o exato instante do invento, embora se utilizem de

processos distintos, quais sejam metafórico/antimetafórico:

"Procurar dizer o que é certo
Sem pensar em que é certo.
Procurar encantar os adoradores à noite
E não precisar cumprir o horário.
De densamente para neofáticos..."
(Alberto Casenave)

"A noite entra, Hephaestos. Nesse escuro
Gargalhe os armazéns que em silêncio soltam
Campos de verde e abertas ferramentas.
Automa, enunciada pálida..."

(Mário Faustino)

Caeiro, num gesto mais transgressor de todos, dentre os manifestados pelos heterônimos de Fernando Pessoa, aspira à criminalização pura no ato da celebração poética, despidendo a palavra de toda e qualquer possibilidade de metuforização. Fincaria, por isso mesma, o canto da autimetáfora por exceção:

"O que nós temos das coisas são os nomes.
Por que vermos nela uma dimensão humana ou outra?
Por que é que ver-nos-nos é a liberdade?
Se ver-nos não é a liberdade?"
(Alberto Casenave)

Dessa forma, Caeiro propõe a fundação da palavra poética pela instauração da referencialidade da linguagem — como negação da própria linguagem — consciente que é da ação vulnerável e incisiva das palavras.

"O drama de Caeiro irmana-se ao infiúmio do poeta contemporâneo que, nos termos de João Alexandre, diante desse impasse, escolhe caminhos: "ou ele *dez* acerca do silêncio, que é o seu demônio, e se arrisca à borda do hermetismo, ou ele *comunica* uma experiência que jamais é aquela existente antes de sua realização verbal." Ante essa realidade, constata-se que Caeiro simplesmente silencia, porque nutre a certeza de que lhe será impossível materializar significativamente o que ficou por dizer.

Mário Faustino também propõe a fundação da palavra poética — de outra forma: através da nova linguagem que ressurge do caos — porém a sua fala é metafórica, enfechada de simbólicos. Conquanto não silencie, é

consciente também da fragilidade da palavra e acredita que o poema não se esgota em si mesmo, pois a poesia sempre o transcenderá:

"...ao fim do caminho, o princípio do túnel
Na rebida da pedra, a desida da pedra
O começo não tem fundo, assim não chega ao fim..."
(Mário Faustino)

Enquanto Caeiro elege o prosaísmo desrido de artifícios, como forma ideal de aproximar-se da natureza, Mário Faustino reinventa-se dele, transfigurado pela metáfora em palavra original, consificada, renascida, para reintegrá-la numa nova ordem — o poema — que se construirá como organismo autônomo, circunscrito numa semântica própria e numa sintaxe também própria.

Com o prosaísmo, Caeiro intenta promover o reducionismo da poesia ao grau zero; com a metaforização, Faustino procura manter uma forte ligação com a palavra, com a finalidade primeira de aproximar-se mais da realidade, para expressá-la com maior vigor. No ensaio "Reverendo Jorge de Lima", Faustino assim concebe a metáfora no corpo do poema: "A metáfora cria linguagem. A metáfora organiza, artificiamente,

o mundo. A metáfora mostra. A metáfora cria a coisa."

Para concluir, conforme Otávio Paz, identificariamos Caeiro como o *poeta inocente*; Faustino como o *poeta real*.

"O poeta inocente não precisa nomear as coisas: suas palavras são frases, novas, arquitetas, lagartas; o poeta inocente é um mito, mas um mito que fonda a poesia. O poeta real sabe que as palavras e as coisas não são a mesma coisa e por isso, para estabelecer uma preciosa unidade entre humanos e o mundo exterior às coisas suas imagens, dizes, simbolizes comparações".

(O. Paz)

Em síntese, distinguiríamos Caeiro de Faustino, apontando para o seguinte:

— Para Caeiro, a realidade não lhe parece inacessível; "ela está diante de nós, basta tocá-la." Não lhe é simpático o fato de nomear as coisas, pois supõe que suas palavras sejam estas mesmas coisas:

"Falar da alma, das pedras, das flores, dos rios, É falar de si próprio e das seu falados pertencentes".

— Importa a Faustino nomear o objeto com palavras inteiramente novas, pois imagina que essas palavras possam recrutar este mesmo objeto.

"Quem faz esta maldade fê-lo por ser um ruim e feriu-a-lá."

— A realidade poética para Caeiro consiste em pretender nomear os seres, sob a crença de que cada coisa esteja submersa em sua própria realidade.

— A inocência poética de Faustino implica o desejo de recriar o objeto num plano verbal inexplicavelmente novo, "tirando-o da caixa e colocando-o numa ordem inteiramente nova".

— Caeiro, como poeta inocente, emudece; Faustino, como poeta real, contenta-se em inscrever no signo não o mundo que pretendia dizer, mas a possibilidade do que ficou por dizer.

BIBLIOGRAFIA

- RABÓSSA, Jean Alexandre — A metáfora viva. Perspectiva, São Paulo, 1974.
EVÁLIO, Carlos Escrivão — As linguagens heterocínicas e heteromóricas — relatório-síntese apresentado no encontro de Semântica da Linguagem, FUC — SP, 1962.
FAUSTINO, Mário — Poesia Expressiva, Perspectiva, São Paulo, 1977.
— Poesia de Mário Faustino, Civilização Brasileira, Rio, 1966.
PAZ, Octavio — Sígnis em sonetos. Perspectiva, São Paulo, 1976.
PRADO, Fernando — Obra poética. Agnus Dei, 1972.
— Obras em prosa. Aguilar, Rio, 1962.
— Páginas amarelas e de Auto-interpretação. Ática, Lisboa, 1973.

GERAIS

Ramsés Ramalho

Música popular piauiense

A Música Popular Piauiense é marcada pela busca dos elementos folclóricos tradicionais do povo para inspiração.

Como exemplo disto temos vários grupos populares, como o Grupo Varanda, especialistas em xotes e baiões e o Grupo Candeia, também especialista nesses e outros ritmos populares.

Há que se ver que esses ritmos não são especialmente piauienses. Têm uma larga tradição nordestina. Transportados da península ibérica, outros de origem árabe e portuguesa, infiltraram-se no Piauí como em todo o Nordeste.

As escalas conhecidas como nordestinas e que herdamos do Oriente (escalas de quarta aumentada e sétima diminuta) permitem muitas composições.

Outra corrente se preocupa

em mesclar nossa cultura com outras, universalizando assim nossa música e num processo de permuta cultural (antropologicamente falando) e surge, assim o "samba-em-jazz" de Geraldo Britto, o "blues" de Magno Autêlio ou Cruz Neto, misturando nossa música com a expressão de outros povos ocidentais.

O reggae, conhecido como música jamaicana, há muito que já existia no Nordeste, palen de toda a sorte de miscigenação cultural, com o nome de "xote". Basta que observemos o "beat" do reggae que encontramos lá o nosso xote.

Em termos de riqueza harmônica e variedade melódica e de ritmos, a música piauiense é uma das mais ricas do Brasil, não se prendendo jamais a um só tipo de composição. O artista piauiense faz de tudo, desde a bos-

sa-noya ao baião.

Atualmente, há uma profunda preocupação em alcançar o espaço maior e já se vê alguns compositores piauienses de nível para o "sul maravilhoso" intuito de gravar um disco.

Aliás, é uma deficiência auíense. Não temos organismos necessários para a gravação musicais e nem produtores interessados em nossos músicos, pregnados que estão por uma falsa visão de Piauí e também pelo alto índice a que chega o consumismo no mercado musical brasileiro, sendo forçoso eles portanto, o lançamento cantores e compositores piauienses em detrimento de nossos valores.

Assim vai indo a música popular piauiense; sem apoio, como representante capaz da nossa cultura.

Violência, um problema solúvel



A violência é, indubitavelmente, um dos graves problemas em nosso país.

Há pouco tempo, a sociedade brasileira ficou estarrecida e consternada, com a notícia de inominável homicídio do qual foi vítima uma criancinha nos braços da mãe, também assassinada, durante assalto a estabelecimento bancário no ABC paulista.

Quando ocorrem fatos que violentam nossa sensibilidade, atualmente, a impressão que temos é a de que a Nação, já entorpecida pela permanente ameaça que paira sobre o corpo social, é despertada e clama por providências. De imediato, um elenco de medidas emanadas de diversos órgãos é anunciado, contudo os índices da criminalidade continuam desafiando os diagnósticos de juristas, sociólogos, psicólogos e de tantos outros especialistas da elite intelectual pátria.

Além do engajamento da Igreja Católica na Campanha da Fraternidade, a sugerida e propalada adaptação das leis penais à nova realidade, o aumento dos efetivos policiais, a intensificação de medidas preventivas e repressivas, a redução do nível de desemprego, os conclaves para debates de temas relacionados com a segurança pública são assuntos que frequentemente ocupam espaços de jornais, noticiários e publicações especializadas. Mas, em que pese a eficácia de tais iniciativas, poderemos vislumbrar, pelo menos a médio prazo, a attenuação da violência? Lamentavelmente, parece-nos que, ainda por muito tempo, haveremos de conviver com a terrível escalada das cenas brutais.

A pesquisa dos fatores que estimulam a criminalidade inscreve-se nos domínios da Sociologia, da Criminologia, do Direito, de outras ciências e escapa ao

alcance destes comentários. Sabemos, entretanto, que a crise econômico-financeira em cujo contexto estamos inseridos, figura entre os principais. Então, indaga-se: ultrapassadas tais dificuldades, a discordia cederá terreno à concórdia e a violência ao amor? Resposta afirmativa seria insensatez.

Embora na exaustiva procura de soluções, inúmeras sugestões hajam sido formuladas, cremos que o exclusivismo e o imediatismo desatendem à complexidade da tarefa. Além disto, seria lógico regredirmos em nossa política criminal, com a imposição de penas mais severas? Conseguiríamos embalar nossos sentimentos e condonar o próximo à câmara de gás ou cadeira elétrica? Seria conferir disponibilidade ao indispõivel — o direito à vida. Reencontraríamos em nossa política penitenciária, quando, concretamente, já nos empenhamos

na readaptação social do criminoso? Evidente absurdo.

Neste passo, atentemos para aspecto que também julgamos relevante. Somos um povo resultante da miscigenação de etnias diferenciadas, entre estas, o negro e o índio e ainda necessitamos muito polir para o aprimoramento de nossos padrões culturais. Destarte, para nós, a educação transcende à sua essencialidade, no relacionamento social.

Por outro lado, é assente que o homem deseducado não presta, socialmente, à comunidade, a contribuição que lhe é devida; sua participação se restringe, via de regra, no atendimento às necessidades da sobrevivência. Além do mais, a superficialidade de sua percepção valorativa não o possibilita distinguir com nitidez as linhas da moralidade. Consequentemente, não o inibe a negar e a aviltar. As de-

formações de caráter estimulam impulsos que facilmente o desviam para os tortuosos caminhos da delinqüência, onde o "itet criminis" se transforma em prazerosa expectativa, cujo clímax atinge inebriado com a satisfação de torpes designios.

Cabe-nos, portanto, oferecer-lhe condições de reconhecer e cultivar os valores éticos, cultu-

rais, morais e cívicos. É tarefa comum aos brasileiros, em todos os momentos. E o processo educativo, entendendo-lo global e permanente, vale dizer, abrangente de quaisquer atividades, inclusive lazer, enquanto perduar a capacidade intelectiva.

Em suma, carecemos dedicar-nos à verdadeira cruzada,

cujo êxito estará condicionado ao desenvolvimento de uma mentalidade essencialmente pragmática. Será uma campanha cívica na qual não poderemos descrever que as interpretações matemáticas sempre fornecem resultados numéricos abstratos. Os cooperados, encontra-lo-emos nessas teorias das ciências sociais

GERAIS

Aci Campelo

Nosso teatro em busca de uma identidade



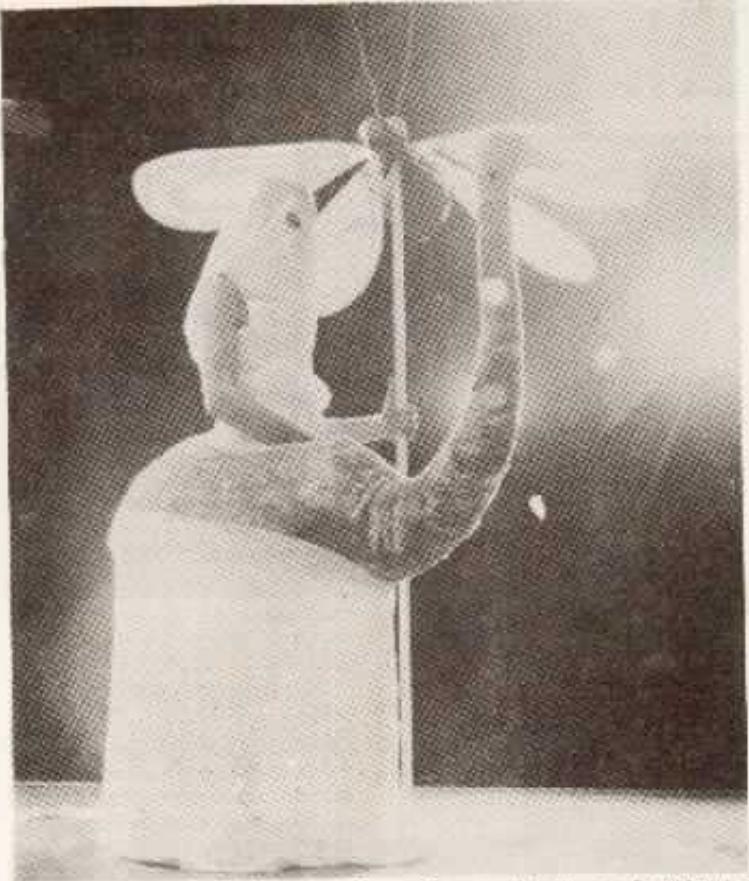
Aci Campelo e William Martins ("Meta-me com teus braços")

Vamos partir da herança cultural, da continuidade do fazer teatral, em nosso Estado, como veículo transformador. Sempre defendemos a tese de que o teatro piauiense não teve uma herança cultural, um dos fatores que, ao nosso ver, mais tem prejudicado a conquista de um espaço e de público assim como o seu próprio desenvolvimento. Uma herança cultural que não existiu e, por consequência, não deu suporte para uma afirmação definitiva da manifestação cênica em nosso meio, para a formação de uma escola de interpretação de atores ou de uma tendência de autores, deflagrando assim um processo contínuo. Até parece que o teatro do Piauí está sempre começando. Então, como classificá-lo no contexto socio-cultural do Estado?

Na realidade ainda não houve um estudo profundo, uma pesquisa detalhada sobre a origem do nosso teatro. Pouco se sabe do teatro de ontem, de como ele surgiu, a não ser através das informações deixadas pelos cronistas sociais da época ou através de convites (que se preservam ainda) das festividades patrocinadas por madames da sociedade, clubes filantrópicos, entidades culturais e recreati-

vas. Eram representações feitas por amadores sob a explícita liderança de algum araxonado pelo teatro que geralmente encontravam em recintos fechados para deleite da burguesia. Jônatas Batista, talvez um dos nossos primeiros autores e atores de teatro, é um exemplo: escrevia textos e representava em cafés society para a alta classe. Eram textos alegres, revistas musicais, satirizando determinados

costumes locais, no entanto, ultrapassar os limites do riso mesmo alcançando um certo conhecimento por parte do público; essas manifestações casuais do passado não lograram grandes êxitos, pois a grande maioria dos grupos amadores se desfaziam, sendo cuidados de gente da burguesia que fazia teatro por hobby até onde queria.



Peça "O Cabeça de Cuia" de José Gomes Campos, dirigida por Providência e apresentada pelo grupo TESTE/GALPÃO.

Depois existia a predominância de gosto pelas Companhias nacionais que enchiam os auditórios (Ainda hoje é assim?) e até estrangeiras e os artistas amadores da terra logo partiam para outra, deixando os espaços vazios. Portanto, sempre existiram quebras e nunca uma sequência que viesse a contribuir para a formação de uma platéia local que desenvolvesse o gosto pelo nosso teatro. Prova é que os maiores detalhes da época são apenas títulos e datas de representações, vejamos "Praça Aquidaba Sem Número", do professor A. Tito Filho.

Todavia, se por um lado a herança cultural é importante, pois dar um ponto de origem, de comparação, não negamos que ao mesmo tempo ela pode ser um fator de estagnação, de conservadorismo ultrapassado, principalmente, em se tratando de uma arte dinâmica, viva e atuante como o teatro. Mas a nossa defesa dessa herança cultural não é pela manutenção de

um padrão estético, manutenção de formas apresentadas, pois ninguém sabe como eram feitas essas peças, mas sim pela busca de uma identidade própria, pela busca de um teatro que fale a linguagem do homem piauiense, que transmita as suas ânsias sociais, políticas e econômicas com uma visão transformadora e, acima de tudo, com arte e beleza. Para que possamos estimular o público a debater os nossos costumes, nossos mitos, nossa capacidade de resistir a um meio tão adverso, encontrar a origem de tudo isso e propor soluções, tentar saídas. Para que possamos exportar nosso padrão de arte numa troca recíproca e nunca ficarmos sempre como receptores conformistas e assimilantes, querendo mostrar padrões de outras sociedades, às vezes já super-ultrapassados. Vamos reinventar nossa arte teatral.

Essa busca de elementos próprios é o que os artistas do teatro do Piauí hoje estão tentando encontrar. Desde a reinauguração do Teatro 4 de Setembro

existe uma preocupação em ocupar espaços, preencher brechas, sendo um dos fatores responsáveis por isso a criação da Federação do Teatro Amador do Piauí. A quebra de acontecimentos é cada vez mais curta e logo o vazio é ocupado por outra ocorrência. A Federação de Teatro aglutina em torno de si grupos amadores velhos e novos, com artistas de todas as tendências e se alguns se afastaram desse movimento federativo continuam a discutir o nosso teatro e a influenciar em alguns aspectos, por que convivem no meio teatral da cidade e se não estão produzindo espetáculos são devido a outras questões.

O importante neste momento é que está havendo um movimento contínuo, permanente, ainda que lento, fora do conhecimento do grande público e mesmo havendo desistências há sempre alguém disposto a continuar. Nesta fase do nosso teatro marcamos três acontecimentos que para nós já anestesia a inquietação de nosso artista em penetrar no intrincado universo de nossa existência, em buscar em nosso meio a fonte de inspirações de suas criações artísticas, consequência de um exercício constante, de uma visão de que nós somos inexplorados, também, culturalmente. São montagens teatrais de tendências diversas, produzidas com grande desempenho. Foi o que nos mostraram o Grupo de Teatro Estudantil Testesinense — TESTE, com a peça "O Cabeça de Cuia", de Gomes Campos, uma lenda do nosso folclore, num trabalho de Tarciso Prado/José da Providência; o Grupo de Teatro Pesquisa — GRUTEPE, com a "Guerra dos Cupins", de Afonso Lima, um texto altamente político com uma carreira de mais de cem apresentações e o Grupo de Teatro Raizes, com o texto "Marama Com Teus Beijos", de Rubens Lima, peça de cunho psicológico e filosófico, trabalho dirigido por Aci Campelo. Portanto, autores nossos, tratando de temas que nos dizem respeito, dentro de uma visão nossa. Trabalhos que foram bem recebidos por quem viu, comentados, criticados e analisados, e que atravessaram fronteiras. Coisa que está acontecendo cada vez com maior freqüência, o que nos faz pensar que estamos vislumbrando caminhos menos espinhosos.

PATRIMÔNIO

Prof. Sarah Mar
Mourão Benício

Pedro II, um outro Piauí



Casaço pertencente ao Dep. Tertuliano Milton Brandão.

Nos contrafortes da Serra dos Matões, num prolongamento da Serra da Ibiapaba, está Pedro II, com o seu clima ameno ou às vezes muito frio, oferecendo uma visão de pastoral renascentista, reposante e convidativa, a uma altitude de quase 600m. Dista de Teresina 212 km. A medida que nos aproximamos da nossa cidadezinha, é possível sempre ficar menino de novo e visualizar Cardiff Hill, aquela paisagem encantada que povoou de sonhos a nossa meninice. Saída dos livros de Mark Twain "As Aventuras de Tom Sawyer" e "As Aventuras de Huckleberry Finn", aquela paisagem era muito semelhante e por demais familiar à nossa realidade daquela época. Cardiff Hill era assim um lugar paradisiaco que, visto lá no alto e à distância, parecia oferecer uma sensação de primavera a cada passo e de lá o vento trazia uma canção e um cheiro adocicado e delicioso das acácias em flor. Eram sons e cheiros próprios de um momento, espalhados no ar rarefeito da serra. Nesse paraíso imaginário, nessa "delectable land", não havia nem cercas nem escolas, não havia nada ou quase nada para fazer, senão para encantar. — Também de longe, Pedro II nos parecia assim.

E, ainda hoje, quando se sucedem os ciclos da natureza, e é chegado o tempo do verde, o ciô da terra, viajando neste cenário meio mágico, onde as estradas recendem a Melosa, a Uhuha de Gato, a Batata Gorda, a chão úmido e fecundo, acendem-se, em nós com toda força, a nossa ancestralidade campesina uma a uma, todas as nossas "madeleines", em visões, cheiros e sabores da nossa infância.

HISTÓRICO DA CIDADE

Ao final do século XVIII, um povoado chamado Pequizeiro, seria o embrião da futura cidade fundada por João Alves Pereira e seus irmãos, Abel Pereira, Do-

mingos Pereira Dutra, Albino Pereira dos Santos e Antônio Pereira da Silva, todos portugueses. Lá fixaram residência e edificaram uma pequena capela sob a proteção de Nossa Senhora da Conceição, a quem fizaram doar grande porção de terra.

Pela lei nº 295, de 20/8/1851 quando era presidente da Província, José Antônio Saraiva, criou-se no povoado a Freguesia de Matões. A lei nº 367 de 11/8/1854, do então Presidente da Província, Antônio Francisco Pereira Carvalho, tornou a Povoação e Freguesia de Matões em Vila, dando-lhe então o nome de Pedro II, em homenagem a D. Pedro de Alcântara aquela época

No ano de 1891, no governo de Gabriel Luiz Ferreira, a Vila de Matões foi elevada à categoria de cidade, com o nome de Maratá, em homenagem ao príncipe da presidência da República que ora começava. através da lei nº 641, de 13/7/1911, a cidade tornou o seu antigo e atual nome: Pedro II.

Teve como intendentes mes ilustres como: Tertuliano Pereira Brandão, Jacob Roçan, Imperador do Brasil. A Comarca de Pedro II foi criada pela lei provincial nº 394, de 14/12/1851 e pelo decreto nº 2, de 28/12/1889, voltou a chamar Vila dos Matões, em virtude da queda do Império.

Além de Sousa Uchôa, Domitila da Silva Mourão (Comendador da Ordem da Rosa, Major Guarda Nacional e 1º Provedor de Pedro II), João Mendes pomuceno (Comerciante e Major da Guarda Nacional); Tertuliano Brandão Filho (Cornel da Guarda Nacional e mais tarde deputado estadual); Domingos Mota Filho (Capitão da Guarda Nacional) e Lauro Cordeiro Braga Farmacêutico de nomeado.

Mais tarde, dentre os prefeitos eleitos pelo povo, através do Regime Constitucional, o primeiro Prefeito de Pedro II foi Domingos Mourão Filho, o primeiro Intendente, Tertuliano Pereira Brandão. A ele se se-

ram em ordem cronológica: Lauto Cordeiro Brandão; Major Benedito Passos de Carvalho; Sargento Gesuino de Sousa; Manuel Nogueira Lima; Raimundo Braga Campelo; Joaquim Nogueira Lima; Tertuliano Milton Brandão; Dr. Adail Monteiro de Santana; José de Sousa Galvão; João Benício da Silva; Maria do Carmo Mendes; José Nazaré Machado; Lauro Cordeiro Brandão; Joaquim Alves Galvão; Tertuliano Solon Brandão; Raimundo Braga Campelo; Tertuliano Solon Brandão; Manoel Nogueira Lima; Tomaz Café de Oliveira; Dr. José Rodrigues de Castro; Francisco Barros de Sousa e atualmente, Tomaz Café de Oliveira.

Entre os filhos ilustres de Pedro II do passado convém destacar o Dr. Corintho Andrade, grande jurista, o Desembargador Hamilton Mourão, presidente do Tribunal Regional do Amazonas e o Monsenhor Lindolpho Uchôa, grande educador e poeta, que não se furtou de cantar em prosa e verso as belezas e as saudades da sua "Suiça do Piauí".

ASPECTOS SÓCIO-CULTURAIS E ECONÔMICOS

Cidade antiga, cujo aspecto arquitetônico dominante é o casario colonial. Pedro II é rica em minérios e quase toda a sua economia se fundamenta na variedade do seu artesanato de tecelagem de redes, cerâmica e exploração das minas de Opala, pedra semi-preciosa, cuja irrisão advém de formações geológicas, produzidas pelos efeitos da água na rocha. Dos garimpos do "Boi Morto", "Roca", "Centro" e outros mais, têm saído os mais belos exemplares de Opala, cuja qualidade e variedade só se igualam às pedras encontradas na Austrália, que dizem ser as mais belas e qualificadas do mundo, com fazendas quase em extinção.

Quanto ao artesanato, é uma festa ir à feira logo na Sexta à noite, adentrando pelo Sábado, ao encontro dos artesãos, na sua quase totalidade mulheres. Lá está a cerâmica em formas puras e desenhos ingênuos, trabalhada por mãos pacientes, hábeis e honestas em argila cla-



Casarão onde viveu o Cel. Domingos Mourão Filho.

ta e desenhos característicos de "tauá", formando arabescos ou flores em guirlandas, num traço inconfundível, fácil para os olhos de quem nem precisa ser um "expert" para identificar os potes de Pedro II. Por outro lado, é um deslumbrante para os olhos ver as redes esplendidas num festival de cores "fauve", num cenário cultural muiro "Folk", onde se evidenciam as preferências e a própria alma do povo. Na Cooperativa vinculada ao Governo Estadual, encontramos peças mais diversificadas, advindas todas da peça matriz utilitária que é a rede. São mantas para o trin, almofadas em labirinto rústico, toalhas de mesa rendadas ou em xadrez, compondo um estilo bem "Country", tapetes de todos os tipos, tudo tecido em "Olho de Pombo", "Ponto de Colcha", "Caroa", "Capoeirama", urdidos nos teares modestos das Penélopas industriais das nossas dias, quando o só utilitário cedeu também lugar para a visão do belo.

Mesclada à cultura local, a influência germânica também se faz sentir em Pedro II através da Igreja, pois a nossa catequese é feita por freiras e padres alemães. A elas cabe quase toda a assistência da rede hospitalar e assistência sócio-cultural às comunidades periféricas. Temos em Pedro II um dos mais modernos e bem equipados hospitais do Piauí, construído com a ajuda do Rotary de Essen. Em determinados momentos, observando costumes, ritos, modo de vestir e até um pouco da arquitetura australiana, expressada nas torres góticas da nossa Matriz, nas noites mais frias, temos uma leve sensação de morarmos num pequeno burgo da Alemanha. Nos rituais religiosos do Natal e da Páscoa, a bênção do fogo e os sons do "Aleluia" de Haendel compõem uma mistura harmoniosa dos ritos sagrados e dos ritos pagãos, dando-nos a dimensão exata e a ideia de um outro Piauí.



Portão interno.



Rede.



Cerâmica.

Material Bibliográfico coletado nos Arquivos da Prefeitura Municipal de Pedro II.

FATOS & NOTÍCIAS

Oliveira Neto se despede

O poeta Carlos Ferreira de Oliveira Neto, piauiense de São Raimundo Nonato, figura bastante conhecida e respeitada nos meios literários do Piauí, faleceu aos 76 anos de idade, no dia 26/11/83, em Teresina. Autor de 11 livros, todos de poesia, cuja arte fazia por amor. Sua última obra foi *Despedida*, lançada neste ano.



Poeta Oliveira Neto.

A nova poesia brasileira

A editora carioca Shogun Arte lançou recentemente em todo o país o livro *A Nova Poesia Brasileira*, reunindo os melhores trabalhos selecionados e as melhores honruras do III Concurso Raimundo Corrêa de Poesia. Entre os poetas selecionados, do Piauí, estão — V. de Araújo Nelson Nunes — já bastante conhecidos dos meios literários brasileiros pelas publicações de suas produções em jornais, revistas e livros editados no Estado e fora dele.

Academia Parnaibana de Letras



Em reunião solene, no Auditório do Sesi, no dia 19/10/83 o Secretário de Cultura, Desportos e Turismo Jesualdo Cavalcanti

Barros deu posse aos acadêmicos da Academia Parnaibana de Letras recentemente fundada.

Benedita

Edison Pacheo inicia a carteira de romancista editando *Benedita*, que, na opinião saudoso intelectual Fabricio Arêa Leão, constitui uma peça-primeira de análise sociohistórica.

O Presidente da Academia Piauiense de Letras, Arimatéa Tito Filho, considera a obra Edison Pacheo bastante séria com caracteres reais, destinada a meditações acuradas, onde personagens, lugares e tempos que narram o desenrolar e acontecimentos se destinam não só a quem está ficando velho mas especialmente aos jovens.

II Congresso de Teatro

Foi realizado nos dias 9 e 10 de dezembro passado, no Teatro 4 de Setembro, o II Congresso Estadual de Teatro Amador do Piauí. Foram dois dias de palestras, debates e discussões acerca da arte teatral do Estado. No final de encontro, que teve a presença de oito grupos de teatro e mais de oitenta participantes, houve a eleição para a nova diretoria executiva da Federação do

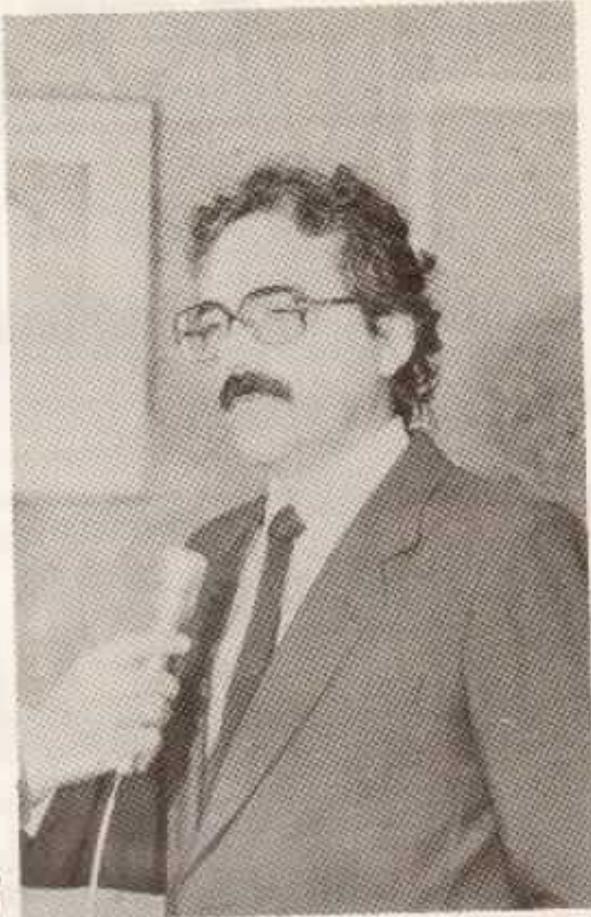
Teatro Amador do Piauí (FETAPI), biênio 83/85, ficando assim constituída: Presidente, Airton de Sousa Martins, Vice-Presidente, Aci Gomes Campelo; Tesoureiro, Simone Reis; 2º Tesoureiro, Raimundo Nonato de Sousa; Secretária, Lorena Gomes Campelo e 2º Secretária, Carmem Lúcia Alves de Carvalho.

I Forum

Nacional de Cultura

A Subsecretaria de Cultura, Desportos e Turismo, Lena Monteiro de Carvalho, participou, período de 10 a 13/11/83, de Curitiba, do I Fórum Nacional de Secretários de Cultura. Na ocasião foram tratados temas de Convênio Único para Secretarias de Cultura e Monitoramento dos Orçamentos Federais e Estaduais para a Cultura que fazem parte da proposta apresentada em Brasília pelo secretário Jesualdo Cavalcante Barros, no Encontro Nacional de Dirigentes de Educação, Cultura e Desportos, de 26 a 28/09/83.

Projeto Vencer garante escolas para todas as crianças de 7 a 14 anos



O Secretário de Educação, Atila Lira, considera a implantação e execução do PROJETO VENCER a forma que o Governo do Estado encontrou para executar a política educacional que tem como meta prioritária a educação básica.

Durante o ano de 84, o PROJETO VENCER atingirá maciçamente todas as crianças da 1ª série do 1º Grau.

Em 85, atuará com as duas primeiras séries do 1º Grau, em 86, com as três primeiras séries e em 87 com as quatro séries do 1º Grau.

O PROJETO VENCER assegurará aos alunos o material didático e escolar mínimo necessário ao desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem.

**SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
ESTADO DO PIAUÍ**



GOVERNO HUGO NAPOLEÃO

POEMAS

Teoria do Simples

Rompe a trovada numa cavalgada imensa

Rompe a trovada numa cavalgada imensa.
Um mar de chuva sobre o chão hirsuto.
Um cheiro de fecundação se espalha.
Chega o inverno, enfim, na minha terra.

Do norte ao sul do céu, esse chorar sem pausas.
Rasgos de luz na abóbada brumosa:
Cortiso furioso vem e fere e mata.

Espalham-se com a chuva retalhos do céu, faiscas desoladas,
Pelas planícies milenares do meu burgo triste.
E os cursos d'água, num entumescer se espalham,
Alargando seus leitos pelas margens sem reservas,
Que se vão fendendo no caudal das águas.

A correnteza crespa, cristalina,
Do calmo Parnaíba imenso,
Agora é torrente de lama caudalosa:
Grita e ensurdece e reboia pelos rasgos da terra.
E tudo na natureza é medo venerando,
A majestade da correnteza incólume.
E quando a chuva pelo céu desaba,
Ah! que confuso encontro — as águas revoltosas:
O rio incha sem querer a chuva,
A chuva rompe e faz crescer o rio,
O rio é presa de um frango enorme.

Ah! que saudade do "chuvaral" da minha terra.
Lembranças guardadas das tempestades loucas,
A confusão, o caos da trovada
Tragu no peito, em vão, sem ver mais nada
Que se compare ao invernal da minha louça chapada.

Sônia Leal Freitas

04.03.75

A união se faz
dentro de nós
sem conferência ou ajuste:
auditório uníssono
em seus arquivos
de magnitude.

A paz começa
dentro de nós
sereno espelho da morte
que se adia
e nos pertence
na fuga da face oposta.

O amor germina
dentro de nós
como semente e rebenta
em roseira
e seu aroma
contamina o vento.

Hardi Filho

YN

Yung e Freud estão amigos
intimos neste poema-psicológico
nesto poema íntimo psicof(bélico)
nesta manhã.
Nesta psicoterapia do rim.

O Id Amin de mãos dadas
negra noite do Senhor do Bonfim
enquanto de mãos
dadas Yung e Freud
saboreiam a última análise de sua cel

Neste poema-psicológico de YN
a presença de um alianPoe é encontro
de realidades tupiniquis.

Id e IT assim cantam os Velois.
Cantos de África branca.
Tropicalmente como África K
anti e corpos asiáticos. Anti-antártic
Séculos.

Entre e tantas dadas as coordenadas
afora as geográficas
a voz e a fala continuam no picadeir

Wilton Santos

FATOS & NOTÍCIAS

Artes Plásticas no Nordeste

Promovido pela Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, foi realizado dia 14 de outubro, no auditório Herbert Parentes Fortes, seminário abordando as Artes Plásticas Nacionais e as Artes Plásticas no Piauí, a cargo, respectivamente, dos professores e críticos de arte Katie Van Scherpenberg, Pasqualino Romano Magnavita, Hermano Guedes de Melo e Noé Mendes Oliveira. O seminário teve apoio

da Delegacia do MEC-PI, da Secretaria de Educação e Universidade Federal do Piauí, dentro do Programa de Artes Plásticas do Nordeste.

Paralelamente ao seminário, a Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo expôs de 12 a 14, na Galeria do Theatro 4 de Setembro, vários trabalhos dos artistas plásticos locais. Julgados por críticos de arte, representan-

tes do Instituto Nacional de Artes Plásticas da FUNARTE e do Circuito de Artes Plásticas do Nordeste, foram escolhidos os trabalhos dos artistas plásticos Anfísio Lopes, Fátima Campos, Cláuber, Cornélio, Fred Ramos, J. Silva, Nonato Oliveira e Wilton Santos.

As obras selecionadas serão expostas nas principais capitais nordestinas.

BEPUPAR

ACERTE NO PRESENTE PARA GANHAR NO FUTURO.



**Abra sua Caderneta Bepupar
em qualquer agência do
Banco do Estado do Piauí.**

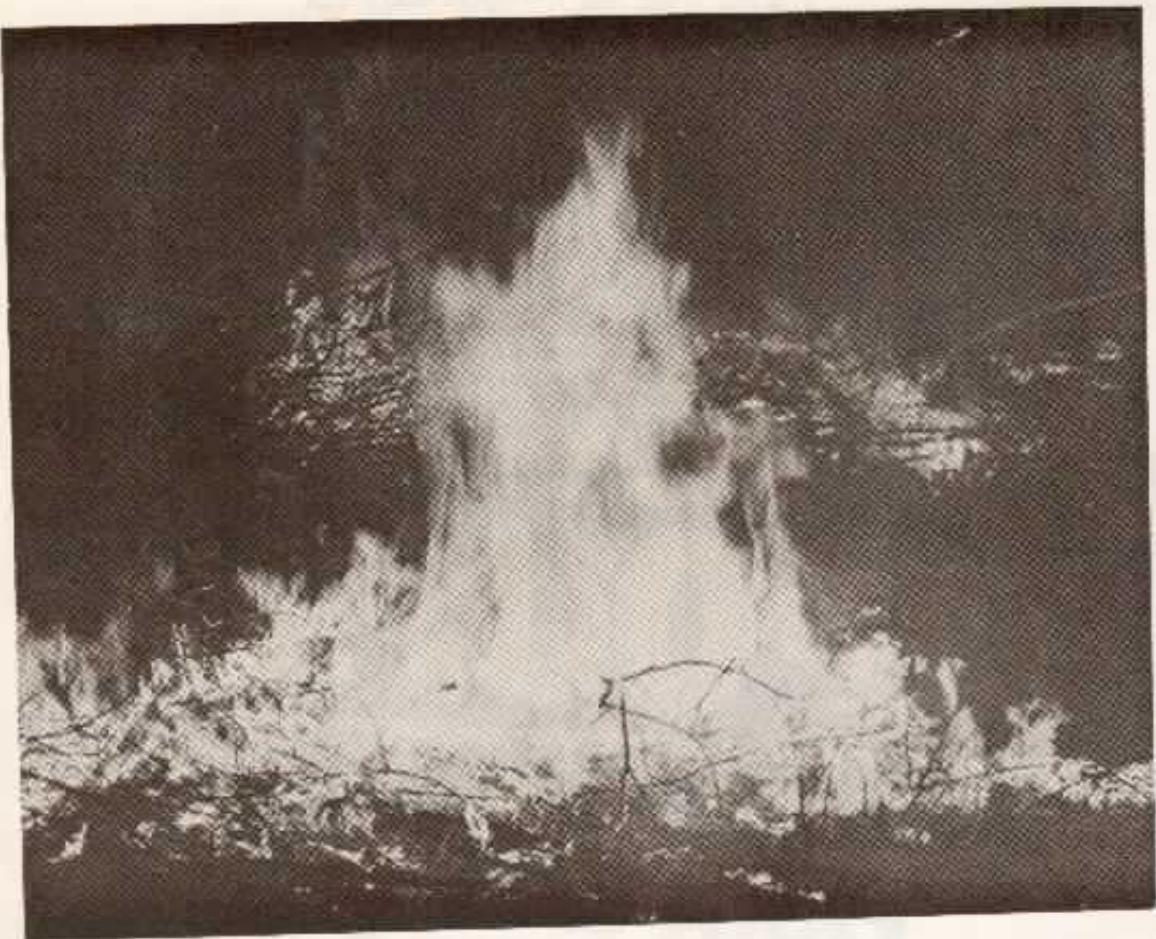
O investimento é de excepcional retorno. Você terá juros e correções monetárias todos os trimestres, um índice superior ao da inflação. Até 2.000 IPCs, há isenção total de Imposto de Renda.

Em termos de garantia, não poderia ser mais seguro: além do Governo Federal, BEPOUPAR conta com o respaldo do Sistema Financeiro BEP e do Governo Estadual.

Bepupar
A Caderneta do BEP

Governo
HUGO NAPOLEÃO

BEPUPANDO, TODOS NÓS ESTAMOS GANHANDO.



PERCEBO,
RAZÃO DO GRITO,
O QUE É CAPAZ O DESENCANTO
No Bicho que ATENDE POR
HOMEM.
-ALTO! (QUE A VIDA TODA NÃO SÓ MOS NÓS)
Alcide.

ENS AIO CRÍTIC

Wagner
da Rocha Sena

"Sentido e Comunicação",

Como se originou a linguagem? Eis uma indagação que ainda hoje parece não ter tido resposta satisfatória. Concebida como capacidade ou faculdade de usar símbolos vocais, a linguagem evidentemente nasce com o próprio homem e é dádiva divina, assim como dadiwas divinas são a memória e o raciocínio. Porém o que se pergunta é como os homens começaram a fazer uso dessa faculdade para criar ou fazer surgir a primeira língua. O mais exato seria perguntar: Como surgiram as línguas?

Para David Bell, o que é mais correto dizer sobre o aparecimento das línguas é o seguinte:

1. Os símbolos de que se constituem os idiomas são uma criação do homem, porém surgiram casualmente, arbitrariamente, e não por qualquer relação com a natureza dos seres.

2. O homem foi criando, aos poucos, a linguagem, na medida das necessidades que tinha de comunicar-se com seus semelhantes.

3. O processo de criação gradual dos signos lingüísticos é o mesmo pelo qual se realiza a aprendizagem humana.

Assim como hoje as crianças, ao chegarem ao uso do raciocínio, começam a falar, aprendendo a responder a estímulos, também os primeiros homens, havendo atingido certo estágio de racionalidade, principiaram da mesma forma a responder internamente a vários estímulos de seu meio e a criar, gradualmente e ao acaso, um sistema de símbolos significativos, correspondentes aos estímulos-respostas que iam aprendendo.

Claro que isto deve ter ocorrido em condições muito mais precárias do que aquelas em que aprendem os meninos atualmente, que têm a seu favor um passado cultural incomparavelmente mais rico.

O homem criou a linguagem pela necessidade de comunicar-se com os outros. A fim de que se estabeleça essa comunicação, não basta que cada símbolo produza resposta similar em cada comunicante; é preciso que eles se combinem para constituir unidades maiores de significação. O homem não só aprendeu a ter sentido para cada palavra, mas também para combinações de palavras, ou seja, para o que chamamos frase. Quando crianças, primeiramente usamos palavras; depois as juntamos na frase. Tanto as unidades mínimas como as maiores estão sujeitas a modificações; no decorrer da História, porque os homens mudam, quer no tempo, quer no es-

pacô geográfico. Não é possível que ofereçam o mesmo estímulo-resposta a um mesmo símbolo lingüístico durante muito tempo. As gerações alteram inconscientemente os símbolos lingüísticos e suas relações estruturais, de vez que os significados se acham nas pessoas e não na língua em si. Ai estão, entre outros exemplos, os arcaísmos léxicos e sintáticos, os neologismos e as diferenças dialetais.

A toda hora nos deparamos com a dificuldade de escolher palavras às quais os outros atribuem o mesmo sentido que nós, para que possamos comunicar o que desejamos. Na comunicação científica, por exemplo, um cuidado indispensável é o autor precisar muito bem o sentido que ele dá às palavras que emprega.

Se falo de *linguagem*, devo logo dizer em que acepção estou empregando este vocabulário. Qual das seguintes, por exemplo?

1. Lá um artigo sobre a linguagem das mãos. (comunicação expressividade)

2. Nas crianças a linguagem começa a partir do uso do raciocínio. (capacidade de usar símbolos vocais)

3. Há muitas diferenças entre a linguagem dos americanos e a dos ingleses. (sistema lingüístico, língua, idioma)

4. Ele acha muito interessante a linguagem de sua namorada. (utilização individual do idioma; aquilo que os lingüistas chamam *fala*)

Note-se que, ao contrário, também se usa *fala* no sentido que se dá a *linguagem* no item 2. O oriente perdeu a *fala*.

Afinal, a palavra *linguagem* não significa realmente nada. As pessoas é que lhe dão vários significados.

O sentido que o comunicador atribui a um símbolo lingüístico deve ser similar àquele que ao mesmo símbolo é dado pelo receptor. Sem esta similaridade, a comunicação entra em colapso. Isto ocorre porque o sentido não está nos símbolos, mas na mente dos comunicantes. Desconhecendo esse fato, muitos julgam que se fizeram compreender só pelo fato de haverem dito alguma coisa. Alguém disse a certa senhora de pouca instrução que *idioma* é o mesmo que *língua* e achou que havia comunicado o que queria. Ficou depois admirado quando essa mesma senhora disse à mesa que não gostava de idioma de vaca...

Muitos até parecem fazer algum esforço para entender as coisas segundo seus próprios interesses. Inúmeras vezes a lei humana é interpretada para perseguir alguém. Muitos dizem que cumprem o preceito "não matar", porque nunca mataram ninguém. Mulheres parecem brincar com a lei, alegando que o que está escrito é "não desejar a mulher do próximo", pelo que elas podem desejar o marido da

próxima... Outros usam palavras como *amor*, *democracia*, *liberdade* e *paz* a serviço de suas intenções particulares. Não há sómente a falácia do "eu disse", mas também a falácia do "ele disse": ele disse que me daria *amor*... eles dizem que lutam pela *paz* internacional...

Na opinião de David Berlo, os sentidos que estão nas pessoas e que são por elas atribuídos aos símbolos, resultam de um processo de aprendizagem pelo condicionamento.

Existem estímulos condicionados e incondicionados. Estímulo incondicionado é aquele que produz determinada reação em quaisquer condições. Ex.: água quente. Quem mete a mão em água quente tem uma reação automática de certa forma. Tal reação chama-se resposta reflexiva. Aquela que se acostumou a repelir a água quente pode transferir este tipo de reação para a água fria, se esta lhe for apresentada em idênticas condições. A água fria passa então a ser estímulo condicionado, que é aquele que só provoca determinada reação depois de combinado com outro cuja resposta seja reflexiva. A água fria é estímulo condicionado porque seria incapaz de provocar medo sem que antes tivesse havido o estímulo incondicionado (água quente). O povo costuma dizer que por culpa da água quente é que se tem medo da fria.

O estímulo pode ainda ser *proximal* (em contato direto com a pessoa) e *distal* (sem contato direto com a pessoa). Se a comida provoca salivação antes de ter sido levada à boca, essa comida funciona como estímulo *distal*. Ao contato com a boca, seria estímulo *proximal*.

Quando somos crianças, começamos a dar respostas internas aos estímulos distais. Estas respostas, aos poucos, vão-se tornando fixas e podem passar a externas. Podem ser ou não ser exatamente as mesmas dadas aos estímulos proximais. Segundo Osgood, citado por Berlo, a criança vai aprendendo a reagir internamente ao estímulo distal, procurando oferecer: a) as respostas que podem ser formuladas com mais facilidade; b) as respostas que não interferem com outras já dadas ao estímulo distal; c) as respostas escolhidas conforme sua capacidade de dis-

tinguir entre estímulo distal e proximal.

Em outros termos, essa *reação da mediação*, como Osgood a chamou, assim se resume:

— Os estímulos proximais produzem em parte respostas reflexivas.

— Os estímulos distais são combinados com os proximais.

— O indivíduo começa a responder reagindo internamente ao estímulo distal, separando e interiorizando uma parte das respostas dadas ao estímulo proximal.

— Aos poucos, essas reações se tornam relativamente permanentes e passam a funcionar como estímulo para que a pessoa formule respostas descobertas, isto é, observáveis.

— A pessoa pode ou não reagir desobedientemente aos estímulos distais.

Para Berlo, *sentido* é essa resposta ou interpretação interna que surge como reação a um estímulo e que se forma e acumula gradualmente por aprendizagem. Fácil é perceber que *sentido* se relaciona com *sentir*. *Sentido* é o que se *sentiu*. As pessoas é que *sentem* as coisas, portanto têm *sentido* ou *interpretação* por elas. As palavras não podem *sentir*, não possuem *sentido*.

"O sentido que damos às coisas, diz o autor, consistem nos medos como respondemos a tais coisas internamente, e nas predisposições com que a elas respondemos externamente."

Assim, a relação que estabeleci entre *sentido* e *sentir* é uma interpretação minha. Se for a mesma de Berlo, certamente entendi a mensagem dele. Os físicos e matemáticos reagem de maneira diversa ao utilizarem em certos contextos a palavra *sentido*, que eles não empregam da mesma forma que a palavra *direção*. Como leigo, tenho a tendência para usar esses dois vocábulos como equivalentes: "Vá caminhando neste sentido ou neste direção..."

Diversas implicações existem nesta definição de Berlo, acima transcrita:

1. Os sentidos estão nas pessoas e não nos símbolos utilizados, conforme já foi dito linhas atrás.
2. Os significados dependem de fatores que estão no indivíduo, na medida em que

se relacionam com fatores que se encontram no mundo físico exterior.

3. Os indivíduos podem dar sentidos similares na medida em que hajam tido o possam prever experiência similares.
4. Os significados não são fixos: mudam as pessoas mudam as experiências mudam os sentidos.
5. "Jamais duas pessoas podem dar exatamente o mesmo sentido a uma coisa, freqüente mesmo que duas pessoas sequer tenham sentidos similares."
6. As pessoas sempre respondem a determinado estímulo à luz de suas experiências pessoais.
7. Para que as pessoas atribuam sentido a um estímulo, ou modifiquem os sentidos já existentes, é preciso que seja esse estímulo combinado a outros para os quais elas tenham sentido.
8. A aprendizagem dos sentidos processa-se segundo estes princípios já mencionados: a) mínimo esforço; b) não interferência; c) capacidade de distinguir entre estímulos proximais e distais.

Dante disso, podemos imaginar como é importante, nas relações entre aluno e professor, que de ambos os lados haja forças para que os significados fôrtes sejam similares aos do educador. Quando criança, ainda lembro, um dia meu me trouxe moeda. Eu ouvia meu pai dizer que o dinheiro que se tinha deve ser posto no banco. Quando minha mãe perguntava pela moeda, eu disse que a tinha colocado no banco. De fato, pessoas grandes foram entrá-la sobre o banco do jardim, eu não sabia por que riiam tanto e comentavam o fato com as mães. Claro que, nas minhas casas reservas de respostas infantis, *banco* para mim só aquele.

Referência bibliográfica:

- (1) BERLO, D. David. — *O PROCESSO DE MUNICIAÇÃO*. trad. de JORGE Arnaldo. Ed. Fundação Cultural, Rio de Janeiro.

CULTURA POPULAR



(Fig. 1) - Ante o Trono de Deus — série Apocalipse de Waldemar Gonçalves — Escola do Juazeiro.

Escultura Popular

Pe. Matusalém Sousa

O desvelo contemporâneo pela ARTE-PLÁSTICA vem comandando aspectos para além daquilo que afirmaram os clássicos — "contemplação da arte pela arte"; "extasiar-se diante o belo" etc., etc. Por outro lado, permanecer no saudorismo dos românticos seria igenuidade histórica. Em contrapartida tomar a ARTE-PLÁSTICA como instrumento de dominação das élites culturais é opotúbio à cultura brasileira. Neste contexto se situa a arte popular, aquela produzida pelo povo e consumida pelo seguimento dominador da sociedade.

O presente texto tentará ser uma reflexão sobre aspectos fonéticos da arte popular e a sua estereotipação como *obra de arte* no

quadro das preferências classificatórias e identificantes como tal.

O referencial será a ESCULTURA POPULAR relacionada com dados filosóficos da arte. Neste sentido antes de uma re-nitização sobre a arte popular, será um esforço de tomar a ESCULTURA POPULAR, "xilogravura" e deixar que ela fale por si sobre o seu caráter de ser arte.

O ouvir desta fala será um sistemático estudo dos elementos constituintes da produção das pranchas xilográficas como saber do povo para o povo, saber que se torna autônomo pelo seu saber resistente às pressões críticas do saber que reflete a estereotípante dominação cultural dos teóricos da arte.

I — O FATO ESCULTURA POPULAR

Em várias publicações que tenho feito circular em Teresina, tenho tido a preocupação de evidenciar uma leitura do fenômeno da ARTE POPULAR do Nordeste com códigos fornecidos pela base. Uma outra preocupação, que é complementar, fará afirmar que o intelectual faz parte do "sistema de poder". E faz parte no justo momento em que se outorga agente "da consciência e do discurso". Da consciência, quando pensa deter um saber velado aos demais, principalmente aqueles que não tiveram acesso à sua fonte de conhecimento. Do discurso, porque sua linguagem está revestida

tida pelo código na sociedade que o legitima (1). Contudo, é importante, antes de evidenciar o fato ESCULTURA POPULAR a afirmação radical de Foucault como horizonte norreador desta abordagem: "...as massas não têm necessidade deles (intelectuais) para saber; elas sabem perfeitamente, claramente, muito melhor do que eles; e elas dizem muito bem. Mas existe um sistema de poder que barra, proíbe, invalida esse discurso e esse saber. Poder que não está somente nas instâncias superiores da censura, mas que penetra muito profundamente, muito suavemente, em toda a rede da sociedade. Eles próprios, os intelectuais, fazem parte deste sistema de poder, a idéia de que eles são os agentes da "consciência" e do discurso, ela própria faz parte deste sistema. O papel do intelectual não é mais se colocar "um pouco na frente ou um pouco de lado" para dizer a verdade muda de todos; é antes lutar contra as formas de poder onde ele é ao mesmo tempo o objeto e o instrumento: na ordem do saber", da verdade, da consciência e do discurso (2).

Em não se considerando as palavras de Foucault como perspectiva desta tematização, sem dúvida, também não estarei a fazer um ensaio em Filosofia da Arte. Entretanto, em se considerando que as camadas populares portam um saber, a postura será diferente daquela de valorizar apenas aquilo que dominamos sem que isto se constitua uma ameaça ao nosso saber.

Já prescindindo de colocações apologeticas, será importante não perder de vista que qualquer valorização do SABER POPULAR só emana "duma postura de estar atento às expressões da capacidade criadora das camadas populares que se manifestam em cantos, danças, comidas, formas de lutas, formas de sobrevivências e códigos próprios (3)". E neste solo que tem raízes profundas e autônomas, a expressão escultural popular como arte.

1.1 — Dados Históricos da Escultura Popular

A gravura de madeira, pequenos pedaços de casca de cajá, imburana, pau-pombo, pe-



reiro e nigar-porco — em alguns casos já substituídos pelas folhas de "Madeirit" — cortados de gillerie ou de ponta de faca, vem sofrendo modificações de uns tempos para cá, com encomenda de temas, completamente estranhas à saga de nosso romanceiro popular.

O gravador em madeira surge isolado, sem ninguém para lhe mandar produzir. É forçado pelas circunstâncias, inventa qualquer coisa relacionada a um fato visto ou a uma estória escrita em versos alexandrinos ou decassilabos. A invenção converte-se numa figura tosca, saída de sua cabeça, num pedaço de pau. E, assim, nasce o pequeno artista, um homem pobre, semi-analfabeto, que nunca entrou numa escola, nem mesmo para dar um recado ao professor, ou encontrasse alguém que lhe ensinasse a fazer uma canga de cahuz (4).

A gravação em madeira é conhecida pelo nome de XILOGRAVURA (nome também popular) é também chamada pelos eruditos de *arieplástica*. Testemunha Jecvá Franklin de Queiroz que "a imagem xiográfica é talhada, pelo gravador matuto, com tesoura de uma perna só e quicé (faca de cortar fumo), formão ou canivete". Mas de fato, qualquer instrumento cortante, desde que tenha fio afiado, é suficiente para abrir os sulcos e deles tirar crêncas e as tradições caboclas vestidas de anjos ou demônios, de gente mágica, de bichos, de heróis ou de bandidos servem para o trabalho.

É importante não perder de vista que quando se fala em XILOGRAVURA na cultura popular, acentua-se o suprimento da necessidade de pôr a cultura a serviço do povo. A cultura popular, neste sentido, é "a cons-

ciência revolucionária". Nada fluiu tão a serviço do povo quanto a cultura popular! Esta consciência se manifesta como instrumento superadmirável das infinitas, fazendo saltar as mais expressivas pranchas xiográficas das inteligências subalternas deste Nordeste bem nacional.

A mais profunda compreensão desta manifestação das inteligências humildes e populares pode ser descrita com as palavras de Benjamin Garcia ao referir-se a este dado como *sabedoria popular*: "o saber popular significa desafio (5)". De fato, o saber é o desafio maior, quando muita gente diz que sabe e não sabe garantido por quem se sabe com o poder. Mas o desafio é camada popular significa a possibilidade de formular seus interesses, criar alternativas, também, de poder. Daí, reconhecer-se que quando as camadas populares criam (e recitam conscientemente), criam aquilo que fundamentalmente fundamenta nossa identidade de cultura através da XILOGRAVURA, dança, etc.

1.2 — Tendência dos Mestres

No Nordeste brasileiro a xiografia começa de fato nos anos de 1900-1919 com *Jodo da Cossia*, mossoroense com uma grande produção donde se destaca a prancha *INDÍO NORDINHO*. Contudo, vai ser nos anos 40 que a xiografia passa a sua fase áurea com o surgimento expressivos nomes ao lado de artistas tradicionais: Expedição Sebastião da Silva, Augusto Laurindo Alves, José Estrela Monteiro, José Martins, Nogueira Palito e muitos outros.

(1) Isto significa que também o discurso em ANTI é igualmente rejeitado pelo povo dominante, questão já encerrada Prof. Campus (21/11/83) em bases ALD V. Filosofia da Arte 2º ed. Rio, Zeca, 1976, 55-59.

(2) FOUCAULT, Michel e GILES Deleuze, "Intelectuais e o Poder" in Carlos Henrique Coelho (org.) *Paiçanais e Ciências da Música*. Rio, Eldorado, 1974, 19.

(3) Cf. GARCIA, Pedro Benjamin, "Saber popular / Educação Popular na Escola de Educação Popular n° 05, Principais", 1988, 40-41.

(4) LIEDO MARANHÃO, "O Folhão Pequeno Céu e suas Ilustrações", Recife, 1981-71.

(5) GARCIA, Pedro Benjamin, op. cit.

O primeiro esforço de divulgação da xilogravura nordestina aconteceu na cidade do Crato (Ce.). A edição primeira de publicação foi em 1960 pela Faculdade de Filosofia do Crato sobre a produção do artista Walfrido Gonçalves hoje transformado em raridade bibliográfica. Em 1965 Robert Morem editou, em Paris, uma coleção de 14 gravuras da *Via-Sacra*, talhada em madeira, de Mestre Nosa.

Em se considerando a temática, pode-se considerar o momento nos artistas dois polos de concentração onde há uma nítida diferenciação de traços e de composição nas gravuras. Isto divide os produtores em dois grupos o que, sem exageros, possibilhará uma classificação de duas escolas de escultura popular no Nordeste.

A primeira escola é a de Juazeiro do Ceará liderada por Walfrido Gonçalves, tendo como membros Mestre Nosa, Abraão Batista e Sérénio Diniz. A segunda é a escola de Caruaru em Pernambuco tendo Dila como patrono e José Borges, José Costa Leite e Francisco Amaro como membros principais. Outros xilogravadores se manifestam em quase todos os lugares como bem: Minelvino Francisco da Silva em Itabuna (Ba.); Marcelo Soares no Rio de Janeiro, Jota Barros, Maxaldo Nordesino e Jetônio Soárez em São Paulo.

ESCOLA DO JUAZEIRO — Nesta escola cearense, as gravuras se caracterizam pela riqueza de detalhes e complexidade de cenas. A massa impressa se sobrepõe ao vazio. A constante é o preenchimento de todos os claros. O traço das limitações impostas pelas xilogravuras, é o que se pode chamar de barroco (ilustração da fig. 1).

ESCOLA DE CARUARU — O grupo que representa esta escola apresenta uma xilogravura mais limpa e marcada por figuras dominantes e solitárias. O branco se sobrepõe à massa impressa. Não há figuras ou traços de fundo padrão estético; muita proximidade imposto pela sociedade de consumo.

A marca fundamental da diferença entre as escolas xilográficas aparece na percepção de que os traços entre o maior ou menor grau de urbanização da



(Fig. 2) - *O Dragão da Cidade Perdida de Abraão Batista — Escuta de Juazeiro*

cultura. Mesmo com a nítida distinção entre os traços das duas escolas, estas mantêm-se dentro da mesma temática: a mistura do universo real (omnipresença da escassez) com o sobrenatural (poder do além-humano). Caso houvesse possibilidade de uma separação do tema da forma, não haveria como distinguir a gravura de uma escola da outra. Esta posição torna-se mais clara quando se compara vinte produções de cada escola (veja fig. 3 e 4).

1.3 — *Conteúdo Representacional*

Nesta tentativa de compreender o caráter representacional da xilogravura nordestina (veja fig. 1, 2, 3, 4) é necessário algumas considerações de ordem social e religiosa do Nordeste. As considerações versarão em torno de dois conceitos fundamentais de romaria. Tal colocação fará compreender o caráter representacional da arte como um modo de representação. Neste sentido, "a obra de arte é representacional quando mostra um conteúdo magistico que expressa o assunto, e há uma semelhança facilmente discernível entre as propriedades dos materiais disponíveis em seu desenho e as propriedades do assunto como tal. Essa semelhança é a possibilidade de ver-se o original (assunto) refletido nos meios da obra como seu conteúdo, ainda que essa semelhança, em si mesma, não seja

visível ou notada na experiência estética (6). Na tentativa de detectar o conteúdo imagístico na representacionalidade xilográfica:

A — No sertão nordestino, num raio inferior a 500 quilômetros, funcionam dois grandes centros de romarias ou manifestações religiosas. O maior deles, é o Juazeiro do Norte, Ceará, que envolve a população rural, naturalmente de menor poder aquisitivo e de mais baixo nível cultural (acadêmico) em torno de Padre Cicero.

B — O outro centro de romaria ou de turismo, é a Fazenda da Nova, área de influência da Cidade de Carnaubá (maior cidade do interior de Pernambuco), que ali, anualmente atrai milhares e milhares de pessoas para o local denominado *Nossa Senhora* — "o maior teatro ao ar livre do mundo." Encena-se, durante a Semana Santa, uma *Via-Sacra* ao vivo. Neste teatro é o próprio povo que participa cotitular. A faixa da população atraída, é aquela de poder aquisitivo e de nível acadêmico mais avançados.

C — Estes dois fenômenos são de cativarização da religiosidade do Nordeste. Um é mais espontâneo ao menos quanto espetáculo; o outro planejamento e de inspiração empresarial. O primeiro está situado a mais de 600 quilômetros do litoral, no inter-

(6) ALDRIC, V. C. op. cit. 76.

rino de um dos Estados mais pobres e mais castigados pelas estiagens de chuvas e de ação política. O outro cerca de aproximadamente 100 quilômetros do porto de Recife, onde o símbolo do crescimento econômico, a indústria não é novidade.

A partir destes dados, os mais importantes gravadores populares do Nordeste, concentram-se em torno de dois centros de romaria. Mesmo prescindindo da identificação das relações de causa e efeitos entre os dois tipos de concentração romeria ou de manifestação cultural, os fenômenos estilo no mesmo contexto. O que os une é o mesmo pano de fundo: O MESMO CLIMA DA FATALISMO NUTRIDO PELA SECA.

2 — ESCULTURA POPULAR COMO OBRA DE ARTE

Em base ao visto acima, a tarefa será identificar alguns elementos ou fatores determinan-



manceira de trabalhar com. Presente estão os meio compreendem os valores; (veja item 1.2) são man pela presença e ausência paços em branco nas pra das duas escolas — "obres". O conteúdo, que é pio assunto expressiva retratado naquilo que é víti perceptível em cada pra

tes da obra de arte capazes de definirem a escultura popular como expressão artística. O detectar dos referidos elementos facilitará a percepção estética do dado popular mediante o estilo e forma das pranchas demonstradas (fig. 1, 2, 3 e 4).

Os autores populares não prescindem dos elementos constituintes da produção artística conforme declinam os teóricos da arte. Os materiais ou instrumentos primários e secundários — tesoura, quicé e pedaço de madeira — anexa a tudo isto a



(Fig. 3) - O Presépio de Jota Barros — Escola de Garuá.

O elemento metafísico dos artistas, exprimido identificado pela como sendo a disposição elementos do meio no espaço, salta das pranchas por — alto ou baixo relevo branco ou preto na impre disposição do conteúdo, racteriza cada escola, é pido na formulação do personagem isolado (fig. em contra-posição a ind justapostos na extensão d cha (fig. 1). A disposição micos do meio e o ar conteúdo competindo pa mar as composições sust escultura popular como a

A observação cuidadosa das xilogravuras, faz modo pelo qual as figuras bem e refletem luz. Isso confere à forma apresentada espaço estético. O que é é o meio (ímbr) e a expressão. Neste sentido, a escultura realiza o que se pode bontade de seus materiais modos, representa pictorialmente, de maneira expressiva, pelo conteúdo imagina expressão de terceira, que é o sentido pelo qual o é expressivo de algo.

As pranchas populares devem ser vista obra de arte porque preenchem os requisitos da obra de arte reconhecida pelos teóricos entre eles o mais categoricamente fundamental e com a manipulação dos meios plásticos com vista ação do meio por um conte

PARA ENTENDER A ARTE POPULAR

As dificuldades de compreender um dado da sabedoria popular como arte, implica sempre a auto-consciência do lugar que o compreendente ocupa na hi-

tarquia do saber ou da cultura. O saber popular só será compreendido profundamente quando o compreendente se despe dos seus conceitos e preconceitos para penetrar no universo produtor de saber formado pelo povo e com o povo. Daí "porquê da afirmação de que 'saber popular é fruto de experiências de vida, vivência afetiva, religiosidade, espaço político e de luta, etc.'". A arte popular emana daí. E partir deste saber que o grupo ou escuela xilográfica se identifica como tal, troca informações entre si e interpreta a realidade em que vive.

A escultura popular advém não das escalações dominantes da cultura com que seus esquemas enquadra e classifica toda produção artística. A escultura popular vem do sofrimento e da carência em todos os níveis. É uma força débil mas, potencialmente, mais forte do que qualquer outra. A escultura popular é um saber e uma arte de resistência.

É importante ressaltar que qualquer análise ou crítica à arte popular partisse de algum ponto de vista teórico que fosse capaz de considerar, de modo positivo, a capacidade do artista plástico popular de questionar a sua realidade, e, não estivesse sempre na expectativa de que aquela expressão artística devolvesse integrar-se a ela tal como ela se apresenta. Esta postura leva a compreender a escultura de resistência.

Numa palavra, a ESCULTURA POPULAR, neste destaque, se alimenta de uma cultura tradicional e marginal e, por isso mesmo, para defender-se da dominação como um todo, os alimentos são variados de acordo com as circunstâncias e as histórias de vida de cada escola ou grupo acomodador e mantenedor da arte.



A verdade, é que as camadas populares no Brasil foram sempre ou quase sempre, ao longo da nossa história, manipuladas por grupos que falaram em seu nome. É igualmente verdadeiro que muitas vezes se sube acima do saber popular que imprime novas matizes à resistência popular. O que precisa ser buscado são os sinais dessa resistência e a ESCULTURA POPULAR no quadro da arte popular fala alto de que é vivido e reproduzido pelo povo levando em conta as relações e as lutas das classes.

BIBLIOGRAFIA

- ALDRIC, V. C. "FILOSOFIA DA ARTE", 2^a ed. Rio Zahar, 1976.
FOUCAULT, Michel e GILES Deleuze, "Os Intelectuais e o Poder", in Carlos Henrique Escobar (org.) Psicanálise e Ciência da História. Rio: Eldorado, 1974.
GARCIA, Pedro Benjamin. "Saber Popular / Educação Popular", in Cadernos de Educação Popular, n° 3. Petrópolis: Vozes, 1983.
LIEDO MARANHÃO. "Folheto Popular, sua Capa e seus Ilustradores". Recife: Massangana, 1981.

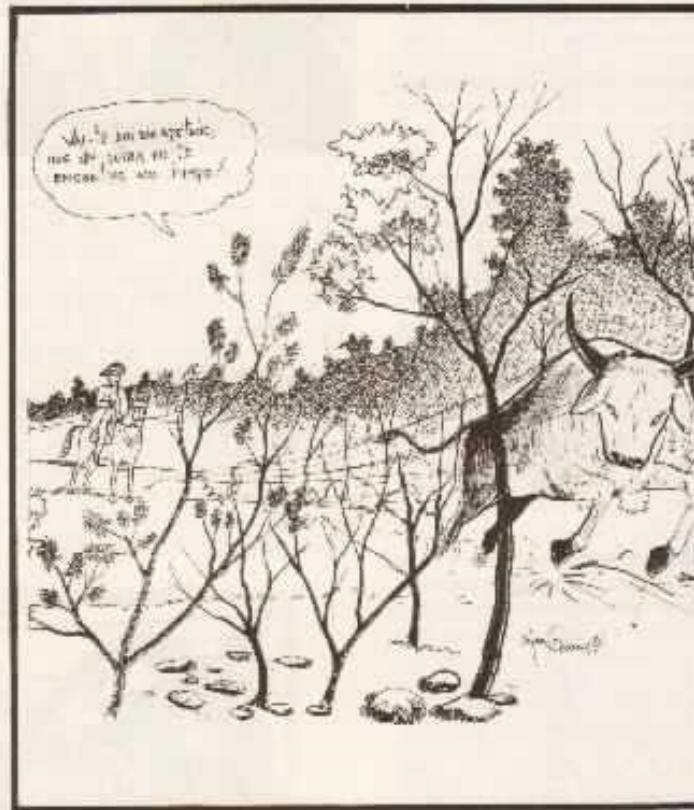


(Fig. 4). Lampião e Pe. Cicero — — ie Gangueiros — Escola de Carnaval (Bila).

CONTO

Magalhães da Costa

Pra
isso
vocês
são
bons



Uma cachaça danada. Mania mesmo de criador, que não dá camisa a ninguém. Contando os dias nos dedos, como quando no internato esperando as férias. Rezando pra chegar logo o fim-de-semana. E quando bate 6*, não quero conversa: pulo dentro de meu carro e arribo pra fazenda. De Parnaíba, direto, apenas três horas de estrada boa. Mas tenho de passar primeiro na minha terra, para pedir a bênção aos velhos, abraçar os parentes, tomar um cafecinho com bala na casa da tia Emilia, enquanto o João Ricardo, criú da gente, bota as coisas na camioneta — o querossene, o café, o açúcar, o arroz, a farinha, o feijão, a carne de sol, o frito pra quando chegarmos jantar, a banana, a rapadura, isto, isso e aquilo. Ricardino velho passa então, dai por dante, a ser meu companheiro de viagem, o abridor de porteiros. Deixamos Piracuruca pelas quatro da tarde e, uma hora depois, estamos entrando no pátio do Curral de Pedra, apinhado de jabobas

Antes, somos obrigados a parar na casa do vaqueiro, pra apanharmos as chaves da casa-grande, que fica a semana todo trancada, como um monstro dormindo. Estabro no terreno, junto ao barreiro de toras de pequiáceo, e desço do veículo, retirando, com o cabulelo, as cristas, que vamos dispor sobre o peitoril alto, para depois levarmos lá pra dentro. Subo os batentes e destran-

co o cassarão, dando com uma sauna enorme, onde diz que tem dinheiro enterrado num canto, chamado dos ferros, e entro, direto à tábua dos candeeiros, num troço quarto. Apago as lamparinas e tragoo-as para a varanda, que está um pouco clara ainda, e enchooo-as de gás, enquanto o criado procura as redes nos baús para arrumar. E, ali que aparece D. Benedita, mulher do va-

queiro, pra passar o cafecinho arrumar a mesa pro jantar. Aproveito o tempo que a chama serve pra ver o gado da coxa e sentir o cheiro bom da esplanada. Observo algumas irregularidades, que anoto (restos de dormida nos cochilos, água) e suja no tanque, paus de praia caídos, os parentes em mim (com o gado), pra falar devo queirar.

De volta, baixo o tucum da varanda e me escancho nele pro café que D. Benedita me traz. Tomo-o com prazer, acendo um cigarro e fico a olhar o Morro do Urubu, com o dorso de um grande animal, onde existem umas furnas de moçambique, perto de uma das quais eu ia sendo picado por uma cuscavel que estava assim enterrada entre duas pedras, esperando só eu passar, o que me obrigou a abandonar o diabo de caçadas, coisa de que aliás não tenho um pingão de arrependimento. Começa então a escurecer de novo. Levanto-me, vou acender as lamparinas, que distingo pela casa toda, pendurando o farol num gancho que pendia de uma ripa bem no meio da varanda, e volto ao bem-bom do tucum. E ai que aparece o vaqueiro, vindo das bandas da casa de rução. Abre a porta e entra:

— Adeus, Doutor.

— Como vai, seu Honorato? O cabra senta-se no peitoril, o chapéu de couro de lado.

Huxo a conversa:

— Então, seu Honorato, como vai o gado?

— Bem, patrão. Tudo apalumado, com os poderes de Deus.

— A vaca Maravilha já partiu?

— Nhor não.

— A Maravilha...

— Perdeu.

— Mas como, seu Honorato?

— Não sei, não senhor. Apareceu desocupada.

— E o Javanês?

— O Javanês?

— Sim. Você pegou ele como ordenei?

— Nhor não. Peguei não. Também, é boi que anda! Garrote dum carreira bonita!

— Não acredito, seu Honorato! Um boi manso daqueles...

— Boi manso... Manso, mas só enquanto a gente não mexe com ele.

— E você espantou? Boliu com o bicho?

— Foi. Dei com ele ali na boca daquele capão do Tudo-Pago. Então eu disse: "É hoje, boião, que tu vai ver cavalo!" — e joguei o Juriti pra cima dele. Queria ver a carreira do danado. Mas foi bobearia, que nem vi onde o bicho entrou. Quer dizer, só

vi quando ele entrou na mata, depois o estaleiro, a quebra de paus, o chiado das folhas, como de fogo bruto em tucunzel. Ai freei meu animal e mandei: "Vai-te, boi encapetado, que de outra eu te encontro no limpo!"

— E por que você não pegou no outro dia?

— Não deu, meu senhor.

— Como, não deu?

— O Juriti, que está fraco. Gordo, eu queria ver! Porque cavallo bom de gado como aquele não tem aqui... Ainda está por nascer! Pena que esteja ficando velho... e magro.

— E não tem milho? Você não está dando mais milho aos animais não, seu Honorato?

— Nhor não. Que faltou. Acabou-se logo no outro dia que o senhor viajou.

— Isso por que você não me disse, homem?

— Hem, hem... Devia mesmo. Mas me esqueci. Sou danado pra me esquecer. A gente vai envelhecendo e fica assim.

— Assim como, seu Honorato?

— Assim... Esquecido. Mas o patrão me perdoa dessa vez e eu prometo...

— Muito bem. Vamos ver. Cadê, você não esqueceu de aplicar aquele medicamento que deixei pra você dar na Mimosa?

— Nhor não. Que não careceu.

— Então a Mimosa escapou?

— Não senhor. Morreu. No outro dia mesmo, amanheceu de canelas esticadas...

— Uma ressaca dasquelas...

— De fato. A vaca mais galante que o meu amo tinha. Mas é isso mesmo, patrãozinho. Mais tem Deus para lhe dar. E depois só perde quem tem. E por falar em perder, aproveito pra dizer o dono que o Burdo amanheceu no chão, arrreado. Triste, os olhos espantados, as orelhas que mal bolem, e lacrimejando, que até parece que está com dor!

— Você deu ração a ele?

— Dei, nhor sim. Como não haveria de dar? O senhor mesmo não disse que reprodutor só presta bem tratado?

— E o que foi que você, Honorato, deu ao bicho?

— Ralão gordo à vontade.

Comeu que deixou! Que ficou mole!

Pois você matou o meu touro! É melhor sangrar logo...

— Se o dono dele quiser, é ia

— Pra isso vocês são bons...

— Só pra isso, não senhor. Pra outras coisas também...

— Pra outras coisas também... Engracado... Bem, agora me dá notícia do capinhal.

— O capinhal?

— Sim. Está mesmo bonito com aquele sereno que deu?

— Nhor não. Qual! Pegou fogó todinho! Não ficou uma couceira, um só pé de capim! Fogão bonito, Doutor! Chega vinha estirado, comendo por longe! A toda a largura! Num instante, fez o serviço. Não deu nem tempo de chamar os homens...

— E como foi isso, seu Honorato?

— Sei, não senhor. Bem arriscado ter sido algum tirador de italiana. O senhor sabe, o pessoal está passando muita fome, só tem essas coisinhas. Entendo...

— Quer dizer...

— Foi. Queimou tudo!

— As cercas também?

— Só umas duzentas braças.

— Ainda bem... É o que valerá!

— É... Mas na parte de cima, onde ele entrou. Na de baixo, onde tinha aquela cerca velha de faxina — o senhor sabe, não é? — ficou só a cinza! No ponto de plantar! Está lá pro senhor, se quiser, ver. Agora, não sei como vai ser pra gente, com uma seca braba dessas, o tempo enfarruscado. Não sei mesmo...

— Nem eu — disse, e mandei o João Ricardo colocar as cintas de novo no carro. Saltei dentro e vim tomar um fôlego em Pitácuca. Que vale que ninguém quis saber por que eu voltara na mesma pisada. Eu teria morrido, com cortezia.

Hoje, estou aqui, arrumando-me pra ir de novo pra fazenda. Mania mesmo de criador, que não pode viver sem sentir o cheiro do gado — uma verdadeira cachaça, boa e cara.

(De *Estação das Manobras*, contos, inédito)

MEMÓRIA

Dagoberto Carvalho

A Escola do Recife

Reflexos no Piauí



A Faculdade. Do Mosteiro de São Bento em Olinda, 1827.

N a caracterização do que passa a história da cultura no Brasil como Escola do Recife preferimos, com Silvio Romero — seu confundidor e elemento de vital importância para o seu estudo e compreensão — dizer que se trata da "brillante movimento intelectual que tendo por teatro a cidade do Recife" e, *stricto sensu*, a Faculdade de Direito, "foi, primeiramente poético, depois crítico e filosófico e, por fim, jurídico". Figura exponencial de todo o movimento, fui a de sergipano Tobias Barreto de Menezes (1839-1889) de tal modo a ele identificado — sobretudo à sua fase jurídica — que há os que a exemplo de Spencer Vampre insistem em chamar a esse tempo de idéias novas, Escala de Tobias.

A ressonância por volta de 1860, dos movimentos emancipacionistas de 17 e 24 e as polêmicas que ainda suscavam a Revolução Praieira de 1848, maravam, então de certa forma, a vida da cidade. Mas, assimile-se, a par desse *"modus vivendi"*, transformava-se, também, com a fixação social da classe média urbana e a consequente imposição de nova mentalidade. Entre os novos tipos com que vem convivendo o Recife destaque-se o do Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais — e vem daí o bachelarismo: bachareis que fizaram e de que se fez a própria Es-

cola do Recife; bachareis responsáveis até, na vigente escala social, pela ascensão da nova classe que por si ajudara, também, a redimensionar o meio. Este, o Recife que veio encontrar em 1863 o mulato sergipano que despertara, na Bahia, para o social de Victor Hugo e transformou-se aqui, depois de abrir caminho ao condorcirismo na poesia, em oráculo de uma escola poético-filosófico-jurídica.

Pensamento

No que pese ter quase sempre subestimado o seu papel co-

mo poeta e, a despeito de haver sido superado no gênero, Castro Alves, é Tobias Barreto grande precursor do condorcismo entre nós. Ainda influenciada pelo romantismo, a poesia brasileira passa a experimentar a partir de sua chegada ao Recife (1862), grandes momentos e bases agora em estrada patrícia-socialista. Vai-se desfralda bandeira panteista e revolucionária de Victor Hugo com seu estilo forte e rutilante — escr Silvio Romero — reconhecidamente entranho, que em pouca evolução tornaria rivais chefes discípulos que apesar de n

jamais contestariam ao poeta sergipano "o prestígio da iniciativa". Tobias, segundo ele, trouxe o "sistema preparado de Sergipe". De sua temporada na cidade da Bahia é bom exemplo de precedência estilística o poema ao Dois de Julho:

*Saírente das belas dias,
que trazem mais sisa-luz,
desvillando entre harmonias
no vasto império da Cruz.
Passa um dia sublimado,
que guerra humana
fazem, humo e gresso,
que traz a píntia estampada
no fogo meio emburacado
Pelo aente da fusil.*

Estilo que antevê Romero em produções mesmo anteriores a esse primeiro e deslumbrante contato com Hugo:

*Vida e beleza maioradas
Da minha pátria... Era aquí

Suas relações e passões
Desgarradas pelo val...
Tem ali maria afogada
No qual roçado de mim lira,
Que desusou o quinhão...*

Os versos de Tobias espalhados nos periódicos do Recife, somente em 1881 seriam reunidos em "Dias e Noites". Bem depois, portanto, de "Espinhas Flutuantes", de Castrô Alves, "Mocidade e Tristeza", de Vitoriano Palhares e "Corimbos" de Luiz Guimarães Júnior. Daí, a palma ao primeiro, cuja ruidosa recepção na Corte, em 1868, embacara, de certo modo, as glórias provincianas da Escola do Recife que — diga-se a bem da verdade

— por essa época já redimensionava seus conceitos submetendo-os ao critério filosófico de que seria expoente o próprio Sílvio Romero. Já o Recife vira passar o estro em que o autor de "Vozes d'Africa" "comou o vôo em que subiu tão alto":

*Da moitação de sua brasa,
les borda a tiraria...
Oh! armas talvez o povo,
de suas armas forja um dia...*

E que — e volta a observar o grande crítico — "passando aos discípulos, ostensivos ou não, o estilo se exagerara, tornando-se uma maneira áspera de poetar... A falta de sentimentos e de idéias foi suprida pela fantasmagoria de uma linguagem empolada e gongórica". Seguir-lhe-ia, numa fase de transição o realismo literário de Celso de Magalhães (Poesias) e Sousa Pinto

(Idéias e Sonhos) para sucumbir depois à nova concepção agnóstica do universo, agora, de fato — ressalta Romero — como contrário do naturalismo científico que substituiu as velhas construções metafísicas. Fechava-se, para a Escola, o ciclo da poesia.

Os anos setenta mantendo unidos os membros do grupo, assistiram a maior metamorfose — novamente depõe Sílvio Romero — operada em um espírito, o do escritor sergipano. Voltando-se completamente à crítica em todos os seus aspectos (filosófica, religiosa, literária e política) Tobias Barreto descreve os caminhos do germanismo, de que será oráculo no Brasil, inspirado justamente na crescente importância do pensamento alemão em seu tempo. O segundo momento da Escola, em sendo o que corresponde ao exílio cultural a que se impõe Tobias na cidade pernambucana de Escada é marcado, sobretudo, pela presença pujante de Sílvio Romero. É a fase do filosofismo crítico de que foi este outro sergipano figura incontestavelmente maior e tem seu mais expressivo momento no célebre incidente em que "invectiva a Congregação de ignorante tendo afirmado que a metafísica estava morta... Pela primeira vez no país, era invocada a autoridade de Rudolf von Jhering" na seara do Direito.

Amadurecera, dissemos, na Escada, o germanista que se dizendo "mestre de si mesmo", ali se entregou de todo ao estudo da língua alemã para dominando-lhe a cultura, captar o pensamento e redimensionar o Direito. Esta, efetivamente, a fase de maior fulgor da Escola. Dada a concorrência para a Cátedra, viveu o exercício pleno da mais irresistível vocação de condutor

de idéias que terá passado pela Faculdade. Tobias modificou o próprio Jhering ao definir Direito como o "conjunto das condições existenciais e evolucionais da sociedade coativamente asseguradas". De par com essa extraordinária organização intelectual, conviveu o polemista que "por força de convicção, consciência de sua superioridade mental, sentimento da necessidade de desfazer erros, combatividade natural... sem prazer nas polêmicas e as suscitou em grande número...". Referências merecem as questões que sustentou com os padres do Mata-rião, com Autran, Taunay e José Higino.

A Escola não era — assegura Bebilaquia — "um rígido conjunto de princípios, uma sistematização definitiva de idéias, mas sim uma orientação filosófica progressiva, que não impedia a cada um investigar por sua conta e ter idéias próprias, contanto que norteadas científicamente". Exemplo dessa independência no seu mesmo movimento é o de Artur Orlando — verdadeiro sociólogo da Escola — para quem "someter pelo caminho da sociologia era possível o conhecimento das instituições jurídicas" e a quem o próprio Tobias chamou de "amigo incomparável e companheiro de batalhas..."

O materialismo hackeliano e o evolucionismo de Spencer, foram-lhe, do ponto de vista filosófico, base comum de onde partiram todos, conduzidos também por suas tendências naturais sem que se possa deixar de reconhecer que um "agrupamento de homens de tal estatura jamais se formaria" — conclui o autor da *História da Faculdade de Direito do Recife* — se um pensamento superior os não reunisse".

Periodos e nomes

Passou a Escola do Recife, para Antônio Paim, por quatro fases: uma de esforço pela renovação das idéias caracterizada pela negação da metafísica e do eclatismo; a segunda, a do apogeu intelectual de Tobias Barreto teria de mais significativo a publicação em 1878 de "A Filosofia no Brasil", de Sílvio Romero; a terceira, indo de 1885 a princípios do século atual, seria marcada por considerável redimensionamento dos fundamentos dou-



Praça da Rua do Hospital. Já no Recife, os dias agitados da "Escola do Tobias".

trinários; a quarta fase, é, para Paim, a dos "brilhos finais", balizada pelo ano de 1914. Nelson Saldanha em recente e meritório trabalho de síntese sobre o movimento, adota fórmula menos detalhada ao referir-se a três momentos chamando-os, apenas, de períodos de formação, apogeu e declínio. Novamente preferimos a classificação adotada por Romero em sua *História da Literatura Brasileira*. Sobretudo, pela abrangência em sua sistemática dos aspectos culturalmente diversos que marcaram a trajetória da Escola.

Vejamo-los:

Primeira fase (1863-1870) — Na poesia — Tobias Barreto e logo após Castro Alves e Vitoriano Palhares; no romance e no conto — Franklin Távora; no "voltarianismo" religioso — Abreu e Lima;

Segunda fase (1870-1877) — Na reação filosófica e no germanismo — Tobias Barreto; na reforma da crítica e crticismo poético — Silvio Romero; no realismo poético — Celso de Magalhães e Sousa Pinto; no romance — Luiz Dolzani e Clementino Lisboa; no folclore — Celso de Magalhães seguido por Silvio Romero;

Terceira fase (1878-1919) — No Direito (nova intuição) — Tobias Barreto, depois José Higino, Clóvis Beviláqua, Artur Orlando e João Vieira; na poesia científica Martins Júnior, na crítica literária — Clóvis Beviláqua, Artur Orlando e Alvaro da Costa; na erudição e na história social José Higino.

O autor, como preocupado com a ordem dos nomes, termina nota de página em que os relaciona (*História da Literatura Brasileira*, 5^a ed., Tomo 4º, págs. 1294-5): "É isto; esta é a verdade e esta é a justiça". A estes, somaria Nelson Saldanha — com o que concorda esse extraordinário Olympio Costa Jr., contemporâneo de alguns dos seguidores imediatos de Tobias, o próprio Olympio, seguidor de princípios éticos e filosóficos da Escola do Recife — nomes como os de Gumercindo Bessa, Fausto Cardoso, Urbano Santos, Benedito Leite, Francisco José de Viveiros Castro, Faclante da Câmara, Oliveira Teles, Graça Aranha, Prado Sampaio, Nobre de Lacerda, Virgílio de Sá Pereira, Abelardo Lobo, Higino Cunha, João Alfredo de Freitas,

Anísio de Abreu, Cesar do Rego Monteiro; piauienses, os quatro últimos, serão estudados em capítulo especial a que se propõem estas notas. Aqui, incluído Higino Cunha (nasceu no Maranhão) pela "piauiensidade" de que veio a dar o mais eloquente testemunho.

Influências

Não há negar a influência que exerceu sobre toda a cultura brasileira, num lapso de tempo de aproximadamente meio século, a Escola do Recife. A lealdade e a admiração em relação a Tobias, escreve Nelson Saldanha — foram o cimento constante das fixações pessoais e, remata Machado Neto analisando o sentido de unidade por alguns discutido: "a força do movimento teve tal significação que seus integrantes se sentiam vinculados como a uma corrente intelectual realmente superior às da capital que polemicamente menosprezavam". Para além do que efetivamente caracterizou a Escola como a profissão do monismo, a apostasia da metafísica, o culto do evolucionismo e a negação mesma do idealismo — anota Saldanha — "Por muito, mesmo após extintos os ecos finais da Escola como grupo e como movimento, restaria na Faculdade do Recife alguma ensaia dos padões iniciais postos em pauta pela Escola: a valorização talvez excessiva dos concursos para cátedra; a valorização talvez equívoca das originalidades e da erudição nestes concursos...". Conclui o autor, assinalando ainda como marcas do movimento: "o tipo de leituras, as constantes temáticas, a linguagem científica, a afirmatividade enfática", o que o impôs

como "lastro e fonte de uma ambigüidade cultural inconfundível". Foram missionários os seguidores de Tobias na maneira quase evangélica de "converter leitores e convencer estudantes".

O Piauí e a Academia

Instituído o Curso Jurídico de Olinda em 1827, natural fosse esse o caminho da mocidade piauiense que até então buscava em Coimbra o aprimoramento dos estudos superiores. Novo elo viria a estabelecer-se agora — este, o da inteligentia — entre Pernambuco e o Piauí como, de resto, toda a região nordestina. No caso específico, já nos ligávamos à Nova Lusitânia desde os primórdios da colonização que se fizera, a nossa, em decorrência do desenvolvimento da agro-indústria da mata açucareira (e do Recôncavo), ligando-nos a Pernambuco, no Eclesiástico, por exemplo, até 1728. Já entre os "primeiros juristas preparados em Olinda", contava o Piauí com Francisco de Sousa Martins, futuro Juiz de Direito de Oeiras, Deputado Geral pelo Piauí e, depois, pelo Ceará, Presidente das Províncias da Bahia e Ceará e, posteriormente, Juiz dos Feitos da Fazenda em Minas Gerais e na Corte. Seguiram-se-lhe, Casumiro José de Moraes Sarmento, Marcos Antônio de Macedo, Antônio Borges Leal Castelo Branco, Antônio Francisco de Sales, Joaquim Augusto de Holanda Costa Freire, Ovídio Saraiva de Carvalho, Cândido Gil Castelo Branco, Carlos Luis da Silva Moura, Jesuíno de Sousa Martins, João Lustosa da Cunha Paranaguá, Lívio Lopes Castelo Branco e Silva, Raimundo Antonio de Carvalho, Umbelino Moreira de Oliveira Lima, Antonio de Sousa Martins, José Luiz da Silva Moura. E, já no Recife, a partir de 1854: Antônio Sampaio de Almendra, Enéias José Nogueira, Deolindo Mendes da Silva Moura, Antônio Batista Gittirana da Costa, Francisco Martins da Fonseca, José Manuel de Freitas, Polidoro Cesar Burlamaqui, Raimundo Rebeiro Soares, José Belisário Henrique da Cunha, José Coitiolano de Sousa Lima, Leônidas Cesario Burlamaqui, Estêvão Lopes Castelo Branco Filho, Cândido Pereira Lemos, Joaquim Damasceno Ferreira, Firmino de Sousa Martins, Manuel Ildefonso

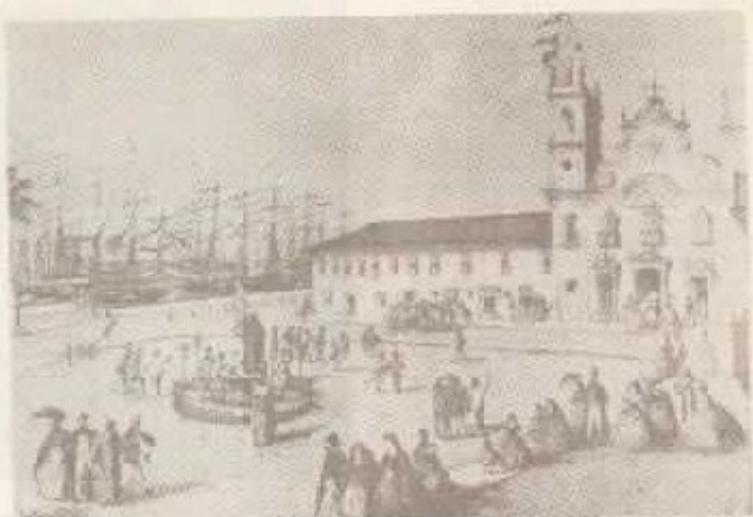


Sousa Lima, entre outros, assim festejou 1862. Daí em diante lutes já separam, também da Escola do Recife a presença contínua e crescente de piamenteiros na Academia, interessando-se a crescente e maior influência de seu pensamento sobre a elite intelectual piauiense.

UFPIENSO

De acordo com os autores trataram da fealdade Tobias Barreto — sua Escola ramificou-se. Do Nordeste, que todo dia a voz de Tobias, passando Rio de Janeiro — nova tripla de Silvio Romero — até o Grande do Sul, onde teve ressaca, nas páginas de "O Icione" de Porto Alegre, subiu, o germanismo bibliográfico da Escola do Recife. Ivo Kospert foi o editor sucede de Tobias Barreto e Silvio Bahia destacaram-se Leônidas Figueiredo e Almírio Diniz; Minas Gerais, Augusto Franco-Sergipe, além dos fundadores, todo um grande "grupamento". Em Pernambuco, cuja tripla era a da Escola: Sousa Soledade, Faehante, Aprigio Marques, entre outros. Menhorosa, faz-se ainda a pregação de Artur Orlando. No Ceará Clóvis Beviláqua, Ataíde Júnior, No Maranhão, Urbano Sampaio e Benedito Leiria. Passaramos para uns piamenteiros ligados ao movimento e aos reflexos medievais da Escola em nosso meio. Outros nomes comporiam o topo — bem maior — de motas no Piauí que, inspirado no nome tutelar de Tobias Barreto, gravou, aqui, em torno de Júlio Cunha para quem, o momento teve início, ainda em 1864, deflagrado que fora pelo seu *O Reitor*, de Clodoaldo Júnior, José Joaquim de Moraes, Avelino, Antônio Joaquim da Costa e Benjamin José Teixeira. Jornal — conclui o eminentíssimo — fez época e assinou o início do livre pensamento.

Teresina (Rev. da API, n° 1) De Clodoaldo, disse — e com razão, ele próprio concordaria ao rever, depois, em notas autógraficas que "muito moço se rara ao estudo da filosofia política... e à crítica religiosa" — siso, entre nós, o precursor do livre pensamento, na religião, abolicionismo e na propaganda republicana". Em 1887 Clodo-



Depois, na fachada da Igreja do Espírito Santo (que foi de N. S. da O), no Largo do Colégio, ante Praça 1822.

aldo Freitas, Mariano Gil e Antônio de Sousa Ribeiro fundaram *A Reforma*. Ativavam-se a literatura brasileira — escreve Lucílio Freitas — "um momento quase de estagnação, quando Tobias e Castro Alves surgiaram influenciados pelas ações de Victor Hugo. O Brasil inteiro brechava — e certamente pelo gênero impreciso e atrevido — dos dois grandes poetas (não se que a revolução intelectual do Recife começara pela poesia) extremamente". Sobre esse irromper da nova consciência no Piauí escreveram Higino Cunha — "são esses espíritos intelectuais e insuflados que impelem a humanidade para a frente abrindo novos meios e clarificando mais vastos horizontes". Ele mesmo testemunhava o espírito de escola que já então se esboçava — "A nossa comunhão de idéias (refere-se a Clodoaldo) foi sempre a mais perfeita, inquebrantável e solidária". Identidade filosófica que assegurando continuidade à ramificação piamenteira da Escola do Recife, projetá-la-ia para muito além de 1922. A propósito, observa Manoel Paulo Nunes — elevada expressão da crítica literária no Piauí de hoje — "a reforma modernista não deixou quase nenhum sulco de influência na geração que mais de perto poderia sentir-lhe o influxo..." Dominava-nos, ainda, o pensamento que presidiu a fundação, em 1917, da Academia Piauiense de Letras, pois que — concorda o referido crítico — de "uma das gerações mais brilhantes que o Piauí já teve verdadeira re-

plica da Escola do Recife" (A Província Restinguida). Essa dominante maniqueia vinha de uma época em que marcou, também, presença literária entre nós aquele que sentiu, ao lado de Silvio Romero, a grande revelação do movimento recifense — Clóvis Beviláqua. O futuro autor da *História da Faculdade de Direito do Recife*, seu secretário do primeiro governo republicano do Piauí, aqui vivenciando, poetanente, com Clodoaldo Freitas, o primordial do novo tempo.

Higino Cunha, Anísio de Abreu e Joaquim Ribeiro Gonçalves na poesia — e, tudo, dissemos, começou pela poesia — receberam "funda influência" de *A Ideia Nossa*, redigido, no Recife, por Martins Júnior e Clóvis Beviláqua e onde trabalhava, em 1879, o próprio Clodoaldo. Os dois primeiros aprofundaram-se, também, nos estudos filosóficos que tanto qualificaram Anísio de Abreu como humanista — provocou-o sua fulgurante passagem pelo Senado da República — e Higino, como verdadeiro *primus inter pares*. Ribeiro Gonçalves, no que pesce haver retrocedido à lírica como anotou Lucílio Freitas em *História da Poesia no Piauí* (Rev. da API, n° 8) foi bem o intérprete daquele momento em que a poesia — conclui — procurava "penetrar fundo na consciência universal, plasmado", de acordo com as doutrinas científicas então em voga, sentimentos mais largos e emoções mais impessoais e mais vivas". Que o diga o cunhado ciríaco de versos como:

*Tremo de susto e nervosos a brincar.
Morrisona liga:
O combate da passado — a luta negra
Que espalha o sangue e sobre nos entra
O mato, a morte.*

*Tremo de susto como tremo a luta
De minha mortalidade,
Que neste instante os e cõstume me inspira
De acréscime verdade.*

*Oé! Mauacá! O malacá! dos desejos
Insumo, informo,
Nascer a bandeira branca dos festos
Com a esperança fria dos suahis.
Quero, ai, ai gatos, cíclonus, as fadas,
E liga que o solilóquio das noites
Que mudam praia er.*

Em Teresina, na assertiva de Carlos Eugênio Porro, "movia-se, então, a geração mais brilhante do Estado, de todos os tempos. Mocos recém formados estudavam graves questões sociais e filosóficas e travavam corajosas polêmicas através da imprensa e da catedra (Liceu Piauiense). Foi uma luta dura, ingrata e difícil contra o meio profundamente hostil, inundado de velhos preconceitos, resumindo resistências por todos os pores... Positivistas e anti-clerical, eles se revelaram tremendamente combativos." (Discurso de posse na APL). Era o tempo das polêmicas jornalísticas. Outros e, entre estes, Abdiás da Costa Neves, Lucídio e Alcides Freitas, Matias Olímpio de Melo, somavam-se aos que faziam a Escola na proviniana capital do Piauí. Fora, no Recife — depois de ligeira passagem pelo Maranhão (foi Promotor e Juiz Municipal na cidade de São Francisco) e Teresina (Promotor) — João Alfredo de Freitas e, no Amazonas — Cesar do Rego Monteiro (Senador e Gouvernador), foram piauienses que se destacaram como seguidores de Tobias.

De Abdiás Neves, diz o erudito Prof. Wilson Brandão em recente análise da historiografia piauiense (prefácio à *Memória Histórica* de Pereira de Alencastre), "na literatura e no pensamento de seu Estado, passaria à posteridade, sobretudo, como historiador". Já Lucídio Freitas admirava-o como "crítico, romancista, cronista, jornalista e filósofo" enfatizando, contudo, ser o "menos poeta de sua geração". A poesia exerceu sempre sobre todos eles, e parece exercer ainda sobre os intelectuais de hoje — inegável fascínio. Todos eles escreveram também em versos. De nossa



Sede antiga. Sempre, marcante presença piauiense.

parte, preferimo-lo como sociólogo e, já era outra, então, para a Escola, a concepção da sociologia. Classificando-nos de "abalinado" a opinião — o que em muito a qualifica — o Professor José de Arimatéa Tito Filho diz que o situamos com "extraordinária e vera perspicácia". E, conclui o Mestre: "Não houve (em Abdiás) o filósofo que ele quis ser; mas o fotógrafo de sua sociedade, revelando-a sociológica e antropológicamente". O autor e sua obra maior sob esse aspecto (primeiro romance piauiense de crítica de costumes): *Um Manicaca*, "livr" em que ele mais cheirou à Escola do Recife", segundo o mesmo Tito Filho, mereceram do referido intérprete de nossa cultura, notável trabalho de análise e crítica literária. Abdiás Neves, até por isso — pela multiplicidade de campos da inteligência que trabalhou — bem como pela diversidade de opiniões que suscitou (lembre-se o elogio que lhe fez, na Academia, Anísio Brito e com o que concordaria, também, Martins Napoleão), merece o epíteto de "talento superior" com que o distinguiu Clóvis Beviláqua:

Higino Cunha foi "poeta, moralista e crítico manifestando-se audacioso, abnegado e dominador, pelo jornal, pela oratória e pelo folheto", escreveu Esmaragdo de Freitas para quem, de fato, os "quarenta anos de intromissão salutar e continua em todas as questões que de perto ou de longe tocaram à impressionabilidade piauiense, cimentaram o renome, dando-lhe uma influência

desmedida na sociedade regional" (Rev. da APL n° 11). O mesmo grande biógrafo disse "desconfiar valer mais — deslembado gênio estadual do Piauí, bem estimada a sua significação intelectual, que muitos gênios federais".

Longo foi o tempo de sua hegemonia em Teresina, fruto da extraordinária formação haurida no que chamou, certa vez, "novo religião monista", consagrado — completa Esmaragdo — "pela tendência filosófica, prodigiosamente cultivada nos seus tempos de escola jurídica que foram aqueles em que se deram pelo Recife a melhor porção do espírito alemãoizado de Tobias". Ele mesmo dizia-se contra os adeptos do mecanismo puro procurando em Humboldt e Spencer "a glorificação e o realce das ideias da verdade, da virtude e da beleza" (Rev. da APL n° 11). "O veterano de todas as campanhas anti-clericalistas guardou (sempre) atitudes dignas de nota..." testemunhou ainda, Esmaragdo de Freitas Distante do materialismo no que esse tem de mais mesquino pode exercer com rara competência a crítica religiosa no difícil momento em que se dividia a opinião pública teresinense entre os católicos liderados pelo Mons. Joaquim de Oliveira Lopes e a maçonaria. Esse espírito de beligerância susentado pela Loja Maçônica Caridade 2º na tentativa de dar praticidade às ideias de seus ilustres membros marcaria profundamente a história da Diocese do Piauí, que então se edificava e cujo arquiteto era o mesmo intrépido Mons.

Lopes. Afinal, "o espírito dos tempos não é — escreve Goethe — sendo o próprio espírito dos autores (pensadores), em que os tempos se refletem".

A Higino Cunha, não faltaram, sequer, luzes para superar contemporâneos e a eles anechar-se na interpretação cultural do Brasil à visão dialética da história em nossos dias. Em sua *História das Religiões no Piauí* — obra-prima, no gênero — opõe conscientemente pelo "Brasil real" que apenas vislumbrara Machado de Assis. Brasil que chegou a sugerir Euclides da Cunha, em sua genialidade contraditória, fosse assimilado (como, para fins interpretativos, o tem sido quase sempre) pelo "país oficial". Comentando, por exemplo a destruição dos Palmares, revela-se o crítico

piauiense, ao reconhecer no Zumbi "daquela malograda república de negros fugidos, uma grandeza trágica capaz de empanar o brilho de dezenas de heróis brancos da história universal". Tão fulgurante historiador deixou-nos, depois Abdias Neves — os mais valiosos trabalhos científicos e de crítica religiosa".

Joaquim Ribeiro Gonçalves, o admirável poeta de *Mártires da Victoria*, Antônio de Abreu, também poeta e de extraordinária formação filosófica e, depois, Matias Olímpio de Melo que nos legou, sobretudo, valiosa contribuição ao estudo do folclore piauiense — atividade literária a que já se consagrava o próprio Silvin Romero, novo condutor da Escola — passariam à história mais como políticos. Nem teria sido, aquela época,

aceitável, que geração tão brilhante deixasse de tentar na vida pública a consecução de tão vasto ideário. Foram à prática da vida. Os três passaram pelo Congresso Nacional cujos anais (Senado) guardam-lhes páginas memoráveis e governaram o estado natal.

Seja como for, os piauienses da Escola do Recife em sua ramificação que vicejou em Teresina, ou, através de elementos radicados em outros centros, constituem, ainda, como grupo, a mais expressiva geração de nossa cultura. O termo, aqui entendido, não no seu sentido estritamente cronológico mas, "senso lato", como todo o tempo em que marcou presença literária entre nós o pensador Higino Cunha e de que é realização maior, a "Casa de Lucílio Freitas".

FATOS & NOTÍCIAS

Produção tipicamente piauiense

O Secretário de Cultura, Desportos e Turismo, Jesualdo Cavalcanti, convidou todos os músicos piauienses para a produção de um disco LP com temática tipicamente do Piauí. A idéia foi bem aceita pela classe, que já está trabalhando para que o lançamento do disco seja o mais breve possível.

Tamba Trio

Considerado o mais importante grupo instrumental brasileiro e o que mais influenciou a moderna música popular no Brasil, desde 1962, quando gravou o seu primeiro disco, o *Tamba Trio* teve apresentação em Teresina, no Theatro 4 de Setembro, dia 22 de outubro, numa promoção da Comissão de Assistência Comunitária, com o apoio da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo.

O *Tamba Trio*, composto por Lúz Mainz da Cunha Eça, Hélio Paschoal Milito e Adalberto José de Castilho e Souza, foi bastante aplaudido pelo público e pela crítica piauiense.

Egberto Gismonti

Depois de cobrir dezenove cidades em dois meses, Egberto Gismonti, acompanhado dos músicos Fernando Carneiro e André Jeteissati, apresentou-se dia 4 de setembro, no Theatro 4 de Setembro, com o show *Cidade Coração*, que teve promoção da Gráfica Ramins e apoio da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo.

Armando de um piano acústico, três violões, dois músicos, mto sintetizadores competentes, Egberto Gismonti mostrou, em Teresina, a razão da fama que tem em ser considerado um dos melhores músicos do mundo atualmente. O seu show foi bastante aplaudido (de pé) pela platéia.

Eudóxia de Barros

A pianista paulista Eudóxia de Barros, com o apoio da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, teve apresentação no Theatro 4 de Setembro, dia 19 de outubro, com um repertório bastante variado, abrangendo compositores clássicos, modernos e contemporâneos, tanto brasileiros quanto estrangeiros.

Eudóxia de Barros é uma das mais ativas pianistas do Brasil, premiada várias vezes pela Associação Brasileira de Críticos do Rio de Janeiro e Associação Paulista de Críticos Teatrais. Participa ativamente da vida musical

brasileira seja como camerista ou solista das nossas principais orquestras, ou mesmo como recitalista. Paralelamente desenvolve intensa atividade didática, tendo vários alunos laureados em concursos. A Liga das Senhoras Católicas promoveu o evento.

LITERATURA

Maria Gomes
Figueiredo dos Reis

Tristão de Ataíde

o crítico literário



Alceu de Amoroso Lima (Tristão de Ataíde).

A história da crítica literária brasileira, que tem suas sementes lançadas nos movimentos Academicista e Arcadista do século XVIII — Tratados de Poética, Antologias Biográficas etc. — vai germinar a partir do século XIX, quando as primeiras manifestações críticas começam a se constituir num sistema coerente e autônomo, formulado com apoio nas ideias, proposições e doutrinas literárias do Romantismo. O Movimento Romântico buscava um caráter nacionalista para uma literatura propriamente brasileira e propunha como elementos fundamentais do pensamento crítico brasileiro: *a individualidade criadora, a tradição indígena e a natureza pátria*.

Os primeiros trabalhos de crítica literária, ou de história literária, no Brasil, nascem das penas dos nossos românticos, entre outros, e para citarmos apenas os mais conhecidos: Joaquim Norberto de Sousa e Silva — *Bosquejo da História da Poesia Brasileira* — 1841; Fernandes Pinheiro — *Resumo de História Literária* — 1873; Francisco Adolfo de Varnhagen — *Florilégio da Poesia Brasileira* — 1850. Além destes, merece ressaltar os trabalhos de José de Alencar e Machado de Assis, no campo da crítica literária.

A posição de José de Alencar na história da crítica literária brasileira é de importância reconhecida pelos críticos mais modernos da nossa literatura, inclusive, Tristão de Ataíde e Afrânio Coutinho. Este considera Alencar o *Patriarca da Literatura Brasileira*.

Alencar foi o primeiro escritor brasileiro a se preocupar em teorizar sobre sua própria obra, fazendo-o inicialmente através dos prefácios e posfácios dos seus livros, posteriormente em *Como e Porque Sou Romântico*. No entanto, sua importância maior, como crítico, está nos trabalhos de análise de autores de sua época, principalmente em *Cartas Sobre a Confederação dos Jangadeiros* — 1856, e *Questão Filológica* — 1874. A posição de Alencar era bem clara e bem de-

finida. Ele afirmava que, para a construção da nossa literatura:

"O escritor verdadeiramente nacional acaba, na civilização de sua pátria e na história já criada pelo povo, os elementos não só da ideia, como da língua genuína que a deve exprimir" (Prefácio de *Iracema*)

Continuando o pensamento crítico de Alencar, Machado de

Assis pregava fosse a crítica normativa e reguladora da literatura. Propôs uma doutrina, um sistema de critérios estéticos para a análise da obra literária, nos seus estudos — *Critica Literária* e *Critica Teatral*, publicados em 1910.

Com as idéias positivistas, deterministas e evolucionistas de Comte, Taine, Spencer e Darwin, surgem outras concepções estéticas, de oposição ao Romantismo, que são: o Realismo e o Naturalismo e, com estes, uma

nova geração de críticos que defende uma fundamentação teórica, agora de origem *sociológica*, buscando o esclarecimento da *Gênese* da literatura nos fatos sociais, embora apoiados, ainda, no nacionalismo literário, defendido pelo iniciador da nossa história crítica, Alencar. Dessa nova geração, destacam-se: Silvin Romero, Ronald Carvalho, Araripe Júnior, José Veríssimo e, posteriormente, Wilson Martins, Snares Amora, Antônio Cândido, e outros mais.

Uma nova tendência crítica, que se anunciará com Nestor Victor e Andrade Muricy, inspirada na estética simbolista, define-se com o advento do Modernismo, sempre, e ainda, fundamentada na nacionalidade literária, mas agora procurando a caracterização estética do fato literário e propondo uma crítica do *objeto*, da obra em si, isto é, uma crítica *Estética Expressionista*, contrária à crítica impressionista, fundamentada no sujeito crítico. É nesse momento da história da crítica brasileira que vem se afirmar o nome de Alceu de Amoroso Lima, consagrado como "O Crítico do Modernismo" pelas suas colegas contemporâneas.

Eni como *Tristão de Ataíde* — é o próprio crítico que explica o uso do pseudônimo: "uma preocupação de incôgnita para garantir a independência" (*O Crítico Literário* — 1945) — que Alceu de Amoroso Lima se iniciou na crítica literária brasileira, em 1919, em *O Jornal* — Rio e, já em 1922, gozava de grande prestígio no nosso meio intelectual. Ele que era um espírito curioso e insaciável intelectualmente e sempre disposto a aprender e compreender, afirma-se no campo da crítica, precisamente no momento em que o Movimento Modernista nascia com uma raiz de tendência crítica e polêmica, já que cada poeta modernista era também um crítico, como o foi Mário de Andrade, o primeiro a reconhecer Tristão de Ataíde como uma "das mais fortes figuras de críticos que o país produziu" (*Aspectos da Literatura Brasileira* — 1945).

O nosso crítico, espiritualmente e intelectualmente formado no século anterior e de educação europeia, tinha tudo para ser contrário à Revolução Modernista, mas teve a sensibilidade e



acuidade crítica para compreender, aceitar, discutir e incentivar os jovens escritores chefiados por Mário e Oswald de Andrade. Como crítico dos mais respeitados da época foi o porta-voz do movimento literário de 22, através de *VIDA LITERARIA* de *O Jornal*, seção que sustentou durante 25 anos, ou seja, de 1919 a 1944.

Grande parte da atividade crítica de Tristão de Ataíde foi exercida principalmente por intermédio do Jornalismo. Manteve seções de crítica em diversos jornais brasileiros como: *A Folha de São Paulo*, *O Jornal do Brasil*, *Diário de Notícias*, onde foi o crítico da seção "Letras e Problemas Universais".

Estreou em livro no ano de 1922, com a obra *AFONSO ARINOS*, em cuja introdução expõe seu método de trabalho, afirmando:

"Passou a era das retóricos e gramáticos, em crítica, como passou a dos simples naturalistas teóricos. Chegou o momento para se apelar para aquilo que forta, em geral, olvidado no grande momento de renovação estética dos dois últimos séculos: a alma do crítico. Não pretendendo, de forma alguma, defender o primado do lirismo crítico. A crítica é atividade intelectual e não afetiva, filosófica e não apenas psicológica, objetiva em seus fins e não puramente subjetiva."

Ele conclui:

"Essa crítica moderna, que poderíamos chamar de EXPRESSIONISTA, se importasse a denomina-

ção — cujo conceito repousa, como acabamos de delinear, numa penetração mais profunda do espírito das obras, numa fusão preliminar da alma do crítico com a do autor, na transformação da análise objetiva em síntese expressiva, na individualização do sujeito estético — nasce da eliminação dos preconceitos nas críticas parciais anteriores."

É importante confirmarmos que, em linhas gerais, o nosso crítico procurou ser fiel aos métodos formulados, ao longo de sua carreira de Homem de Letras.

Apesar de Alceu de Amoroso Lima dividir sua vida intelectual em três etapas: a 1^a Formalista, com predominio da forma; a 2^a Ideológica, em que dá destaque às idéias; a 3^a Realista, com primazia dos acontecimentos e das lutas pela liberdade artística e política, podemos considerar três fases distintas da vida do humanista Alceu de Amoroso Lima.

A primeira fase, de 1919, correspondente ao período anterior à sua conversão ao cristianismo e que é definitiva para o Movimento Modernista Brasileiro, pois Tristão de Ataíde assumiu o papel de divulgador das pesquisas literárias da época, sendo sua crítica decisiva para a afirmação e consagração da nova literatura que se fazia no Brasil. Essa fase foi marcada pela publicação dos seus "PRIMEIROS ESTUDOS", trabalhos críticos referentes aos anos de 1919 a 1926, publicados em três volumes, e foi definida pela obra *AFONSO ARINOS*, seu primeiro trabalho crítico de maior fôlego.

A segunda fase, de 1929 a 1944, ano em que encerra sua seção "Vida Literária" de *O Jornal*, Tristão de Ataíde cede a palavra destacada a Alceu de Amoroso Lima, O Filósofo do Cristianismo, voltando-se mais para seus trabalhos ligados à ação de liderança do catolicismo brasileiro. Essa é a fase assimilada pelos estudos estrangeiros (*O Espírito e o Mundo* — 1936) e pelos livros de Religião, Filosofia, Psicologia, Sociologia, Política e Economia, cerca de 25 obras, enquanto que, no campo da crítica, apenas alguns traços

lhos, já escritos na fase anterior, como as obras *CONTRIBUIÇÃO A HISTÓRIA DO MODERNISMO* — 1932, seus "ESTUDOS", referentes aos anos de 1927 a 1933, *TRES ENSAIOS SOBRE MACHADO DE ASSIS* — 1941 e o volume *POESIA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA* — 1944.

A terceira e última fase, 1945, a fase Realista, como ele próprio chamou, marca o grande momento da crítica, agora assinada definitivamente por Alceu de Amoroso Lima e definida pela reafirmação das teorias de Tristão de Araújo, O Crítico Modernista de 22, e a avaliação de Alceu de Amoroso Lima, O Crítico da Modernidade Contemporânea Brasileira.

É precisamente em 1945 que ele ressurge com a obra *O CRÍTICO LITERÁRIO*, onde procura analisar o trabalho do crítico sobre quatro aspectos. O Crítico em face da obra, do autor, da crítica e de si mesmo, assegurando ser realista e objetiva toda crítica autêntica e propõe dez mandamentos da lei do crítico: Honestidade, Objetividade, Receptividade, Cultura, Inteligência, Sacerdócio, Coragem, Independência, Largueza de Espírito e Humildade, concluindo:

"Estes mandamentos são apenas a expressão do que o crítico deve, não apenas a obra, ao autor e ao público, mas acima de tudo — a si mesmo."

São ainda dessa fase as obras mais representativas do grande crítico, no campo da história e da crítica literária brasileira, como:

- *A Estética Literária* — 1945
- *A Escritura Literária e o Crítico* — 1945
- *Introdução à Literatura Brasileira* — 1956
- *Quadro Sintético da Literatura Brasileira* — 1956
- *Olavo Bilac* — 1957
- *A Crítica Literária no Brasil* — 1959
- *O Teatro Cláudiano* — 1959
- *O Jornalismo como Gênero Literário* — 1960
- *Problemas de Estética* — 1960
- *Estudos Literários* — 1966
- *Meu Século de Presença Literária* — 1969

O trabalho de Alceu de Amoroso Lima, no campo da crítica, é, inegavelmente, um dos mais profundos, dos mais completos e dos mais abrangentes de que temos notícia. Toda produção literária brasileira, anterior ou posterior ao início de sua carreira literária, mereceu do crítico uma análise mais séria, mais honesta, mais objetiva, ressaltada pelo reconhecimento humilde de que:

"Se uma geração ou um crítico se enganarem, outros virão, com o tempo, para reafiar os erros de apreciação cometidos" (Introdução à Literatura Brasileira).

No campo específico da literatura piauiense as obras de Da Costa e Silva mereceram o seu estudo. Sobre Pandora — 1919, ele destacou o

"lirismo e sensualismo, se bem que temperados pela sua alta visão de artista, dão ao poeta uma ressonância humana que ele deixa expandir-se" (Contribuição à História do Modernismo — 1933).

A humildade confessa de Alceu de Amoroso Lima deixa traduzida nos conceitos e preceitos de sua obra, assim, glorificamos de encerrar estas anotações sobre o grande imortal da crítica brasileira com suas próprias palavras, agora a ele referidas:

"O que vale sempre, em última análise em literatura, é o gênio criador do homem como artista. E, portanto, como um caso único, singular, condicionado, mas jamais causado por elementos exteriores" (Introdução à Literatura Brasileira — 1956).

FATOS & NOTÍCIAS

Multiplicadores do Esporte

A abertura do Curso Multiplicadores do Esporte Para Todos contou com a presença do Secretário de Cultura, Desportos e Turismo, que na ocasião, revelou os objetivos principais do evento, que procura dar conhecimento sobre a sistematização de organização e funcionamento do ETP, expandir a interiorização de suas ações e capacitar técnicas multiplicadoras do programa. A solenidade de abertura do curso foi realizada no Centro de Treinamento e Recursos Humanos Peirônio Ponella, dia 19 de dezembro.

Medalha Santos Dumont

O diplomata Aluizio Napoléon e o Ministro da Saúde Valdir Arcoverde foram os piauienses agraciados pelo Governador Tancredo Neves, de Minas Gerais, com a Medalha Santos Dumont grau ouro. A comenda foi entregue em reconhecimento pela obra Santos Dumont e a conquista do Ar, do embaixador Aluizio Napoléon, e pelos relevantes serviços prestados à saúde pública do Brasil pelo Ministro Valdir Arcoverde.

Literatura Piauiense em debate

No Auditório Herbert Parentes Fortes no período de 13 a 19/11/83 foi realizado o Seminário de Literatura Piauiense em Debate, numa promoção da Diretoria de Assuntos Culturais da Fundação Cultural do Piauí, contando com apoio da Academia Piauiense de Letras, da União Piauiense de Escritores, Conselho Estadual de Cultura e Universidade Federal do Piauí. O seminário objetivou incentivar o estudo, a pesquisa e a divulgação da literatura piauiense de uma maneira geral.

DEPOIMENTO

Álvaro Pacheco

Re en con tro



Havia uma praça e um menino e seus companheiros eram as pedrinhas coloridas da ruá e as árvores quase secas e a pequena cidade de perda no sertão, de onde vieram a memória e os antepassados, a lembrança que é hoje de todo o tempo e de um destino de sobreviver. Em cada detalhe da pele, da alma e da vida, o dia, o sol quente e o chão de sua terra sedimentavam a marca que se aprofundava e indelevelmente ia marcando cada passo, cada solidão, cada tentativa de alegria e amor.

Um espanto e a descoberta da vida e de suas dores, a infância se completando nos bichos, nas frutas, nas rolinhos e joritis, na chuva e nos sonhos onde a realidade ia mais longe do que a fantasia. O sentimento absoluto do desconhecido veio antes. Depois veio o conhecimento da morte. E só muito mais tarde a sensação e o avassalamento do amor.

Foi muito cedo a morte, um guri que ficou desafinado à perna. O amor veio depois e para sempre a marca persistida, a busca da emulação absoluta através da realidade de um gasto que também estava nas quenas pedras transparentes, imaginação de bois, boiadas, ocos, pungentes cantos de rios sem cira nem beira e na aginária cachoeira que descia serrra, uma água que corria ao coração da pedra, desde o céu do tempo e que corre até je por dentro, como o sangue e flui de uma fonte perene de andes aflições, incríveis descessos e o prazer intermitente dos amores inventados, revividos

e criados em cima de um plano, um projeto, uma vida que aconteceu, como acontecem todas as vidas, como se marcam as infâncias, como se completam a morte e o amor, muito menos e muito mais do que palavras. Uma obsessão do que está antes e depois, além e adiante, não se pode definir, isso al seu eu, — somos nós, é a vida — é a poesia.

Estou aqui não sei como, nem sei como lhes dizer. Sou dessa terra, somos dessa raça, somos invencíveis, sobreviventes absolutos, porque nossa alma, a alma da gente daqui, não é um plasma, mas uma essência de sol, de esperança e de sofrimento, um legado inalienável,

de antiquíssimos antecedentes. Todos os que vivemos aqui, todos os que viveram aqui carregam essa marca — da terra e do rio, cascudos e das fontes, das calçadas e da infância, da amor e da morte. Uns dizem, porque aprenderam a dizer. Outros escutam e se comovem. Mas o sentimento é igual. Somos todos os mesmos, a poesia para nós é uma vivência perene, porque a poesia é agreste e áspera, como áspera é a emoção e inelutável é a morte.

Queria poder lhes dizer a mensagem de uma pedra azul. Queria lhes falar de um sonho de menino que persegue o homem, que veio do avô e do pai e não se

A poesia não
é gramática
e não há nela
nenhum
fator artificial.

sabe quando vai terminar. Agora, aqui, compreendo afinal o sentido do cristal, o segredo das pitonisas de verem na pedra transparente o destino do homem. A pedra e a água foram o começo. A serra e o rio. Uma serra projetada pela visão do menino, um rio que era maior do que o mar, quando mar era apenas uma abstração, uma curva, um movimento. Me lembro um dia aqui, nesta cidade, veio um circo. Nesta cidade de rios, de margens, de cheias e de enchentes. E o povo e o menino se maravilharam, porque havia no circo o movimento do mar, que os saltimbancos, em parada pelas ruas, anunciam como a grande maravilha do século. Eram ingênuas ondas de papelão pintado simulando o movimento perpétuo.

E o menino sonhava com espaço e uma poliorama absurda que só existe na imaginação e na realidade dos meninos. Ao lado estava o rio e suas enchentes, seus peixes, as mangueiras a se debruçarem sobre assombrações e afogamentos. E ali, naquelas ondas tascas de papelão, a visão fantástica do mar, a conviver com a realidade do rio. O menino não percebia que a verdadeira poesia estava no rio, que era uma coisa sua, de onde e por onde vieram seus antepassados, as cargas pesadas de suas frutas. O rio trazia a cheia e a seca, e, em amhas a vida e a morte.

Quando, afinal, contemplou o mar de verdade, houve uma decepção: estava muito longe, não era uma intimidade de fan-

tasia, como as ondas de papelão do circo, como uma peça de teatro de Semana Santa, não tinha o imaginário, a inocência, o sonho e a esperança, era uma realidade brusca, impessoal, desafiante e estrangeira. O mar não era proibido, nele ninguém se afogava. E não tinha peixes. Nem hidroaviões que caiam sobre as casas da beira, nem lavadeiras despidas, nem o zopelin ancorado, nem croca, nem muitas de canarana, nem os alumbramentos, nem um menino sonhando com lugares diferentes. No mar não havia pontes.

No largo e acima, havia uma igreja de escadarias, que o menino imaginava longas como uma cobaia bíblica, que ia dar no céu. Nos relhares da sacristia, milhos de andorinhas e pombos, que não se podia matar nem comer. Brincava-se de assombrações. E, quando o dia amanhecia, havia na areia uma mistura de pedrinhas coloridas e transparentes, resultado de chuvas, que baixava e não caem mais. O menino se quedava na contemplação desse milagre de pedrinhas azuladas, uma fascinação que nunca mais se acabou. Depois, nas suas fabulações, essas pedrinhas eram bolas em currais do capim que nascia depois das chuvas na areia da praça. Isso era o céu. Tudo era plantar, a chapada era paisagem e essas pedras perfeitas e coloridas sintetizavam o futuro e seu magia e mistério.

Quando ele se transplantou para as soinhadas terras distantes, cercadas de montanhas, e viu os mais altos picos, outra vez a desluzão. Como essas pedras grandes eram pequenas, como eram feias! E como essa paisagem gigantesca era insignificante diante das pequenas pedras coloridas do menino!

Se me dissessem agora, ver as pedrinhas coloridas de tua infância, eu largaria tudo para vê-las, aprisioná-las de uma vez por todas. Mas elas não existem mais. Agora só as montanhas impessoais, frías, cinzentas e dutas — e o mar agressivo que não conhece o homem como não conheceu o menino. Não há chuvas nessas pedras, não há peixes nesse mar.

Me lembro da chuva! Que coisa simples é a chuva! E que coisa mágica! É preciso ter vivido aqui, ter sido daqui, para sa-



ber, de fato, o que é, e como é a chuva. Seu cheiro acre como de um monstro selvagem e por isso é que a chuva é o ventre do céu que se abre para ser fecundado pelo germe da terra. Isso é um tanto doloroso — e ela, para ser verdadeira e ser nossa, do povo daqui, tem de ser de trovoadas e relâmpagos, e desabar como um dia final. Tem de ser uma catástrofe, para poder, daí, surgir a vida e as frutas que amadurecem. Tem de ser o espinho da seca e a da morte, que atormentam o verde e o chão.

As frutas verdes.

Ah, que medo de não amadurecer, de ficar para sempre pequeno, ser apenas o início da madrugada, e não um sol quente, forte, queimando. As frutas verdes que se comia com sal — o sal da terra em cima do fruto morto da terra, que se ia secando de relâmpagos e trovoadas e de grossos pingos e de um horizonte nascendo.

Meu filho não viu as madrugadas depois das chuvas. E o filho de meu pai e o pai de seus filhos, será que as viu de fato? Que formidável alumbramento, todas as frutas de repente maduras a pendurar e a cair de seus galhos no dia do orvalho, a se necrosearem como uma reminiscência permanente de um instante absoluto. As frutas eram o espinho da chuva acima do chão enquanto, por dentro da terra, as grossas raízes de féculas, inchavam para se oferecerem depois, e superar a fome e o sofrimento.



Esse sentimento de chuva, de fertilização, de frutas verdes e maduras e da prenheza mágica da terra, foi o primeiro símbolo perene. E que deu o ânimo para resistir, que uniu para sempre, por sobre todas as terras e todos os tempos, o homem ao menino.

Quem sabe o mistério das madrugadas? De inicio, elas trazem a luz do dia. Despertam os velhos e os meninos, que são os primeiros a acordar, para o começo e para o fim, para o aprender e para o sobreviver. Depois, elas são o corpo da alma, o cristal da saudade, uma ladeira que sobe para muito longe, porque o dia está nascendo, e, assim, está nascendo a vida, recriando-se o mundo, por menor que seja a rua, a aldeia, a cidade. Os velhos e os meninos são os seres da madrugada. Porque os velhos e os meninos são os verdadeiros mágicos do mundo e eles sabem o segredo da luz, o encantamento dos nascituros, a fórmula inocente da fascinação.

Era um velho e um menino. O pai e o filho. O que ia morrer e o que estava nascendo.

Os encontros.

Separava-os uma distância de tempo. Unia-os a madrugada. Outra vez a vida e a morte. E germinava a poesia. Não sei se ai, dentro todos vocês, há esse tempo e essa lembrança. Gostaria de desejar-lhes a madrugada.

Quero falar dos velhos. Quem sabe, na verdade, quem são os velhos a não ser os próprios velhos e os meninos? Quem tem paciência com os velhos, a não ser os meninos? E

quem tem paciência com os meninos, a não ser os velhos? Porque eles têm a mesma idade e a mesma inocência e compreensão da vida. Eles são a essência do tempo, porque para eles não existe tempo — ou vem, e não há consciência disso, ou já se foi — e tudo é eterno. Os velhos e os meninos têm a absoluta percepção da eternidade.

O pai, o velho e o menino estão no homem para sempre — é uma indissolúvel aliança, o que dentro de cada um de nós convive com todas as reminiscências e saudades, o acúmulo de sonho, a força de persistir na vivência que começa, e está no inicio e no fim da experiência e de ser. Assim foram e se fizeram o pai e o filho.

O pai. A própria imagem dessa gente, desse povo, desta terra. A cenacidade de viver e sobreviver, a ingenuidade de ser, a simplicidade de acreditar que um dia vai ser bom, e de que é possível a bondade integral.

Um homem simples, que nada queria da vida a não ser o café da manhã, a conversa com os amigos tão velhos como ele, olhar os meninos, e um bilhete premiado que jamais conseguiu possuir. O menino olhava e não compreendia. Simplesmente ouvia. Falava-lhe de coisas, ensinava-lhe ingênuos quebra-cabeças, contava-lhe velhas histórias, andava ao entardecer. Que estranhas histórias, que países distantes, meu Deus, que frio.

Um dia, no rigor da morte, na primeira selvagem confrontação da vida e da morte, o menino diante do velho morto, estas coisas todas criaram vida. E os velhos conversavam inusitadas conversas. Não eram heróis, não eram ricos nem poderosos, eram de um país limitado. Eles apenas sabiam. O café e o cigarro ao amanhecer. Essas histórias de um tempo que, ai de nós, ainda não aprendemos.

Esses velhos vieram de terras muito longe para se plantarem nesta terra aqui tão arida e tão prenhe. Eles e os seus pais e os seus avós e os pais de seus avós. Alguns, de terras de deserto falando línguas estranhas, e outros, de terras como esta e criando esta língua que agora falamos. Mas todos se uniam na mesma conversa do cigarro prendido depois do café do amanhecer — nessas manhãs que, até hoje, creio que para muitos de nós, têm um cheiro de

Não pode
haver política
em nenhuma
forma de arte.

quentie e fresco, bem passado e com os aromas rescentes das terras árabes, dos longes de Pernambuco, dos longes de São Paulo, dos longes de Portugal.

Eu, que talvez já tenha visto todos os firmamentos, posso dizer-lhes que, como o céu daqui, não existe em nenhum lugar. Esse nosso céu é uma visão de astronauta descobrindo a terra azul. A primeira iluminação desse céu, era de uns olhos pequeninos que percebiam um infinito de estrelas, em noites de incomensurável azul. Assim começou a primeira viagem — e daí a ânsia de ir, de andar, de conhecer, de descobrir.

Um genés de peregrino, como foi o do pai de todos os que vieram para cá de muito longe, dominou sempre todo o sistema existencial do menino. Daqui se ia, jamais se voltava. E havia uma vontade de ir. Nos caminhões, em cima das cargas de arroz e babaçu, nos ônibus toscos, no trem de ferro. Cada cidade grande, maior do que esta, era uma terra estrangeira de enormes fascínios. Voltado para o céu estrelado, que era como uma imensa estrada de luz, o menino sonhava. S. Luiz. Fortaleza. Conhecer um mar, maior do que este rio, sem uma ponte limitando as margens.

Esse mar não existia, o trem nunca foi alcançado, as viagens foram para uma distância que hoje é de minutos, o tempo e as estradas encolheram, como encolheu o menino, procurando se esconder para sempre dos olhos curiosos. Ele estava pulsando destino, que era o destino de sua

A missão do artista é transmitir a esperança e dar aos que o ouvem ou vêem um sentimento palpável do irreal, a lição do inatingível, a aritmética do sonho.

gente — os que molham a cana, os que faziam a desmancha, os que cuidavam do curral, que cortavam a macambira e a palma e decifravam o horizonte em busca de chuva. Um horizonte afinal desvendado quando a garganta se apertou ao ver por cima e de longe, como se fosse a última vez, o rio, as casas entre as folhagens e o pressentimento de que ali ficavam todas as coisas — o menino, as pedras, a chuva, o pai morto, o céu estrelado, a Senhora Santa e uma ingenuidade jamais reconquistada.

A viagem de avião foi como ir para o outro lado do mundo. Ele começou outra vida na terra estrangeira. Ampliaram-se as perspectivas. Matematicamente tudo era maior. As ruas eram mais largas, o movimento mais intenso, havia mais gente, as frutas eram ourras. Mas não se via o céu; ninguém era conhecido e tudo era um outro cosmo nunca imaginado. O fim dessa viagem não foi o começo esperado pelo peregrino ávido de visões e aventuras. O menino continuava metendo, mas se escondendo, meu Deus, se escondendo, quem poderia imaginá-lo, esse menino pobre, pequeno e só em meio à gente grande tão incompreensível? O menino se postava na calçada, olhava e esperava. Esperava o trem, esperava o ônibus, o caminhão, a canoa, esperava o rio. Esperava as histórias e os sonhos e as ambições de sua infância. Esperava que lhe dissessem E sofria no pasto da solidão. Esse menino era um plano onírico que a realidade presente,

diversa daquela de sua infância, de seus amigos, de seu pai, agora avassalava.

A poesia, declamada com as primeiras letras, colecionada nos recortes de jornal, vivida nos pequenos acontecimentos e nas grandes tragédias, chorada no primeiro e ingênuo amor, despontava então. Despontava e se fortificava na tentativa da criação absoluta, o espaço mais longe, as lágrimas de solidão pintadas nos primeiros versos rasgos de dor, revolta, saudade, os instantes e os gestos de um menino exilado. Foi surgindo a primeira noção de que a poesia não é gramática e não há nela nenhum fator artificial. Não há o social, não há o ideológico, não há qualquer conotação de luta ou libertação do homem como ser físico. Há o sofrimento pessoal transmutado no sentimento integral de liberdade, a identificação e a intimidade do lírico, há o pânico e a lágrima, o amor e as penetrantes feridas e cicatrizes da morte.

O poeta não sabe dizer a revolução, a não ser a do bicho humano a debater-se em suas teias e conflitos, relacionando-se com os outros humanos, confabulando com os acontecimentos da natureza.

Um poeta é apenas um poeta. Ele não pode lhes dizer os termos da lei, diagnosticar os remédios, dar as regras da matemática, pontificar nos tribunais ou liderar nas batalhas. Quando poeta, em seu ofício solitário, ele percorre o cósmico, busca a passagem, sangra o sonho e a fantasia e seus olhos são rodas que rolam para além do sem fim, para além do que vêem os outros olhos. Ele não sabe, em seu ofício, o prático e o efetivo, o útil e o imediato, o nesse instante e o daqui a pouco. Sua matéria é o para sempre — o amor, meus filhos cansados, meus absurdos de ser e não ser.

A poesia não pode misturar-se com a política, conter-se em um ideário, ser dirigida. Como não pode haver política em nenhuma forma de arte. Não pode haver na poesia nada que a limite e cerceie. A política e a arte são as províncias anversas do universo humano. Ao poeta e ao artista não cabe outra missão a não ser a de interpretarem e dizerem a emoção e a paixão do mundo. Compete-lhes descrever a liberdade. Compete-lhes dizer a dignidade do homem, como



lhes compete mostrar o alimento e a seiva do homem correndo, suas lágrimas, seu coração aberto, a pele dilacerada. Não lhes compete a vulgarização nem a exploração dos meios do homem, mas a exegese de seus fins maiores. A arte e a poesia, como formas supremas da manifestação do instinto mais perene do homem — a sua aspiração de eternidade através do amor e da morte — estão acima da luta cotidiana de sobreviver.

A arte tem o seu paradoxo. Ela, sendo a amplitude e uma onda cósmica, é, ao mesmo tempo, a forma mais egoísta do ser humano, porque criação de um só. A poesia é solitária, viceja na solidão, é o monólogo do poeta e o seu diálogo com a multifacetada condição humana. Viver a magia da vida e enfrentar as palavras, eis o poeta. Não acredito em quem diz o que não viveu e não enfrenta o que diz. Por fim, a missão do artista é transmitir a esperança e dar aos que o ouvem ou vêem um sentimento palpável do irreal, a lição do inatingível, a aritmética do sonho. O termo do poeta é dizer a vida, falar da mensagem, interpretar a angústia, mostrar o caminho para além da morte e para a superação da morte e, pelo menos de longe, falar a estrada do amor. Ele é a antena, o intérprete, a mensagem. Mas o poeta nãoarma coisa alguma. Ele é a arma, porque detona o sentimento, porque traduz sua matéria-prima, a paixão, esses cavalos selvagens disparados pelo sangue.



A paixão. Ah, essa tentação de ir longe, muito além do longe, procurar o segredo mais guardado, como numa lenda das mil e uma noites, e saher a paixão. A paixão, que é mais que o amor, suprema sobre a morte, sua forma final, fera dominadora acima do homem, governante de seu destino. A paixão pela qual se vive e se morre, que gera e se contém no amor e na liberdade, no orgasmo e na dor, na lágrima e no sorriso, no aprisionamento mais absurdo e na resistência mais inabalável. A paixão de ficar e a paixão de ir. O dado indecifrável, a hora em que não se pensa mais, que está acima da carne e de Deus e de todas as forças conhecidas e controláveis, o instinto absoluto.

Quando o homem nasceu, não sei quantos bilhões de anos atrás, seu primeiro alento, seu primeiro vagido, a força mágica gerada de seu fluido cósmico, que o fez erguer-se e o levou para cima e além, foi a paixão. E quando ele desaparecer, daqui a não sei quantos bilhões de anos, depois do último holocausto gerado por sua paixão, sua última palavra, seu último grunhido, seu último alento, e o que vai manter a sua memória para além de todos os tempos e espaços, nas cinzas e nos marcos perfeitos de sua solidão, será a paixão.

Para o poeta essa é a palavra-chave que tudo sintetiza. O menino, a resistência do pai, as frutas, a chuva, a aurora, o frêmito do sangue, uma gastrura, a garganta que se abre, uma visão de mulher, um alumbramento,

os relâmpagos e a tempestade, sobreviver, a liberdade. Deixem-me outra vez falar da liberdade, que é uma das formas mais magníficas da paixão.

A poesia proclama a liberdade. A liberdade do sol, da seca, do calor, dos frutos e das raízes, dos bichos pobres do chão calcinado, do rio. A liberdade de nosso povo, que sofre tanto, prisioneiro da natureza e dos homens, mas tão livre em seu destino, tão independente em sua fome e em sua solidão sem preço. Ele sofre como os genes fundamentais da terra, como os aluviões que nascem da morro dos rios, como a imperenidade desses rios lutando contra o céu para sobreviver e fertilizar. Mas não se entrega. E é, como esses seres inabaláveis, livres. Inclusive para morrer, quando lhe vem o supremo cansaço.

Não vi ainda, como nesta terra, uma tão forte consciência da liberdade. Talvez somente nas terras de pedra da Grécia e nas terras de areia da África, onde também o sol é o senhor inclemente, exista esta força e este sentimento de ser e estar livre. Um dia perguntei a um velho pescador em Parnaíba, que nada possuía a não ser uma cerca de toscos pauzinhos circunscrevendo e demarcando uma palhoça e um pedaço de nada, se ele não preferiria morar na cidade grande e trabalhar em outra coisa. Ele olhou para o mar de sua vida e respondeu que não. Sua única riqueza era a parte que lhe tocava dos peixes que pescava para os donos dos currais do meio do mar. A roupa do corpo e esteiras de palha. Mas eram dele as dunas, as carnaubeiras, o mar intenso e seu pedaço de nada. E ele era livre.

Essa é a liberdade pura — uma marca de fogo gravada debaixo da pele curada de sol e de sal, que faz do povo que é filho do sol deste lado do mundo uma gente indomável, que vive a sua saga e a sua serra, tão resistente como as cabras, como o juazeiro, como as macambiras. Marca de fogo que a poesia encampa e que os poetas maiores do Piauí, Hidemburgo Dóbal, Mário Faustino, Alberto da Costa e Silva carregaram com eles para o exílio do sul e é a essência de suas poéticas e nos acompanhou pelos lugares estrangeiros, pelos espartos do mundo, pelas saudades de nossa terra, todas essas sagas.

E a poeira que se levantava do chão em nossas correias de infância pelas estradas de barro, pelas calçadas, pelos campos, pelas ruas sem calçamento, se impregnou em nosso corpo, trazendo consigo e estampando em nós, para o infinito, o tio, o pai, os bois, as cabras, os agrestes, a chuva e a seca, o largo, os meninos, o amanhecer, as pedras, os amigos, as frutas e as estradas entre as cidades. E tudo o que vimos depois e tudo o que vemos e tudo o que veremos até o momento do fim, é tão somente a transmutação, a simbolização dessas coisas e imagens de nossa Terra piauiense, essa amalgama de terra, emoção, vivência e saudade, em cujo batir se moldou a nossa alma.

Me pediram para vir aqui hoje e lhes dar um depoimento sobre poesia, falar sobre a poesia. Mas a poesia é tão vasta! Que mais poderia eu dizer-lhes? Não sei nada mais. Sou apenas um menino. Meu pai já morreu. Não encontrei a pedra verde. Nada consegui mudar no mundo. Por onde passei tudo ficou igual. Perdi-me do menino, perdeu-me o pai. Digo-lhes agora somente que estou aqui. Meu único depoimento é dizer-lhes que estou aqui, nesta terra seca, quente e luminosa de onde jamais saí. Obrigado.

Alvaro Pacheco nasceu em Juicós, em 1933 e tem as seguintes obras publicadas:

Os instantes e os gestos - 1958; Pasto da solidão - 1965; Margem do Rio mundo - 1966; O sonho dos cavalos selvagens - 1967; A força humana - 1970; A matéria do sonho - 1972; Tempo integral - 1973; O homem de pedra - 1975; Itinerário - 1983.

Fundou a revista Arquitetura e a Editora Artemónia, hoje uma das maiores do país. Foi redator do Jornal do Brasil, Chefe de Departamento da Eletrobras, participante da Eletrobras, funcionário da Light, do Ministério da Educação e da Universidade do Brasil. Hoje é diretor de cinema.

PESQUISA

Edison Gayoso
Castelo Branco Barbosa

A luta pelo porto marítimo do Piauí

Uma das mais antigas reivindicações do Piauí tem sido a do seu ancoradouro marítimo. Luta secular e justa, cujo objetivo até o momento não foi concretizado.

O litoral piauiense vai da barra de Timonha, que possui em comum com o Ceará, até a baía de Tutóia que partilha com o Maranhão, perfazendo uma extensão, de aproximadamente 67 quilômetros.

Entre Timonha e Tutóia encontram-se as barras de Amarração, Canárias, do Caju, do Meio e Melâncieiras, todas formadas com águas do Parnaíba.

Quando da presença de D. João no Brasil, este príncipe demonstrou interesse pelo assunto, autorizando a criação de uma alfândega na vila de Parnaíba, considerando a dependência da Capitania com relação ao Maranhão e Pernambuco e visando maior liberdade comercial para o Piauí. Entretanto, as considerações do príncipe regente ficaram sem efeito, em que pesem as observações referentes à situação de dependência da Capitania.

Somente a 31 de outubro de 1822 as Cortes Constituintes de Lisboa decretaram a criação da alfândega na vila de São João da Parnaíba, em face de representação da mesma vila, apresentada pelo padre Domingos da Conceição, representante do Piauí junto às Cortes em Portugal.

Pela segunda metade do século XVIII o português Domingos Dias da Silva, residente naquela vila, proprietário de alguns navios, mantinha comércio de importações e exportação com a Europa, por intermédio do porto de Amarração.

Assim, desde muito que Amarração aparecia como o local mais provável para o futuro porto do Piauí.

Segundo Pereira da Costa, em dezembro de 1852, o Ministro da Marinha do Império ordena à Presidência da Província do Maranhão que se fizesse seguir vaso de guerra, posso à sua disposição, para fazer o exame necessário nos portos de S. Luiz, Fortaleza e Parnaíba, tendo em vista a organização de uma companhia de navegação a vapor entre os citados portos. A comissão, incumbida da tarefa, cumpriu a missão, opinando pela barra de Amarração, a despeito de algumas dificuldades constantes na referida barra.

As barras do Parnaíba foram estudadas por Simplicio Dias da

Silva em 1806, pelo tenente Jaufré em 1853, por David Caldas em 1867 e pelo engenheiro Gustavo Dodi em 1869, dentre outros.

Em 1855 foi criada a Capitania dos Portos de Parnaíba, que se instala em junho daquele ano, bem assim a praticagem da barra, cuja inspeção é sujeita à mesma Capitania, com sede em Amarração.

Apesar da barra de Amarração ser frequentada uma vez ou outra por vapores de passagem para as capitâncias do norte e nordeste brasileiros, somente a partir da década de sessenta é que se intensifica o movimento marítimo comercial do Piauí.

O governo da Província firma contrato em 1872 com a Companhia Pernambucana de Navegação a Vapor para que esta prolongasse suas viagens até o porto de Amarração no lugar Portinho, às margens do Parnaíba, ficando a Companhia obrigada a manter armazéns e trapiches, com as respectivas acomodações de passageiros e cargas. Em vista de não corresponder às obrigações contratuais, a Província extingue a subvenção cedida. Posteriormente, a Companhia Pernambucana retorna suas atividades ao porto de Amarração, permanecendo até a primeira década do século atual.

Em 1872 o Ministro da Mari-

nha autoriza a construção de farol de Amarração, sob a orientação do engenheiro Newton Cesaf Burlamaqui.

Motivado pela construção de um porto marítimo em seu território, tendo em vista a expansão de suas atividades comerciais, o Piauí cede ao Ceará dois dos seus mais importantes municípios àquela época — Príncipe Imperial e Independência, hoje Crateús, recebendo em troca uma pequena faixa litorânea, então chamada Amarração, com aproximadamente 67 quilômetros de extensão.

Durante muito tempo, o porto de Amarração ficou praticamente abandonado, nada se fazendo para melhorar suas condições.

Não obstante, no fim da primeira década do século atual, faziam escala obrigatórios, no citado porto, as seguintes companhias de navegação: Companhia Pernambucana de Navegação, Empresa Lorniz, Companhia Baiana, Companhia Maranhense e Lloyd Brasileiro.

Pela década seguinte, continuavam escalando em Amarração os costeiros do Lloyd, a Companhia Baiana, os costeiros da Companhia Maranhense, bem como a Companhia Costeira Lage & Irmão, a Booth e um ou outro navio estrangeiro.

Quando se procurou conquistar a independência comercial do Estado com a abertura do porto de Tutóia, em face de Amarração vir sofrendo efeitos do assoreamento, este foi quase abandonado, retornando novamente a ser considerado diante das vantagens e conveniências que resultariam de possuir o Piauí, dentro de seus limites territoriais, recursos próprios para o desenvolvimento de seu comércio e de sua indústria.

Infelizmente, muito teria ainda de reivindicar e esperar para que se efetivasse a construção de ancoradouro próprio e condi-

zente dentro de seu território.

Relatórios e outros documentos dizem da situação de dependência do Piauí, com relação a seus vizinhos.

A situação como tributário de outras unidades limítrofes decorria principalmente da falta de porto marítimo, das condições geográficas, da ausência de vias de comunicação e da impossibilidade de fiscalização nas suas fronteiras.

A partir do desenvolvimento comercial de Parnaíba, face sua situação próxima ao litoral, para onde se dirigiam os produtos de exportação e onde se encontravam as principais casas comerciais, intensificou-se a luta pelo porto marítimo.

Em 1910 o Governo do Estado e a representação piauiense acordaram um plano de ação junto ao Governo Federal e ao Congresso Nacional, objetivando realizar o programa administrativo traçado no Estado. Dentre as medidas preferenciais pleiteadas à Câmara e ao Senado, figurava o porto de Amarração.

No ano seguinte foi designado o engenheiro Manoel Carneiro de Sousa Bandeira para estudar os portos da embocadura do Parnaíba e as condições de navegabilidade do rio até Teresina. O resultado dos estudos do engenheiro Bandeira diz das vantagens do porto de Amarração, cujo melhoramento "é susceptível de uma solução que não exige grande sacrifício", recomendando ao governo o estudo do atuado ancoradouro.

A comissão chefiada pelo engenheiro J. Mendonça, incumbida de estudar o porto de Amarração e melhoramentos solicitados para a navegação do rio Parnaíba, preocupou-se mais com a fixação das dunas do litoral e a construção do cais no porto de Parnaíba. Depois, a deflagração europeia iria concorrer para que os trabalhos fossem paralisados, continuando os piauienses sem porto marítimo condizente para suas atividades comerciais.

Em 1922, após ingentes esforços da representação federal do Estado, foi que o Presidente Epitácio Pessoa decretou a construção do porto por ato de 12 de agosto do mesmo ano. Os serviços para tal foram contratados pela Companhia Inglesa Norton Griffiths, que logo depositou no local material necessário para iniciar das obras, sob ordens do

engenheiro Lamarque. Porém, ao assumir a Presidência da República, Arthur Bernardes rescindiu o contrato, sendo o material transportado para outras regiões do país, com a alegação de medida de economia.

A decisão por demais nociva aos interesses do Piauí não desanimou aos piauienses, que retornaram a insistir no assunto, conseguindo o Estado, a 21 de junho de 1929, por contrato, autorizado pelo decreto nº 18.816, da mesma data, o direito de construir e explorar o porto, pelo espaço de 60 anos.

O decreto legislativo federal, nº 5.751, de 27 de dezembro daquele ano, autorizava forneces ao Estado, para construção do porto, a quantia de R\$ 10.000.000,000, além de determinar a revisão do contrato registrado no Tribunal de Contas a 21 de agosto de 1929.

Ineficientemente, a resolução não se efetuou, e a construção do ancoradouro marítimo do Piauí foi novamente adiada.

As importações e exportações piauienses realizadas pelo porto de Turiá, em território maranhense, deram lugar a polêmica na imprensa de Parnaíba e Teresina. A maioria, contudo, defendia a implantação do porto de Amarração, por ser genuinamente piauiense. Neste grupo destacam-se Armando Madeira, Presidente aquela época da Associação Commercial de Parnaíba, e Lima Rebelli, que organizaram e conduziram ardorosa campanha em defesa da economia do Estado, visando a construção do porto de Luiz Correia, antiga Amarração.

Turiá, embora oferecesse maior profundidade, ficava, todavia, em território maranhense. Depois, afora a distância deste porto a Parnaíba, cerca de 90 milhas, o Maranhão impunha aos produtos piauienses em trânsito, taxas de armazenamento, capatazia, estatística, entre outras.

Na década de quarenta, os produtos exportados para o exterior em sua maioria era de carnaúba, amêndoas de babaçu, folhas de jaborandi, tucum, couros e peles, mamona, algodão. De importação abrangiam os tecidos de linho, vinhos, whisky, bacalhau, azeite, doces portugueses, dentre outros.

Para portos nacionais, exportava-se os mesmos produtos destinados ao exterior. Por sua vez, destes portos, recebiam principalmente açúcar, café, tecidos, cimento e mercadorias em geral.

As exportações poderiam ter sido aumentadas, de maneira considerável, se a construção do ancoradouro se tivesse efetivado, trazendo maior incentivo ao comércio e às fontes de produção da região.

Lamentavelmente, mas algumas décadas seriam passadas, ficando o comércio piauiense dependendo para suas transações dos portos de Turiá e Amarração, hoje Luiz Correia, cuja funcionamento, em condições precárias, satisfaziam em parte as necessidades do comércio regional.

Com o declínio da navegação de cabotagem no Brasil, a situação só se agravou, pois o movimento nos respectivos portos pouco a pouco declinaria, até extinguir-se em Luiz Correia nos dias atuais, permanecendo em escala insignificante no porto de Turiá.

Somente no governo do Presidente Castello Branco foram recomendados novos planos para o reinício das obras em Luiz Correia.

O tema foi objeto de vários estudos entre os quais merece destaque — "Porto Marítimo do Piauí — Memória sobre os Ancoradouros" — publicado em 1968 por Mariom Lima Rebelli, engenheiro do antigo DNPVN. Este trabalho visava incentivar a colheita de local situado no litoral do Piauí ou no delta do rio Parnaíba, capaz de permitir a implantação de pequeno porto marítimo, que viesse atender às necessidades de escoamento de mercadorias para a região.

Finalmente, no governo Médici, depois de estudos em torno das baías de Turiá, Luiz Correia e Timonha, foi eleita a baía de Luiz Correia, antiga Amarração, para construção do porto piauiense.

Iniciadas as obras em abril de 1976, estas se arrastam através dos anos.

Algum dia, talvez, o Piauí possa usufruir das vantagens de seu ancoradouro marítimo, sonho secular dos piauienses. Este porto, articulado à navegação do rio Parnaíba, poderá trazer novos rumos e novas esperanças à economia da região.

Poetas de Ontem Hoje



CROMWELL BARBOSA DE CARVALHO, 1883

GLÓRIA

Glória! Pálio de luz, imenso e aberto
sobre os heróis do amor, e do talento.
Feliz quem sai do teu fulgor coberto
Nas lutas imortais do pensamento.

Trono de brilho, sem rival, referto,
Em que somente o gênio româ assento.
Glória! Hás de ser, eternamente, e certo,
O prêmio inconfundível do portento.

Glória! Laurel de campos de batalha,
Ao brado da vitória, que se espalha.
Glória! anseio insofrido da vaidade

Daqueles que te almejam,
Sem que, porém, para alcançar-te, estejam
Em condições de superioridade.

Nascido no Amarante, Piauí, a 28 de dezembro de 1883. Formado em Direito pela Faculdade do Recife, em 1907, prêmio da Congregação como o aluno mais distinto. Juiz de Valença e Floriano. Promotor dos Feitos da Fazenda Nacional em Teresina. Advogado da Intendência Municipal. Promotor Público de Caxias, Maranhão, onde fundou e

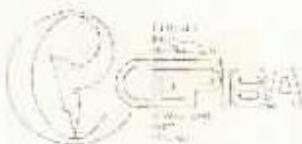
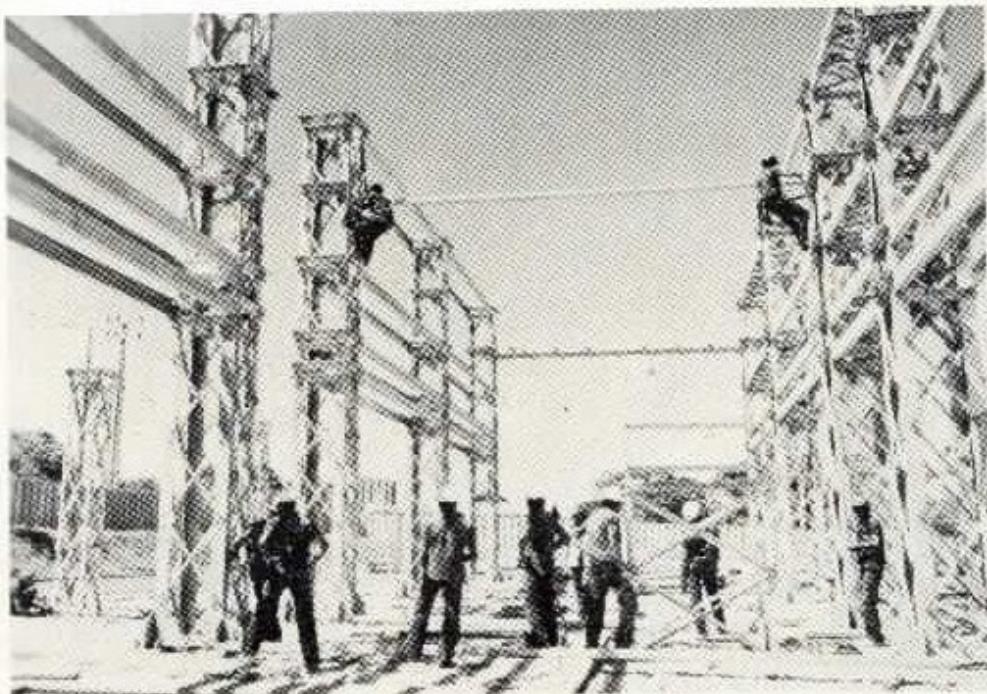
dirigiu O Bloco (jornal). Secretário de Estado da Fazenda. Promotor da Justiça Criminal em Teresina. Desembargador do Tribunal de Justiça do Piauí. Chefe de Polícia. Um dos fundadores da Faculdade de Direito do Piauí, em que lecionou a primeira cadeira de Direito Penal. Diretor da mesma Faculdade que o

homenageou com o seu busto, em bronze. Jornalista e político, jurista e sociólogo. Dirigiu o jornal O Piauí. Usou na vida literária o pseudônimo de João do Vale. Membro efetivo da Academia Piauiense de Letras, cadeira nº 3, substituindo a Fenelon Castelo Branco. Faleceu em Teresina, a 10 de novembro de 1974.

CEPISA

amplia a capacidade das subestações no interior do Estado.

ara que a energia elétrica distribuída no interior do Estado seja de boa qualidade, a exemplo do que ocorre em Teresina após a construção das subestações de Parnaíba e Marqués, a Cepisa vem ampliando a capacidade das subestações de alguns municípios. Dentro desse propósito já foram beneficiadas, neste primeiro ano de Governo Hugo Napoleão, as subestações de Altos, União, Bertolínia, Uruçul e Parnaíba, no que foram aplicados recursos da ordem de duzentos milhões de cruzeiros.





Exija a nota fiscal

AGORA TODO MUNDO SAI GANHANDO

ARRECADAR É CRESCER



BOM PARA O PIAUÍ MELHOR PARA VOCÊ

SECRETARIA DE FAZENDA
GOVERNO HUGO NAPOLEÃO